



Nós e a Pandemia

VOLUME II

alias



INSTITUTO FEDERAL
Ceará

Nós e a Pandemia

Volume II

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Ceará – IFCE
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação
e Inovação – PRPI

Reitor

José Wally Mendonça Menezes

Pró-Reitor de Administração
e Planejamento

Reuber Saraiva de Santiago

Pró-Reitora de Ensino

Cristiane Borges Braga

Pró-Reitora de Extensão

Ana Claudia Uchoa Araújo

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas

Marcel Ribeiro Mendonca

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e
Inovação

Joélia Marques de Carvalho

Editora-Chefe

Anna Érika Ferreira Lima

Conselho Editorial

Anna Érika Ferreira Lima (IFCE)
Auzuir Ripardo de Alexandria (IFCE)
Joelia Marques de Carvalho (IFCE)
Antônia Lucivânia de Sousa Monte
(IFCE)

Cassandra Ribeiro Joye (IFCE)
Cidley Teixeira de Souza (IFCE)
Elias Teodoro da Silva Júnior (IFCE)

Francisco José Alves de Aquino (IFCE)

Gilberto Andrade Machado (IFCE)

Glória Maria Marinho Silva (IFCE)

Ialuska Guerra (IFCE)

Kelly de Araújo Rodrigues Pessoa (IFCE)

Marcus Tullius Soares Falcão (IFCE)

Maria de Lourdes Macena Filha (IFCE)

Maria Lindalva Gomes Leal (IFCE)

Paulo César Cunha Lima (IFCE)

Rinaldo dos Santos Araújo (IFCE)

Mesa Editorial

Anna Érika Ferreira Lima

Auzuir Ripardo de Alexandria (IFCE)

Secretaria Editorial

Sara Maria Peres de Moraes (IFCE)

Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Ceará –
IFCE – CONEXÕES – CIÊNCIA E
TECNOLOGIA

© 2021 Aliás Editora
© 2021 Instituto Federal do Ceará

Edição executiva
Anna K. Lima
Isabel Costa

Diagramação e projeto gráfico
Jéssica Gabrielle Lima

Organização
Robson Campanerut da Silva
Ana Amelia Rodrigues de Oliveira
José William Moreira Moreno
Mailton Nogueira da Rocha
Marcelo Aguiar Távora
Nadya Brito Gurgel Correia Dutra
Márcio Monteiro Cunha
Robson Pontes Custodio
Zilfran Varela Fontenele

Todos os direitos desta edição reservados à Aliás Editora
www.aliaseditora.com
[@aliaseditora](https://www.instagram.com/aliaseditora)
[/aliaseditora](https://www.facebook.com/aliaseditora)

Catálogo na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166
236n

Nós e a Pandemia / Instituto Federal do Ceará – IFCE [OCHE] – Fortaleza : Aliás, 2021.

(Nós e a Pandemia, volume 2)

Pdf 236 p.

ISBN 978-65-86800-26-5

1. Artigo 2. Pandemia. 3. Miscelânea I. IFCE, II. Título.

CDD 009

Índice para catálogo sistemático

I. Miscelânea

Os conteúdos dos capítulos publicados neste livro são de inteira responsabilidade dos seus respectivos autores, não refletindo, necessariamente, a opinião da organizadora do livro.

Sumário

Apresentação	8
Dreinstein	44
Elite RCM	48
Em busca do conhecimento	52
Enquadrados	56
Espartanas	60
Exploradoras do tempo	63
Fênixx	67
FGGTRÊS	71
FGGQUATRO	76
Filhas de Frida do Sertão	81
Filhas de Quitéria	84
Filhas de Zetkin	88
Filhos da terra	92
Filhos do cortiço	96
Filhos do Vale	99
Filhotes de Bauman	102
Flores do Sertão	105
Fortim do Conjunto	109
Furacão II Mil	113
Fusca atirador	118
Gakusei no namae	121
Garapa	124
Girassol vol. seis	128
Golden trio	132
Gudarna i Olympus	136
Guerreiros de Alencar	140
Gurus do Ceará	144
Harpia	148
Humanas LG	151
Humanitas	154
IUGI para sempre	159
Jericoacoara	163

Juá	167
Kariris	171
Legião de Iracema	174
Lírius	178
Losers Club	182
Lourdes e os Vinicius	186
Magote de matuto	190
Malala	194
Maria Rapadura	197
Marmininos	201
Máximus Fidalgo	204
MEMCLA	208
Menina Benigna	212
Meninas Mandacaru	216
Nirvana	220
Nordestinas raízes	224
O Rebate	227
Ochenti	232

Apresentação

A Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE) é um projeto de inspiração e vida que tem em sua história o Orgulho de um povo, o jeito Cearês de se comunicar, a Humanidade das ciências e, de forma ímpar, a Essência do espírito livre, da ousadia, do atrevimento e por meio da participação de estudantes, professores, pais e demais familiares, a descoberta e divisão de novas experiências e saberes que se relacionam com as diversas formas de aprendizagem. Sua primeira versão, inimaginável, aconteceu no IFCE campus Caucaia, em 2019, e congregou neste município de Serra, Sertão e Mar um cenário empolgante de trocas de experiências, conhecimentos e paixões pelas ciências. E foi nesse calor que acendemos em Caucaia (cuja denominação de origem indígena quer dizer “mato queimado”, “vinho queimado” ou ainda “queimado”) a primeira tocha olímpica da OCHE.

A segunda versão aconteceu em 2020 e mais uma vez se renovando e desafiando o inimaginável. Esta versão foi realizada, por conta da pandemia de Coronavírus, de forma totalmente online. Enfrentamos desafios diversos de conectividade e inclusão, e neste vale de batalha mais uma vez a OCHE venceu e mostrou-se ainda mais GIGANTE e APAIXONANTE.

A Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE) começou a ser sonhada a partir do

atrevimento de um grupo de professores e técnicos administrativos, que se reuniram posteriormente na sala da Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação (PRPI) do IFCE e começaram a rabiscar o modelo, e (.....) após meio mundo de conversas e debates o modelo foi fechado, depois o nome foi fechado: “tem que ser um nome bem cearense, bem nordestino”, e veio então o popular OXE que virou OCHE. Em sequência posterior veio o desafio de se desenvolver um sistema informatizado, em pouco tempo, mas este também foi superado pela garra dos professores e alunos do GDESTe, um laboratório de desenvolvimento do IFCE.

Assim nessa breve história, que um dia, futuro próximo, será pesquisada em uma das questões da OCHE, quero apresentar a todos os leitores deste livro, que a paixão move montanhas, que o acreditar faz coisas impossíveis tornarem factíveis, que o atrevimento é necessário, que as ciências humanas, em todas as suas dimensões e formas, são reflexo de nossa existência.

A OCHE tem a mística de despertar os talentos de forma colaborativa e participativa, ela não é uma olimpíada com foco na competitividade em si, ela possui uma metodologia de pesquisa que potencializa a criatividade, a superação de desafios e principalmente permite que a prática docente extrapole a sala de aula tradicional permitindo uma interação positiva no conjunto aluno-professor-escola. A OCHE estimula as equipes a pensarem fora “da caixa”, contribuindo assim para expansão e compreensão do universo da aprendizagem além de estimular o protagonismo dos estudantes.

Finalizando, nem nestas linhas aqui escritas, e nem em nenhuma unidade de medida, caberá ou poderá

ser adequadamente medida, o campo de pensamento que a OCHE criou. Aqui tem o esforço coletivo de pessoas que acreditaram e acreditam que a educação é um trabalho de equipe cuja maior estrela é partilhar o conhecimento e acreditar que todo dia é um dia de aprendizado. Por aqui “acabOCHE” esse prefácio e para as próximas versões da OCHE monte sua equipe e venham participar.

Prof. Dr. Jose Wally Mendonça Menezes
Reitor do Instituto Federal do Ceará - IFCE

Nós nos encontramos em “Nós e a Pandemia”

O que seria apenas mais uma etapa, a quarta e última da segunda Edição da Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE) - 2020, exigindo das equipes, constituídas por um(a) docente e três estudantes, a produção de artigos de opinião abordando o tema “Nós e a Pandemia”, transfigurou-se em lenitivo coletivo para mentes e corações. Expectadores (e vítimas) deste tempo de milhares de perdas humanas e instabilidades emocionais devido à COVID-19, no Brasil e no mundo, o simples e mágico ato da escrita proporcionou-lhes catarses que se converteram em registros pessoais e históricos dos mais valorosos e imprescindíveis.

Transcendendo a própria proposta da OCHE, de que deveriam ser elaborados textos à guisa dos das colunas de jornal ou revista para exposição ou visão acerca de aspectos marcantes dos tempos vividos (pelas equipes) nos tempos pandêmicos de 2020, tamanho fora o júbilo de todos nós, componentes da comissão e avaliadore(a)s das produções textuais, diante dos relatos tão legítimos e tocantes, invadidos pela saudade e impacto da parada súbita das aulas presenciais e implementação do ensino remoto em caráter de emergência. Sentimos a mesma dor e insegurança quanto ao porvir. A empatia foi nossa corrente. Revivíamos, em cada leitura e releitura, seus medos e, também, revigorávamo-nos com a esperança da vitória da Ciência (contra este mal global), exaltada por todas

as equipes.

A apologia dada aos cientistas, que incansavelmente estiveram (e ainda continuam) nas horas intermináveis de trabalho no desenvolvimento de vacinas e testes em voluntários, unindo os Continentes todos, bem como a unânime exaltação aos médicos, enfermeiros, técnicos em Enfermagem e demais profissionais da saúde, no enfrentamento deste deletério vírus, indubitavelmente foram elos entre os artigos aqui coligidos. As ações altruístas, em auxílio aos mais vulneráveis da vizinhança, realizadas em suas unidades escolares e a alusão às práticas solidárias por todo o Município, Estado, Nação e em outros Países emolduraram grande parte dos artigos de opinião deste trabalho. Houve, também, a reiterada validação das medidas de biossegurança, como o uso obrigatório de máscaras quando do ir e vir da população; uso disseminado de géis antissépticos à base de álcool; implantação de barreiras sanitárias intermunicipais; toques de recolher; distanciamento social e defesa do acirrado lockdown, que ainda não ocorreu verdadeiramente em nosso País.

Não raramente, então, deparamo-nos com textos patenteadores dos seus dissabores frente a visões e ações de gestores, no Brasil e em outros países, negacionistas da doença e que minimizam ou minimizavam o número cada vez maior dos que haviam sido sucumbidos pela doença. Desditoso tempo de insensibilidades e incongruências, que levaram populações a, igualmente, desdenharem dos mortos e só pensarem na Economia, que não poderia parar nem perder mais dividendos.

Artigos de opinião extremamente humanistas são a tônica desta coletânea virtual. Foram elaborados por Estudantes e Docentes de Instituições Escolares das

redes pública e privada do Estado do Ceará e, neles, muito dos seus bastidores precários para a participação do ensino a distância foi revelado, quer seja pela saúde mental extremamente abalada, quer seja pela ausência de conectividade ou inexistência dos aparelhos de celulares ou congêneres, nos lares de muitos discentes. A infeliz realidade da discrepância ou abismo social foi amplificado pela exclusão digital e muitas Equipes descortinaram esta verdade de penúria para Todos e Todas Nós, seus leitores, ávidos por leituras calcadas na realidade e isentas de alienação. Consoante a isso, como verdadeiros agentes de seu tempo, deste nosso tempo de Pandemia, apresentaram engajamentos em campanhas on-line como #fiqueemcasa e #adiaoenem.

Ares irreverentes também são contraditórias, desde as escolhas dos nomes de muitas Equipes, como ocorre em “Arreégua” e “Oxe Chente”, apologéticos da nordestinidade. Criatividade e telurismo cearense firmaram-se e confirmaram-se: “Juá”, “Kariris”, “Comedores de Cocada”, “Atenas do Nordeste”, “Cuscuz com Ovo” e “Corra Linda”. Inquestionavelmente originais e leves, de modo a conseguir amenizar, de certa forma, a temática primordialmente trágica norteadora dos artigos que estavam em elaboração. Contemplemos, agora, parte das suas geograficidades: juazeirense; sobralense; icoense; iguatense; milagrense; horizontino; ipueirense; ubajarense; pacotiense; maracanauense; aquirazense; fortalezense, sem deixar de aludir, por exemplo, o bairro Grande Bom Jardim.

O protagonismo estudantil foi extremamente evidenciado, muitas vezes com estruturas lexicais em espontaneidade ou prosaísmo linguístico e, também, em espécie de treinamento formal, como se estivessem – paralelamente – reforçando preparatórios para a produção textual dissertativa-argumentativa do Exame

Nacional do Ensino Médio (ENEM). Reiteramos, claro, que nosso gênero textual exigido não fora o texto em prosa dissertativo-argumentativo nem usamos os critérios de correção da Redação do ENEM, mas valorizamos todo o esforço das equipes, que em tempos de tantas fragilidades deste tempo enfermício, como as que anteriormente foram citadas, também usaram de estratégias fortalecedoras de suas múltiplas leituras, aprendizagens e exercícios.

À tona vieram, também, como verdadeiros presentes destas vivazes Equipes, intertextualidades, a citar alguns exemplos: de cunho literário, deleitando-nos com versos de Antônio Gonçalves da Silva, o nosso magistral Patativa do Assaré; histórico, ao citar a terrível epidemia de varíola no Ceará, em 1878, e a abjeta Febre Espanhola, que perdurara de 1918 a 1920; artístico, em alusão ao pintor pré-Expressionista holandês Vincent van Gogh, e filosófico, em referência à germânica Hannah Arendt, combatente do antissemitismo. Em meio ao confinamento, na segunda metade de 2020, tentando superar tantos planos frustrados e assombros, Docentes e Estudantes cearenses foram tenazes e nos presentearam com criações textuais excelsas, frutos dos seus anseios pela disseminação dos saberes e catarse pelos dias e noites de aflição.

“E mais”, como nos diria um dos maiores expoentes da Literatura Brasileira, o autor mineiro João Guimarães Rosa: as Equipes destes artigos de opinião ainda tiveram a primazia da inserção de fotografias ou memes autorais, apresentando teores poéticos, críticos e líricos, e/ou exibição de imagens de jornais e revistas de renome, com os devidos créditos e datas de acesso, tornando ainda mais rotundos os artigos deste material de excelência, no universo cibernético, acerca dos seus olhares e registros quanto à primeira onda deste letal

coronavírus. Aqui estão coadunados textos verbais e visuais que não nos deixarão olvidar o quanto foram meses (que não terminaram) de angústias, desafios, perdas humanas e financeiras.

O presente E-Book “Nós e a Pandemia” deve ser lido e relido, pois nos conta, sob óticas sensíveis, díspares e sensatas, o quanto somos sobreviventes deste caos, e fadados a lidar com a inexorável saudade dos entes que partiram e a não desistir de nos irmanar, sempre, incessantemente. Os artigos de opinião desta cibernética obra literária são lumes nestes tempos de ínvios caminhos. São registros coletivos de resistência e confiança... que nos abraçam, nestes tempos de hiato, e nos conçoçam.

*Nádyá Gurgel*¹²

Professora de Português - IFCE Campus Itapipoca
Membro da Comissão Organizadora da OCHE Ceará

¹ Romancista, contista, ensaísta e poeta, membro da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil (AJEB), desde 1999, e Professora Efetiva EBBT de Língua Portuguesa do IFCE, desde julho de 2016, e lotada no Campus Itapipoca, desde 2019.

² Texto concluído no fatídico dia 15 de março de 2021, quando o Brasil totalizava mais de 278 mil mortos pelo COVID-19.

O ano de 2020 começou repleto de sonhos e desafios para todos, especialmente para nós que compomos a Comissão Organizadora da OCHE Ceará. Estávamos muito empolgados e extremamente felizes com a primeira edição da Olimpíada, ocorrida no segundo semestre de 2019, com as repercussões positivas e acima de tudo com a motivação de seguir em frente, gerada pelos sorrisos, agradecimentos e gestos de carinho que recebíamos de estudantes e docentes, tanto por meio de redes sociais quanto no encontro maravilhoso ocorrido na final presencial no Campus Caucaia do IFCE.

Caminhávamos para uma segunda edição grandiosa, com apoio entusiasmado do então Magnífico Reitor Virgílio Augusto Sales Araripe e do então Pró Reitor de Pesquisa e Extensão e atual Magnífico Reitor do IFCE José Wally Mendonça Menezes, que novamente garantiam as condições necessárias e fundamentais para a realização desta iniciativa. Ampliávamos apoios e simpatias de gestores e servidores do IFCE. Nos reunimos com diversos Secretários Municipais de Educação, gestores escolares e representantes do Governo do Estado do Ceará, tanto na Secretaria de Educação, onde sempre tivemos excelente receptividade e grande apoio de Ianne Nobre, Cannigia Carneiro, Raquel D’Albuquerque; e na Secretaria de Ciência e Tecnologia, através do Secretário Inácio Arruda e sua equipe.

Pensávamos em questões, calendário, melhorias, divulgação, ... na feijoada ... (Para o leitor que não entendeu, na final presencial realizada em novembro de 2019 no Campus Caucaia do IFCE, sob direção do amigo e professor Jefferson Queiroz Lima, foi servido aos presentes uma das feijoadas mais gostosas que já comemos. Isso foi confirmado por quem lá estava! Pergunte a quem foi...)

A vida seguia normalmente.

Os canais de notícias abordavam que um vírus surgira na China e causava doença similar a uma gripe forte, mas que evoluía para grave infecção respiratória. Ao mesmo tempo as notícias veiculadas falavam de restrições sanitárias de vários países e ações do governo chinês para conter a disseminação do vírus. Confesso que achei que não seria algo tão grave, pois já tinha visto situações semelhantes gerarem preocupação, tais como as epidemias de H1N1 e Ebola, que foram controladas. Achei que a COVID-19 seria controlada. Infelizmente me enganei. Nos enganamos.

Cidadãos de diversos países saíam da China. Nações repatriavam cidadãos em vôos exclusivos. Me recordo da repatriação de brasileiros, tardia, como na maioria absoluta das situações que envolveram ações de combate à pandemia pelo Governo Federal. Os brasileiros que voltaram da China foram trazidos em um avião exclusivo para este fim e ficaram isolados em quarentena no estado de Goiás. Mas o vírus já estava se espalhando rapidamente pelo mundo. Não houve jeito, pois no mundo globalizado e em um Ceará que faz parte de rotas turísticas nacionais e internacionais, os contágios foram muito intensos e rápidos.

Muitos continuavam negando a gravidade da situação e se recusando a se cuidar e cuidar dos outros, infelizmente motivados por lideranças políticas nacionais e estrangeiras, o que dificultou e dificulta no combate à pandemia.

Desemprego e aumento da miséria já vinham se acentuando no Brasil. A pandemia agravou a situação, mas não a causou. Que isso fique registrado. As medidas restritivas começaram a chegar até nós junto com as notícias que cresciam os números de contaminações e mortes, inclusive de amigos e familiares. Escolas fechadas e diversas atividades suspensas. Parou o futebol e quando voltou, os estádios não podiam receber torcidas. Aulas remotas se tornaram a nova prática para professores e professoras que não dominavam tecnologias e tiveram que “se virar” para não perder seus empregos. Impossibilidade de aulas remotas para estudantes de escolas e universidades públicas que não tinham acesso à internet em seus domicílios, ou se o tinham, de maneira muito precária. Estudantes de escolas públicas foram os mais afetados.

A ONHB foi adiada e depois confirmada a sua edição de forma online. Confesso que pensei e propus a reflexão sobre o adiamento da OCHE 2020. Professor Wally imediatamente vetou esse pensamento, com sua energia positiva de sempre, e afirmou que a continuidade era importante, e portanto, faríamos a OCHE “nem que fosse para 10 ou 100 participantes!”. Mas no ano de 2020, infelizmente não teríamos a feijoada em Maranguape¹...

Tomada a decisão, o trabalho fluiu, até por que a cada dia me convenço que temos a melhor equipe para se trabalhar. Trouxemos a reflexão sobre nossa realidade

¹ A final presencial da OCHE 2020 estava definida para o Campus Maranguape do IFCE.

para o centro das discussões. Analisamos a Pandemia e seus reflexos em todas as fases da OCHE 2020.

Para a última fase, decidimos prestar um serviço a aos guerreiros e guerreiras que em meio a tantas dificuldades e atividades, decidiram se divertir e aprender um pouco mais conosco. A ideia é que falem, se expressem, reflitam, deixem fluir seus sentimentos escrevendo sobre suas experiências pessoais e coletivas diante da Pandemia.

Ao mesmo tempo, desejamos prestar um serviço à sociedade e às gerações futuras, imortalizando estes relatos através desta obra, permitindo que, no futuro, a pesquisa e o conhecimento continuem a ser o principal mecanismo de desenvolvimento humano. Desejamos contribuir para a valorização da História e da Memória como instrumentos de reflexão e conhecimento do passado, permitindo que erros sejam veementemente repelidos e nunca mais repetidos.

Esta obra é um relato histórico e tem algo de muito inovador, que é apresentar uma coletânea formal de textos e reflexões produzidos pela chamada “Geração Z”, abrindo espaço de manifestação acadêmica a experiências de atores sociais que viveram a pandemia de SARS-COVID 2019 e têm as redes sociais como espaço fundamental de manifestação, algo incomum em gerações anteriores.

São muitas as fontes sobre nossa realidade, mas trago alguns números deste momento em que editamos esta coletânea. Estamos em março de 2021. Há exatamente um ano a COVID-19 foi declarada Pandemia Global pela Organização Mundial de Saúde. As medidas restritivas e suspensão das aulas tiveram início em nosso estado no dia 19 de março, dia de São José,

considerado pelos católicos como o padroeiro do Ceará. Os EUA acabam de anunciar vacinação para toda a população do país para o início de maio. Enquanto isso o Governo Federal Brasileiro mantém atitudes dúbias, críticas a medidas restritivas e nega fatos concretos, como o colapso evidente e declarado por gestores locais nos sistemas de saúde de vários estados e municípios². Em todo o Brasil, hospitais públicos e privados anunciam não ter mais leitos disponíveis, especialmente para pacientes graves que necessitam de UTI, fatos comprovados pelos dados de casos e óbitos crescentes e que colocam o Brasil, neste momento, no epicentro da pandemia no mundo³. Há cerca de um mês faltava oxigênio nos hospitais de Manaus – AM. Esta semana somos avisados que o estoque de oxigênio é muito baixo e existe risco de escassez, inclusive no Ceará⁴.

A vacinação no Brasil teve início no final de janeiro, trouxe e traz muita esperança e vemos a comemoração de pessoas sendo e tendo familiares vacinados. Todavia, este processo tem sido muito lento e de certa forma desorganizado, além de ter enfrentado dificuldades impostas por um Governo Federal que, diante de críticas, tem mudado suas atitudes nos últimos dias e demonstrado maior esforço em garantir a aquisição de vacinas e insumos⁵.

As águas de um março de 2021 chuvoso no Ceará, que também começam neste mês a chegar no açude Castanhão, a partir da transposição do Rio São Francisco, são acompanhadas pela esperança de aproximadamente 11,4 milhões de doses de vacinas

2 <https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2021/03/com-estados-em-colapso-por-covid-pazuella-diz-que-sistema-de-saude-nao-colapsou-nem-vai-colapsar.shtml>, acesso 15 mar. 21.

3 https://susanalitico.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html, acesso 15 mar. 21

4 <https://www.opovo.com.br/coronavirus/2021/03/13/quase-40-cidades-cearenses-correm-risco-de-falta-de-oxigenio--diz-aprece.html>, acesso 15 mar. 21.

5 <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2021/03/10/bolsonaro-muda-tom-e-diz-que-brasil-tera-400-milhoes-de-doses-de-vacina-em-2021>, acesso 15 mar. 21.

aplicadas (sendo pouco mais de 8,5 milhões de pessoas que receberam apenas a primeira dose, enquanto pouco mais de 2,8 milhões receberam as duas doses, entre idosos e profissionais de saúde)⁶, mas também pela dor das famílias de mais de 278 mil vítimas da doença, número que tem crescido nos últimos dias⁷. Ressaltamos nossa dor e prestamos solidariedade a familiares e amigos.

Compartilhamos dor e esperança.

Presto minha total solidariedade, reconhecimento e agradecimento a professores e professoras das diversas esferas, por demonstrar mais uma vez que são o sustentáculo e guias fundamentais para o conhecimento e a educação em nosso país, além de manterem uma heroica conduta de continuar e seguir em frente, não só caminhando, mas engatinhando ou rastejando, na maioria absoluta das vezes, não passando por cima, mas convivendo com e carregando cada dificuldade, desafio, perdas, medos, afazeres pessoais, dramas e tudo o mais que nós que labutamos na área da educação sabemos e vivemos.

A distância mostra quão fundamental é e sempre será a escola enquanto ambiente de saberes, aprendizagens, convivência, vivência, debate, igualdade, diversidade e respeito.

Uso ainda este espaço para prestar minha solidariedade a todos e todas estudantes cearenses ceifados de estudar ou participar da OCHE 2020 por questões socioeconômicas. Suas importantes vozes tradicionalmente excluídas infelizmente não poderão ressoar nesta coletânea, não por vontade nossa, mas por dura imposição de uma realidade que insiste em se perpetuar

⁶ https://viz.saude.gov.br/extensions/DEMAS_C19Vacina/DEMAS_C19Vacina.html, acesso 15 mar. 21.

⁷ https://susanalitico.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html, acesso 15 mar. 21.

em nosso país.

Esta realidade social e econômica do Brasil e do Ceará, marcada por profundas, revoltantes e inaceitáveis diferenças, impede que estudantes que não possuem quase ou nenhuma estrutura residencial e familiar encontrem na escola alimentação, apoio, amizades e mesmo o acesso à internet, que possibilitaria estar participando da OCHE e relatando aqui suas vivências e experiências diante deste momento difícil que vivemos.

Apesar de novamente calados pela dura realidade, vocês não foram esquecidos por seus colegas nem por nós.

Zilfran Varela Fontenele

Professor de História - IFCE Campus Crateús
Membro da Comissão Organizadora da OCHE Ceará

Quando fui convidado a participar da OCHE, me senti honrado em fazer parte de um grupo de professores capacitados, competentes e com disposição de pensar e divulgar o Ceará com todo amor a nossa terra. Até aí, já me sentia muito bem em poder participar.

Mas para minha surpresa e agonia, o ano de 2020 nos trouxe uma pandemia. Esse foi um ano inesquecível por todo medo e angústia que vivi como nunca tinha visto. Preocupação com familiares e amigos me fizeram chorar e ao mesmo tempo desenvolver ainda mais minha fé.

Pois como um presente divino, aprendi a ter resiliência e perceber que em meio a tantas notícias ruins e de um cenário nada bonito para nosso país, é possível encontrar vida e beleza diante daqueles que eu tanto amo.

E é nesse ponto de encontrar algo belo em meio a um cenário difícil que venho falar da OCHE. A OCHE, é como uma flor de mandacaru encontrada diante de um cenário de seca no sertão nordestino. A OCHE traz beleza e vida quando vemos alunos e professores que encontram forças num ano de pandemia, para refletir sobre a vida, sobre a existência, sobre a sociedade e sobre o mundo. E nessa reflexão em coletividade surge a beleza de relatos de jovens cheios de vida e de sonhos que nem mesmo uma pandemia pode barrar.

A OCHE é uma pérola encontrada. Em minha vida me fez crescer não só profissionalmente, mas enquanto ser humano. Pois o protagonismo estudantil me encanta, me faz sonhar com tempos melhores, e me faz relembrar o quão importante é ser professor dentro de uma sociedade. E como bairrista que sou, a OCHE me traz além de tudo isso que já mencionei, um orgulho em presenciar todas as disciplinas de humanas terem como ponto em comum, e ao mesmo como ponto de partida, o estado do Ceará.

Portanto, só tenho a agradecer a todos que fazem a OCHE, principalmente aos alunos, pelo privilégio de participar de uma olimpíada com tantos significados e simbolismos positivos que contrastaram com um triste cenário num ano de pandemia. Obrigado por terem permitido que eu não enfrentasse nesse ano de 2020, uma pandemia sozinho. Não posso dizer que fui eu a pandemia, mas que verdadeiramente foi: “nós e a pandemia”.

Robson Pontes Custódio

Professor de Filosofia - IFCE Campus Caucaia
Membro da Comissão Organizadora da OCHE Ceará

Foi na infância que comecei a apresentar os primeiros sintomas de ansiedade, sempre me cobrando pelo melhor resultado nas avaliações da escola e para figurar no chamado “quadro de honra”, uma espécie de competição que as escolas já estimulavam na época em que eu começava a minha vida escolar. Com o passar do tempo e a chegada da vida adulta, começaram a chegar também as crises de ansiedade, que passaram a tumultuar a minha vida, principalmente profissional, e lidar com isso foi um dos maiores desafios nesse período de pandemia.

No dia 16 de março de 2020, estava em casa, preparando aula, quando recebi um comunicado do diretor do meu campus de que as aulas ficariam suspensas em todo o IFCE até o dia 20 de março por conta do aparecimento dos primeiros casos de Covid-19 no Ceará. Mal sabia eu que aquele era só o início de uma trajetória de trabalho remoto que se estende até os dias de hoje, e ao qual eu tive que me adaptar de forma rápida e lidando com todas as minhas inseguranças. Se atividades simples do cotidiano já são capazes de despertar preocupação e medo extremo numa pessoa com transtorno de ansiedade, que é o meu caso, que dirá uma situação como essa em que nos encontramos.

Aprendi ao longo dos anos que transtorno de ansiedade não é algo que se cura, mas que se aprende a conviver,

e para evitar qualquer crise nesse período pandêmico eu tive que encontrar estratégias que me ajudassem a lidar com o medo do presente, e do futuro também. Moro num apartamento de 70 m²o que durante estes meses de pandemia tornou-se o meu principal lugar no meu mundo. Nos períodos de isolamento mais rígido, comecei a fazer atividade física dentro de casa, inclusive porque esta é uma forma de combater a ansiedade. Com a impossibilidade de sair para um restaurante, em alguns dias da semana, eu colocava uma mesa na varanda para almoçar ou jantar “fora”. Estas foram algumas das formas que encontrei para tornar o meu período de confinamento menos doloroso.

Isso não significa que os períodos ruins não aconteceram. Convivi e tenho convivido com momentos de choro, desespero, desânimo, insatisfação, angústia e de saudade. Saudade dos amigos, da família, dos lugares que eu costumava frequentar, das coisas que eu normalmente fazia e que hoje já não são mais possíveis. Tenho saudades de fazer planos de viagens, profissionais, enfim, sinto falta de planejar a minha vida.

Gostaria muito de ter uma mensagem positiva para registrar neste texto, mas no momento em que escrevo, recebo notícias do falecimento e adoecimento de gente próxima, do colapso do sistema de saúde em todo o país e do descaso do governo federal com o caos instalado. A pandemia da Covid-19 será um marco na história da humanidade, mas não pelas razões ideais.

Ana Amélia Rodrigues de Oliveira

Professora de História - IFCE Campus Maranguape
Membra da Comissão Organizadora da OCHE Ceará

A chegada do ano de 2020, como toda virada de ano, foi celebrada com muita expectativa, pois é o momento que renovamos a esperança de um ano novo cheio de alegrias, paz, saúde e conquistas, deixando para trás um 2019 marcado por muitas dificuldades pessoais.

Tudo parecia normal, indo bem, até que a notícia de um surto pandêmico de um novo tipo de vírus - SARS-CoV-2 - estava se espalhando rapidamente pelo mundo provocando mortes e a superlotação nos leitos hospitalares chegando ao Brasil pouco tempo depois do carnaval, última grande festa popular que tivemos no ano.

Acredito que ninguém pudesse presumir o que aconteceria, nem mesmo os melhores roteiristas de Hollywood poderiam imaginar um script tão ficcionista como foi e está sendo a nossa dura realidade.

Com o aumento do número de pessoas infectadas e o intuito de achatar a curva de contaminação para poder prestar atendimento hospitalar, prefeitos e governadores decretaram o lockdown. O comércio, indústria, setor de serviços, escolas, tudo que fosse considerado não essencial deveria ser fechado para evitar aglomerações e as pessoas deveriam permanecer em suas casas, sem contato umas com as outras, a não ser que residissem na mesma casa.

Esta conjuntura trouxe problemas financeiros e emocionais causando incertezas por não saber como e quando acabaria, tristeza porque vidas estavam e continuam sendo perdidas e ansiedade por não saber o que ainda está por vir. Tudo isso provocou em mim um turbilhão de sentimentos que se misturavam causando muito medo e como consequência a dificuldade para dormir.

As atividades de trabalho foram temporariamente suspensas, aulas, comissões institucionais, calendário acadêmico e a realização da Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará – OCHE, que chegamos a cogitar o seu cancelamento. Tudo estava muito incerto e desafiador.

Aos poucos fomos procurando um novo normal, as atividades de trabalho passaram a ser por videochamadas e as aulas retomaram de forma remota (síncronas e assíncronas). Pelas recomendações da instituição, nas aulas síncronas, os estudantes deveriam manter câmeras e microfones desligados, ligando apenas para tirar suas dúvidas ou fazer alguma colocação. Essa situação e novo modelo de aula me causou desconforto e provocou desânimo, pois sentia muita falta da presença física da sala de aula, da expressão do estudante quando compreendia ou não um conteúdo explicado.

Contudo, esta nova realidade também me possibilitou refletir sobre a minha prática e perceber como sou um professor tradicional, fato constatado diante das dificuldades encontradas neste novo modelo de ensino e a falta de preparo para lidar com as novas ferramentas tecnológicas na educação.

Com o retorno das atividades laborais as dificuldades aumentaram, pois agora tinha que retornar a ministrar as aulas de maneira virtual e demais atividades que a docência exige e ao mesmo tempo atender as demandas do serviço doméstico (limpar, preparar a alimentação, lavar roupas e etc) e seio familiar.

Mas, apesar de todo medo, trabalho e incerteza encontrei as forças que precisava no convívio com minha companheira e meu filho, Caio, de 4 anos de idade.

Exploramos nossa criatividade e fantasia, realizamos brincadeiras dentro de um apartamento pequeno, que apesar do pouco espaço, corríamos em volta de um sofá velho para brincar de pega-pega. Aproveitava a oportunidade da brincadeira para poder me exercitar e sair do sedentarismo. Brincamos de nos esconder e o lugar preferido do Caio era o guarda-roupa. Preparamos lanches e fizemos piqueniques dentro do apartamento. Neste contexto nos reinventamos e pudemos aproveitar momentos especiais em família que com certeza, ficarão guardados nas nossas memórias afetivas.

As dificuldades continuam, contudo, acredito que saímos mais maduros e fortalecidos, pois diante das adversidades podemos nos reinventar, nos fortalecer para suportar o tédio dos dias que não passavam, a ausência de amigos e demais familiares e buscar satisfação em pequenas realizações do dia a dia como brincar com o filho de esconde-esconde dentro de casa por horas.

Márcio Monteiro Cunha
Professor de História - IFCE Campus Maracanaú

Nós e a pandemia ou os nós da pandemia

No momento em que escrevo meu texto, faltam menos de uma semana para o aniversário de um ano do anúncio da OMS sobre a escala pandêmica que o vírus da COVID-19 alcançava.

O que foi 2020? Aliás, o que está sendo esta “vertigem”, dentro do contexto que Camus fala do absurdo? Quem não chegou em algum momento do ano e perguntou a si e aos próximos: que loucura é essa?

A analogia da vertigem também exemplifica o que é estar trabalhando remotamente. Lembro-me muito de quando fui ao parque aquático Beach Park, há um tempo atrás, e desci em um tubo todo preto. É a mesma sensação, agora virtual, que tenho desde então. Você está na entrada de um tubo e, após adentrá-lo, o que você escuta, sente e percebe são gritos de outras pessoas nos demais tobogãs, uma série de água indo contra você, perda da noção de espaço e tempo, e, ao término de um passeio que dura em média um ou dois minutos, você sai numa piscina, tonteado, ainda se situando de onde surgiu e onde foi parar.

Esta analogia é vaga, pois é necessário ter experiência em parques aquáticos. Mas ela fica mais próxima se substituirmos algumas palavras. Se, ao invés de tubo, colocar meets, lives, aulas síncronas? E o que escutamos, sentimos e percebemos foram as redes sociais inundadas de memes, fotos, vídeos, textos

entre outros, compartilhando lamúrias, horrores e também, arremedos de esperanças? E, se no lugar da água nos sufocando, for uma quantidade extraordinária de informações que recebemos cotidianamente, nos afogando num mar de infodemia, desinformações, fake news, derretimento das coisas que acreditamos e defendemos? E, quando nos situamos no ano, sem saber onde estamos, literalmente em vertigem, quase afogados numa piscina rasa, que num contexto mais ameno, saberíamos sair com maior destreza?

Pois bem. É assim que resumo o ano pandêmico de 2020. Dentro deste circuito, podemos narrar que é um ano histórico. Por ser muito significativo para humanidade, cada passo dado dentro dele ficará registrado, de certa forma, em nossa memória e, mais que isso, nos infindáveis registros virtuais que realizamos dentro da virtualidade. A vida vai, as palavras voam, mas a escrita (e os logs de internet) sempre ficam, como diz um clássico provérbio romano. A pandemia começou, com temores que jamais conseguiremos descrever com tanta precisão em nossas vidas. Ao mesmo tempo, pareceu que a Terra, numa perspectiva da Gaia, tem demonstrado que o verdadeiro vírus do cosmos é o ser humano. Ela, em suas autorregulações, como qualquer sistema, aprende também a se defender. Mais de 7 bi de seres destruindo-a e desrespeitando sua existência fez com que ela desenvolvesse seus anticorpos. Ironias à parte, a COVID-19 é uma simples gripezinha, doença comum mas que, na História, matou muito mais que inúmeras guerras.

Esta reflexão parece, em uma primeira vista, uma chacoalhada existencial: “você está vendo que, da forma que você está fazendo, vai acabar por matar a mim e a nós todos?”. Parece um discurso de uma mãe que pega

seu filho adicto e imerso no mundo das drogas, mas é a Terra-Mãe (Gaia) tentando dar uma acordada em seu filho pródigo.

No início da pandemia, esta era a reflexão mais recente. O Antropoceno é a Era geológica autodestrutiva. É necessário parar, literalmente. É foi o que aconteceu. A Terra, a Natureza, em alguns lugares altamente antropomorfizados, voltou a sorrir. Golfinhos em Veneza¹, diminuição da emissão de CO² no ambiente, desaceleração do mundo. Quem diria? O caminho para a redenção começava a despontar no horizonte. Há esperanças na Humanidade!

No entanto, muito daquilo que eram prospecções otimistas viraram exatamente o contrário. O negacionismo, a relativização da pandemia, a sobreposição da importância da economia frente à vida - deixe de mimimi, e vá trabalhar - mostraram a verdadeira faceta do ser humano na contemporaneidade: um extremo individualismo, o ódio como força política e o anticientificismo ganhando cada vez mais força. Eu sei, são alguns, uma minoria, mas extremamente engajada, barulhenta e com poder político e ideológico em dominância.

É vixe em cima de eita, é cada dia uma luta. Seja ela ontológica (o que sou e o que faço aqui, afinal?), profissional (o que é um professor sem aula, ou melhor, sem a sala de aula?) e até mesmo situacional (que diabos estou vivendo ou como viabilizar este ano a OCHE ou qualquer coisa?), são desafios enormes de se manter confiante e até mesmo não ceder para sentimentos niilistas de impotência, conformismo e evitar ao máximo de “entrar em parafusos”. E bote reflexão, cabeça para pensar, autocentramento, conversas com

1 Sim, eu caí no conto do vigário. É fake news. Os golfinhos foram colocados fora do seu real contexto. Maiores informações em <https://vejasp.abril.com.br/blog/bichos/golfinhos-veneza-fake/>

amigos, respirar fundo, pirar e surtar, entre outros movimentos cíclicos que veio com a pandemia.

Flexibilidade. É um conceito muito em voga na atualidade. E ser flexível não significa necessariamente ser relativista em tudo. É uma questão de organização. Ou, melhor dizendo, uma diretriz que conduz a determinadas metas. E foi assim que vi o ano de 2020. Muitas responsabilidades, muitas demandas - e cada vez maiores - de compromissos pessoais, mas principalmente profissionais. Muito aprendizado, inclusive.

Ser flexível é tentar adaptar nossas diretrizes às condições que fogem de nossa alçada. É tentar organizar alguma coisa dentro do caos infodêmico e encontrar algum sentido nisso tudo. É saber cair na vertigem que estamos vivendo. E não é nada fácil. Mas, parafraseando Ariano Suassuna, não adianta sermos nem pessimistas, pois seremos chatos, mas tampouco otimistas, pois seremos tolos. O que é bom é sermos realistas. Mas um realismo esperançoso, com a perseverança de que, nas lutas diárias, consigamos superar algum desafios postos.

E no meio deste turbilhão até agora relatado a vocês, tem a OCHE Ceará. Como todo projeto do qual faço parte, a Olimpíada é um misto de sentimentos, razões e atitudes para dar prosseguimento na empreitada.

Como sou o atual presidente da Comissão Organizadora, meu papel não é meramente formal. Junto ao IFCE, sou o responsável pela parte burocrática, pelo fluxograma e pelo retorno aos demais membros. Editais, prazos, pregões, atas, enfim, toda burocracia passa pelas minhas mãos, nem que seja para dar o visto, assinar e repassar. É algo muito longo; por ora, precisamos de muita paciência, mas necessária para a

consolidação e reconhecimento da OCHE Ceará como referência dentro da instituição. Às vezes, sabemos dos limites que temos dentro das instituições públicas, pois temos que nos limitar aos papéis atribuídos pela Administração Pública. Não tem como passar por cima de algumas coisas, mesmo que porventura elas acabam atrasando muito os processos.

Eu também sou o responsável pela Comunicação. Processos, respostas, gestão compartilhada das redes sociais, imprevistos, retificações, entre outras coisas que precisam ser “filtradas” - tanto para o público externo quanto entre nós - e que passam também por minhas mãos. O Instagram, de certa forma, é uma janelinha para o “mundo exterior”. E ali encontramos de tudo. Por isso que o “estagiário” estava afiado este ano. Muitas coisas eram relevantes, mas, pela sua leveza, conseguiu-se contornar, e muita coisa irrelevante, mas que acaba pesando no processo, fez-se necessário arcar com a terapia que ele faz desde que foi “selecionado” para ser nosso Relações Públicas. E foi sua personalidade que facilitou em alguns momentos, mesmo quando sua avó apagou nosso quadro de pontuação, ou quando o gato dele comeu o papel do resultado final. São coisas que trouxeram a fina ironia e a descontração para um processo que muitas vezes é muito mais tenso que aparenta. Lidar com expectativas e emoções dos outros é de uma enorme responsabilidade.

Além do mais, temos nosso grupo. Como manter a moral do grupo em um contexto remoto? A última vez que nos reunimos presencialmente já faz mais de um ano. E, nem mesmo a distância, já que cada membro é de um campus diferente e tem rotinas variadas, conseguiu desconstruir nosso *spirit du corps*, como se usa no linguajar militar. O grupo se vê como um coletivo bastante engajado, e nossas reuniões

são conduzidas de forma muito leve. Estar em casa e trabalhando ao mesmo tempo pode ser muito desafiante, mas também temos muitas boas anedotas registradas. Quando lembro de algumas, eu começo a rir sozinho, lembrando que, como pessoas comuns, também temos nossos momentos nonsense.

Mesmo assim, tivemos problemas. Seja relacional ou seja estrutural. A pandemia foi um prato cheio para que se cortasse as minguadas verbas dos Institutos Federais. A garantia de melhoramentos ficou apenas em mantermos a Olimpíada, apesar de todos os percalços. E, além de recursos, nossa equipe como um todo foi se reduzindo. Muitas pessoas saíram por diversos motivos, mas conseguimos trazer novas caras e até dar um certo renovo em nossa condução olímpica.

O desafio logístico também foi muito dificultado. Tínhamos o projeto de peregrinação pelo Estado. Mas como realizar? Não possuíamos recursos e, pior, era perigoso demais para nossa saúde qualquer movimentação e possíveis aglomerações. Tivemos, então, que contar muito com a boa vontade de todos. Estes todos que digo não são somente os membros da Comissão e os colegas de dentro da Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PRPI), capitaneadora do projeto. É a boa vontade dos colegas professores do IFCE, mas principalmente, aos bravos guerreiros professores orientadores de todas as Equipes.

Sem a coordenação, a sensibilidade, e também a confiança nos objetivos da OCHE Ceará, provavelmente ela teria sido implodida. Não haveria o impacto que ela teve na sua primeira edição. Conseguimos manter praticamente o mesmo número de equipes de 2019, o que, dadas as circunstâncias, é uma vitória enorme. Gargalos temos muitos, e direta ou indireta-

mente, sabemos de grande maioria deles. Alguns são sussurrados a nós e tentamos contorná-los de diversas formas. Por isso, sem o apoio massivo dos professores à gente, individual e institucionalmente, com certeza teríamos naufragado nos redemoinhos de vida que foi - e de certa forma está sendo - a educação em tempos de pandemia.

A OCHE Ceará já é um projeto audacioso no contexto em que vivemos, de redução da carga horária das Ciências Humanas na BNCC, da diminuição da importância das referidas disciplinas dentro dos currículos da Educação Básica, entre outros grandes equívocos que estão ocorrendo em nosso país. Nada mais inteligente que saber controlar as mentes inquietas que o saber crítico traz. Cada vez mais as CCHH são a interface de uma interpretação que as outras Ciências necessitam para não cairmos na tentação tecnocrata do controle geral da vida pela técnica. É sabido que mentes brilhantes não são apenas raciocínio lógico-matemático aguçado. É mais que isso. Pessoas com alto coeficiente de inteligência (QI) tendem a ter problemas sociais e emocionais, pois são resultado da falta de reflexão de temas que nós, das chamadas Humanidades, fazemos e desenvolvemos juntamente com todos os envolvidos no processo.

É tentar abrir a mente e os olhos das cavernas e bolhas digitalmente construídas. O principal problema hoje é possível de ser mitigado APESAR do governo e PRINCIPALMENTE pelas Ciências Humanas. O isolamento social, o extremo individualismo entre outros problemas são tratados (é um processo também terapêutico, pois não é algo instantâneo) na reflexividade trazida pelos componentes curriculares da gente. Além do mais, um povo que não conhece a sua História não conhece a si mesmo, estando fadado a

repetir os mesmos erros de seus antepassados. É aí que nós entramos, com o pé na porta por acaso, demonstrando aos leigos e para os detratores que CADA VEZ MAIS precisamos de maior Humanidade na educação.

O fio condutor disso somos nós, especialistas em Sociologia, Filosofia, História, Geografia, Artes, entre outros profissionais que se baseiam nas nossas interfaces e constructos teórico-metodológicos. Como não pensar a desinformação sem desconstruir a ideia original de um mito? Como tentar pensar a tecnologia como um artefato político de dominação e manipulação sem pensar nos usos humanos dela? Como pretender inovar sem saber como se constitui a construção de um pensamento disruptivo? A Educação por si não salvará o mundo, mas faz com que pensemos como podemos construir novos mundos possíveis.

Para finalizar, jamais esqueço que, além de ser um educador, um burocrata, um comunicador, um gestor, entre outros papéis sociais que me foi atribuído, sou um cidadão. Todas essas demais funções não podem suplantam que, para sabermos conviver em uma sociedade, não tem como alocar todos meus interesses individuais acima de tudo. O bem comum, termo esvaziado de sentido por muitas vezes, precisa ser sempre considerado. Para vivermos de forma mínima e relativamente estável, é fundamental a construção da chamada solidariedade social. E para ser solidário, mais que abrir mão de direitos individuais pretensamente absolutos - uma mera abstração moderna do jusnaturalismo para construir o conceito de contrato social -, precisamos ter sentimentos e éticas de solidariedade. Basicamente são valores de fortalecimento das relações sociais mais primárias, como também de relações mais abrangentes. É ter uma percepção e consciência planetária que está para além de nosso círculo de

vivência. É tentar imaginar a apropriação global, coisa que apenas a tecnologia pode se vangloriar, mas ainda estamos presos a tribalismos e ídolos que foram debatidos exaustivamente pela Filosofia em geral.

Sim, ser realista esperançoso é um pouco de utopia. Mas são dessas imaginações e elucubrações que obtemos fôlego - algo que ganhou outro sentido neste contexto, tendo uma semântica mais forte que poderia ter antes - para podermos pensar e construir um mundo mais justo, fraterno e mais humano possível. É dentro dessas contradições entre competir, debater e combater, mas mais que isso, cooperar, sensibilizar, comemorar, solidarizar, aprender... Sim, tudo foi-me um enorme aprendizado que neste texto tentei sintetizar. Foi difícil, não foi muito breve, mas espero que ele reflita parte do que li, me emocionou e me sensibilizou com todos os trabalhos desenvolvidos para a Fase Final da OCHE 2020, que compõem este precioso livro-memorial-documento histórico.

Março de 2021.

Robson Campanerut da Silva

Professor de Sociologia - IFCE Campus Tabuleiro do Norte
Presidente da Comissão Organizadora da OCHE Ceará

Durante muitos séculos, o desenvolvimento das civilizações do mundo antigo convivia com o risco iminente de sua própria destruição. As ameaças à existência dos povos eram, em grande parte, imprevisíveis pelo conhecimento humano. Com passar do tempo, as mudanças climáticas globais de curto período, as forças tectônicas, o vulcanismo, os tornados e até mesmo as ameaças externas ao próprio planeta, como os impactos de corpos celestes, foram cada vez mais sendo incorporadas ao campo da observação humana.

Entretanto, a raça humana nunca foi tão vitimada pelas ameaças invisíveis. Pestes, surtos, epidemias sempre sinalizaram ao mundo: cuidado, risco à vida. Paradoxalmente, o ser humano, a forma biológica mais evoluída já conhecida, padece frente à ofensiva dos organismos unicelulares mais simplórios (bactérias, protozoários e algumas espécies de fungos).

O ano de 2020 nos fez lembrar do poder de dizimação de outra ameaça invisível. Desta vez, uma estrutura proteica acelular, portanto abiótica. O vírus dessa vez atende pelo nome de SARS-CoV-2, uma nova variação do Coronavírus que entrou para nosso dicionário como COVID-19.

A COVID-19 ganhou proporções globais de transmissão e adquiriu status de pandemia. Evidente!

Num mundo com espaços cada vez mais interconectados e fluxos populacionais jamais vistos, é notório que este cenário do século XXI torna-se preponderante para uma transmissão viral em larga escala.

Bem, dito isto, tentarei nas linhas a seguir compartilhar um pouco do que representou para mim a organização da OCHE 2020, num contexto de isolamento rígido e perdas afetivas.

Sou Mailton Nogueira, professor de Geografia, casado, amante das artes e da natureza. Descubro-me todos os dias, entre a leitura de um bom livro, no meu trabalho, numa conversa com os amigos... sou o que a vida me faz.

Apesar da pandemia surgir no fim de 2019, foram nos anos seguintes que senti seus efeitos na minha saúde física e mental. A primeira mudança cotidiana que me trouxe forte impacto foi o isolamento social/familiar. Foram 135 dias sem poder encontrar, pais, irmãos e amigos. 135 dias de combate emocional. Foram dias de luta e luto.

O afastamento no trabalho também me trouxe dissabores. Assim como todos os professores, tive que readequar minhas práticas pedagógicas, minhas habilidades no tratar com a técnica e, principalmente, readequar minha carga horária (ou melhor, não readequar). Percebi que minha mesa de estudo se tornou o local mais frequentado da casa e, por dias, não sabia quantos dias havia em um dia.

Pouco a pouco fui me adaptando à nova rotina docente (ou fingindo me adaptar). Neste ínterim, fui agraciado mais uma vez com a organização da OCHE 2020. Os alunos e colegas mais próximos sabem como é

prazeroso para mim estar junto com a equipe de organização da Olimpíada Cearense de Ciências Humanas. Nesta pandemia foi mais do que isto, foi uma válvula de escape para os problemas cotidianos impostos pela pandemia.

Cada questão e cada fase da prova, foram muito bem planejadas por todos nós. Mas algumas dúvidas ainda persistiam: como será a participação das equipes? Teremos inscritos suficientes? Estas perguntas caíram por terra à medida que as etapas prosseguiam. A surpresa maior foi na avaliação qualitativa dos artigos de opinião intitulados “Nós e a Pandemia”. Foram trabalhos sólidos e ao mesmo tempo sensíveis que retrataram um pouco do cotidiano dos estudantes e professores. Me senti em cada um daqueles relatos.

Portanto, a COVID-19 nos mostrou que, apesar de tudo, somos resistentes. E quando resistimos, nos reinventamos e a cada nova recriação nos construímos. E assim caminha a humanidade.

Mailton Nogueira da Rocha
Professor de Geografia - IFCE/Campus Quixadá

Em 2020 tivemos uma mudança total de cenário, em todos os aspectos, e não foi diferente para a equipe responsável pelo Sistema da Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará, ou como ficou regionalmente conhecida, OCHE.

Perdemos amigos, tivemos colegas e membros de nossa equipe afetados diretamente pela doença, dentre vários outros casos que seria complicado descrever em poucas linhas. Porém, fomos notificados com a continuidade da OCHE, uma 2ª edição, e aceitamos tal proposta com muita alegria. Vimos a oportunidade de dar continuidade num projeto no qual nos dedicamos de corpo e alma, no qual em sua primeira edição e agora segunda também, tivemos noites e mais noites em claro para entregar o melhor possível para todos dentro de nossas limitações físicas e estruturais. Sabemos que apesar de estamos conectados por meio deste projeto, nunca tivemos uma ligação direta, mas no fim, somos estudantes como vocês, somos professores, somos filhos, somos profissionais que possuem outras ocupações além da OCHE no seu dia a dia.

Já finalizamos essa 2ª edição, e nós como a equipe desenvolvedora, podemos olhar para trás e ver o quanto foi difícil, principalmente os dias em que trabalhávamos, tínhamos aula e reuniões e pendências da OCHE, porém vencemos o sono, vencemos o cansaço e acreditamos que entregamos o melhor possível

para todos dentro de um cenário diferente em que estávamos.

Gostaríamos que quando falassem da OCHE, seja em alguma rede social, para amigos, família, ou outras pessoas, digam com bastante orgulho que se trata de um Projeto cearense, desde o seu planejamento inicial, escopo de projeto, desenvolvimento do sistema, elaboração das questões e provas, e principalmente no Gerenciamento e Execução da Olimpíada. Trata-se de algo 100% cearense.

Equipe GDESTE, responsável pelo desenvolvimento do Sistema da OCHE Ceará.

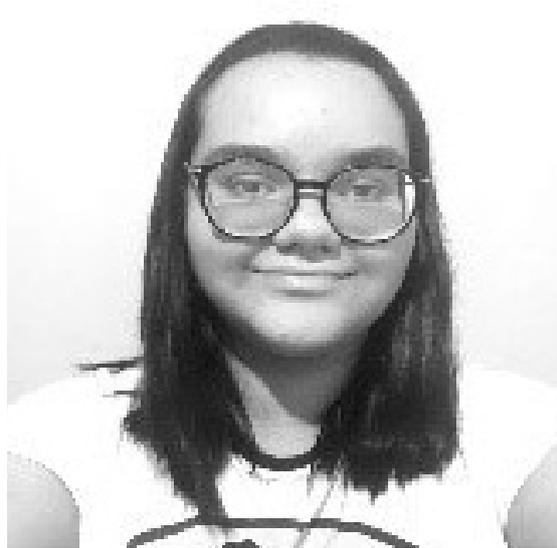
Jorge Fredericson
Gerente do Projeto)

Juan Igor
Desenvolvedor

Matheus Portugal
Desenvolvedor

Rômulo Alberto
Suporte

Victor Nunes
Desenvolvedor



Dreinstein

Menezes e Sousa Colégio (Fortaleza/CE)

Orientação: Lucas de Sena Alencastro

Jean Nickolas Rodrigues da Silva

Millena Vitória da Silva Mota

Francisco Kawan Feitosa da Silva

Hannah Arendt já criara um termo atemporal quando escrevia em seus livros a expressão “banalização do mal”, uma prática anti-iluminista que vem se perpetuando no século XXI como uma infecção contagiosa, uma pandemia que tem a morte seletiva como o fim, talvez até maior que o Coronavírus.



As covas contradizem a frase. Fonte: Arquivo Pessoal.

Com passar dos anos, o mal banalizado tomou força e percebemos a sua dimensão com a pandemia atual. O mal se banaliza quando a morte não tem mais rosto e vira estatística. Estatística que vem aumentando no decorrer dos dias, e que acompanhamos das nossas jaulas, alcunhadas de casa, como um homicídio em massa assistido ao vivo. A televisão virou a “Place de Grève” parisiense da Idade Moderna. Assistimos às mortes, passivamente, diretamente dos nossos abarracamentos e campos de concentração. Parece que “O Quinze” não terminou na primeira metade do século XX. Quando a nossa socialização foi impedida por algo tão microscópico, que causa mortes em massa, percebemos que Habermas está correto, mais uma

vez, e percebemos a nossa ignorância, possivelmente voltamos a ser servis à natureza.

Quando um exemplo de poder e respeito transmuta-se em seu antônimo, desmascarando o seu eu verdadeiro, manipulando uma nação inteira de que “Todos nós vamos morrer um dia!” ou “É apenas uma gripezinha!”, é notável que ele não é diferente do rei Ubu, o insensato. Como disse o Chico, quando chegar o momento, vamos cobrar o nosso sofrimento com juros. Iremos cobrar a insensatez que nos fez sentir o “nosso mundo cair” a nossa volta e pensarmos que nada faria mais sentido depois de uma perda humana. A empatia parece ter sido silenciada e podemos nos perguntar se essa é a nossa democracia. A ideologia de que o capital se sobrepõe à vida humana foi aflorada. A vida é inferior aos status socioeconômicos? A vida é inferior às estruturas artificiais humanas citadas por Hannah Arendt? Será que temos total certeza de que a COVID-19 é, realmente, democrática? Nós deveríamos ter direitos desde a saúde e até a morte. Nome ou sobrenome não deveriam ser um número em uma tabela com mais outros milhões de números.

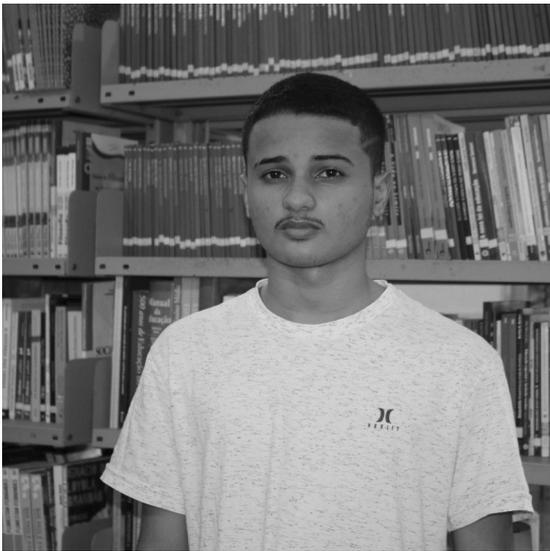
“O mal se banaliza quando a morte não tem mais rosto e vira estatística.”

Percebemos essa desigualdade no Ceará, onde houve muitos exemplos de crises sanitárias, uma delas foi a da varíola, que ocorreu em um período de pobreza e seca, fazendo um povo tão sofrido passar por mais dificuldades. Esse cenário se repete com a Covid, afinal, as mortes parecem ter endereço e quase sempre é longe dos “cartões-postais”. A atemporalidade de Michel Foucault sobre os vigiados e punidos é perceptível quando vemos a camada mais pobre da população, que

mora em cubículos, sendo obrigada a se submeter ao isolamento radical pelo Estado ou a transportes lotados para chegar ao trabalho, já que o “homeoffice” não é opção. Vimos muitos sendo punidos pela cor da pele e percebemos como a pandemia não é democrática, principalmente a sua letalidade!

Talvez a percepção sobre o equilíbrio social de Durkheim, lembrado quando Raul Seixas cantou “O dia em que a Terra parou”, não ocorra na pandemia em que o empregado tem que se submeter ao capitalismo para manter as condições de existência do próprio modo de produção e colocar a comida na mesa. O horizonte de expectativas, abordado por Koselleck, para os trabalhadores, nunca será o mesmo dos patrões, ele será curto e pessimista: ou morrer de fome ou morrer de covid.

Isso só demonstra o quanto o ser, que se diz racional, é complexo e que a pandemia deixou o Iluminismo em quarentena. Deixando de lado o potencial de salva-vidas a uma completa explosão de “fakenews” e individualismo, voltando a ser irracional quando pensamos na nossa própria sobrevivência, afastando-nos do próximo por medo de um tiro em forma de espirro. Quantos espirros você deu pela sua irresponsabilidade?



Elite RCM

EEMTI Romeu de Castro Menezes (Caucaia/CE)

Orientação: Evelize Teixeira de Oliveira Sousa

Daniel Victor Silva Sousa

José Evandro Rodrigues Mota

Rebeca Coelho Nascimento

Quando vi a primeira notícia sobre a COVID-19 na televisão, em dezembro de 2019, pensei como ficariam meus estudos, como seria o meu futuro caso a doença se tornasse uma pandemia, como os especialistas já previam. Muitas pessoas tinham planos e sonhos para 2020, principalmente os estudantes que cursavam o 3º ano do ensino médio. O bom desempenho nessa série é decisivo para os que querem ingressar em uma faculdade.

Em virtude da pandemia do novo coronavírus, tivemos que mudar nossos roteiros de estudos, pois as escolas foram fechadas e as aulas suspensas após decreto publicado no Diário Oficial do Estado pelo governador Camilo Santana em 16 de março deste ano.



Cadeiras vazias. Fonte: Arquivo pessoal (2020)

A partir desse momento, reconheci as dificuldades que estavam por vir. Preocupei-me com minha família e as outras pessoas que dependiam de renda proveniente de atividades que geram aglomeração como: feiras livres, estabelecimentos comerciais e outras ocupações.

Na escola, alguns alunos desistiram de estudar por falta de acesso à internet, por não possuírem celular ou

computador em casa. Os que possuíam estes materiais passaram a acompanhar as aulas ofertadas pelas escolas no ensino remoto.

O momento mais difícil dessa pandemia foi quando eu e minha família fomos infectados pelo COVID-19.

Na minha mente eu só pensava em como aquilo tinha acontecido e como iríamos passar por essa situação. Enfrentar o isolamento social foi difícil, mas enfrentar a doença foi assustador. Febre, dores de cabeça, perda de olfato e paladar foram os sintomas que tivemos. Preocupamo-nos por não haver tratamento ou mesmo pela incerteza se ficariam sequelas nos familiares infectados.

Durante o período em que estávamos doentes pude refletir bastante sobre o sofrimento das outras pessoas que estavam passando pela mesma situação. Aos poucos, fomos melhorando e a esperança foi se renovando. Nenhum familiar faleceu. Vencemos a doença e voltamos, aos poucos, as atividades cotidianas.

Não houve apenas notícias e situações ruins nesse ano de 2020. Destacam-se, nesse período, iniciativas de solidariedade que foram articuladas pela internet para minimizar os efeitos negativos da pandemia. Muitas pessoas arrecadaram dinheiro, fizeram mutirões para entrega de alimentos e utensílios de higiene para as populações mais necessitadas.

Para muitas pessoas 2020 pode ter sido um ano de colapso em que muitos fatos ruins devem ser esquecidos. De acordo com o Portal Coronavírus/Brasil do Ministério da Saúde, hoje, 10 de dezembro

de 2020, a doença provocou a morte de 178.995 brasileiros. Pessoas que tinham histórias, famílias e sonhos. Esse ano vai ficar na História como uma prova de que devemos nos preparar e nos conscientizar que o amanhã pode não ser o que esperamos.



Em busca do conhecimento

Colégio da Polícia Militar do Ceará Gen. Edgard Facó (Fortaleza/CE)

Orientação: José Ribamar Carlos Rodrigues Júnior

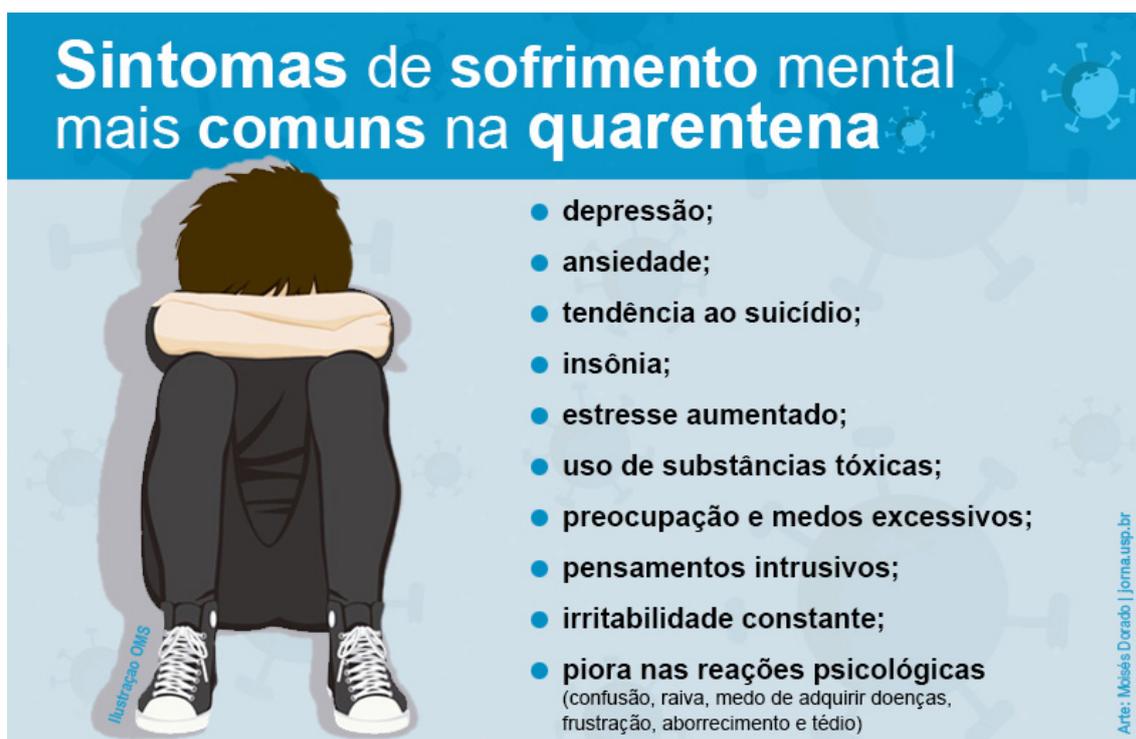
Ana Júlia Lourenço Lima de Azevedo

Cayro Luca Gomes Santiago

Victor Gabriel de Moraes Marinho

A manifestação da COVID-19 começou em Wuhan na China, em dezembro de 2019. Atualmente, um ano depois, ela está em todo o planeta e vivemos em meio a uma pandemia que deixou muitos mortos, várias famílias perderam seus familiares, e muitas pessoas ficaram doentes. Estamos em um isolamento social que é feito para nos proteger da doença, e consiste em ficar em casa, porém, com esse isolamento vários problemas surgiram, como os psicológicos (ansiedade, depressão, etc.), o aumento do consumo de bebidas alcoólicas, do tabagismo, da violência doméstica, entre outros.

Figura 1 - Sintomas de sofrimento mental mais comuns na quarentena.



Fonte: <https://jornal.usp.br/ciencias/maior-estudo-epidemiologico-do-brasil-avalia-impacto-da-pandemia-na-saude-mental/>

O isolamento social mudou muito as nossas vidas, porque nós não podíamos nos relacionar com as outras pessoas, situação essa que nos privou de socializar, de trabalhar, de estudar, de sair com os amigos e em alguns casos nos privou até de ver a nossa família. Além disso,

causou diversos transtornos como, por exemplo, o medo de: contrair a COVID-19, ficar sozinho em casa, ou algum familiar morrer, entre outros. Essas fobias também estão sendo agravadas pelas mídias e pelas “fake news”, por isso devemos ter cuidado com o que vemos, ouvimos e em que fonte estamos nos baseando. Com toda essa situação milhares de indivíduos ficaram deprimidos, alguns procuraram ajuda médica, mas outros não, podendo ocasionar até em suicídio.

“Mais da metade dos jovens de 18 a 29 anos se sentiram muito ou estiveram sempre deprimidos desde o início da pandemia. Na divisão por sexo, as mulheres são as que mais declararam estar com o problema: quase 50% delas.” (Carolina Dantas, 2020) ¹

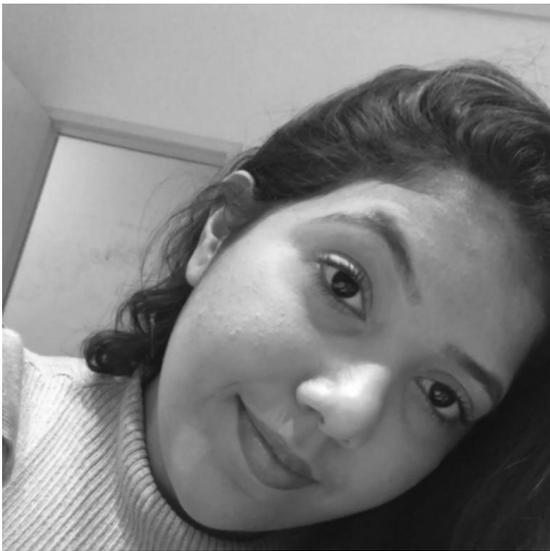
Segundo o site Nexo Jornal (Artigo: “As mortes ‘ocultas’ da pandemia e o Setembro Amarelo no Brasil”), até o dia 24 de setembro de 2020, aconteceram mais de 139 mil suicídios em decorrência dessas enfermidades.

Para minimizar a solidão, as famílias têm feito reuniões online, e os cantores famosos têm feito “Lives” solidárias nas redes sociais, desenvolvendo assim na sociedade novos hábitos, como dar importância à vida, à solidariedade e à família. Tudo isso favoreceu para que o homem mudasse o seu olhar e a sua maneira de viver, contribuindo para que todos superassem as suas dores, os seus medos, e as suas dificuldades.

Diante de tudo isso, conclui-se que é necessário que o homem tome consciência de exercer o auto cuidado, melhorando assim a qualidade de vida, cuidando do

¹ <https://g1.globo.com/bemestar/viva-voce/noticia/2020/05/29/pesquisa-indica-renda-afetada-alta-da-depressao-e-mais-consumo-de-alcool-e-tabaco-no-brasil-pos-pandemia.ghtml>

físico, do social e principalmente do emocional. Cuidar de si mesmo também é cuidar do outro.



Enquadrados

Colégio Paraíso (Juazeiro do Norte/CE)

Orientação: Jaqueline Pinheiro

Maria Camila Leite dos Santos

Júlia Santos Rodrigues

Maria Clara Gomes Menezes

As Ciências Humanas, não diferente de outros momentos, têm auxiliado na compreensão da dinamicidade do mundo. No final do ano de 2019 um vírus, até então desconhecido, passa a assombrar e se multiplicar pelos mercados, ruas e localidades de Wuhan, China. A Globalização, resultado deste intenso e frenético deslocamento de pessoas, mercadorias, produtos e economias, logo aparece como protagonista neste episódio e em pouco tempo a rotina e vida de muitas pessoas mudaria.

O Brasil, não diferente de outros países do mundo, não estava preparado para esta “surpresa”. Somado aos muitos erros de orientações políticas, irresponsabilidades da população e informações equivocadas que percorriam os grupos de famílias, amigos e trabalho/escola, o vírus ganha um aliado: a desinformação. Devido algumas informações mal passadas acompanhamos hoje, a morte de milhares de pessoas de todas as idades, desde bebês até idoso.

Desde a chegada do Covid-19, ficou notável o quanto o Brasil não estava preparado para enfrentar uma pandemia, tanto sob um olhar econômico quanto tecnológico. Durante esses meses de isolamento social, foram não somente vidas, mas diversos empregos perdidos, ocasionando taxas de desocupação jamais vista. Para tentar contornar tal realidade, foi criado o programa Auxílio Emergencial do Governo Federal, que passou a beneficiar a população por volta do mês de abril.

Figura 1 - Gripezinha



Disponível em: <<https://www.agazeta.com.br/charge/charge-do-amarildo-gripezinha-0320>> . Acesso em: 15 de dez de 2020.

Com a Pandemia, muitas empresas, comércios, escolas, entre outros, encontraram como solução retornar às atividades normais de forma remota, para que pudessem evitar maiores danos. Porém, aquelas que não tinham condições, nem material e nem tecnológico para manter tais atividades, se viram obrigados a fechar, gerando uma perda significativa na educação e no mercado de trabalho.

Ficou evidente, por diversas vezes, o descaso e a negligência do Governo com a população, como quando o líder político do país nomeou a doença, que ceifava a vida da sua nação, como uma simples “gripezinha”.

“O vírus somos nós (ou uma parte de nós)”¹

¹ BRUM, E. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-03-25/o-virus-somos-nos-ou-uma-parte-de-nos.html>>. Acesso em: 15 de dez de 2020.

Além disso, a Pandemia nos fez questionar a noção de individualidade. Ainda com os casos de mortes ultrapassando os 180 mil, encontramos os que vivem como se o vírus não existisse ou como se fossem imunes, e isso traz consequências severas que não atingem somente uma pessoa e sim várias. Assim, são necessárias medidas mais eficazes, rigorosas e um melhor posicionamento do Governo, dando exemplo, e não envolvendo questões políticas, para evitar uma segunda onda intensa do vírus ou até uma terceira, e para a vacina chegar para toda a população.

Referências

AMARILDO. Charge do Amarildo: Gripezinha. Gazeta, 23 de mar de 2020. Opinião. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/charge/charge-do-amarildo-gripezinha-0320>>. Acesso em: 15 de dez de 2020.

BRUM, E. O vírus somos nós (ou uma parte de nós). EL País. 25 de mar de 2020. Opinião. <<https://brasil.elpais.com/opiniaio/2020-03-25/o-virus-somos-nos-ou-uma-parte-de-nos.html>>. Acesso em: 15 de dez de 2020.



Espartanas

Colégio Dom Felipe (Fortaleza/CE)

Orientação: Germano Mesquita

Lis Bárbara Carneiro

Sabrina Braga

Cinara dos Santos

Em fevereiro de 2020, quando surgiu o primeiro caso de Covid-19 no Brasil, as pessoas ainda estavam tranquilas e o governo, pouco preocupado. Mas após um tempo as suspeitas começaram a subir, mais e mais pessoas foram infectadas, o Ministério da Saúde anunciou ampliação de medidas para reforçar a assistência hospitalar. Em março, a Organização Mundial da Saúde declarou pandemia de coronavírus, foi decretado quarentena em vários estados e também tivemos a primeira morte por Covid-19 no Brasil.

Ainda assim, o número de contaminados continuou subindo, bem como o número de óbitos. E mesmo com essa crescente de casos, o presidente contrariava especialistas e autoridades sanitárias que direcionavam a população a ficar em casa, evitar aglomerações e manter uma higiene adequada, falando que estavam espalhando uma sensação de pavor por causa de uma “gripezinha”.

Com o país atingido pela pandemia, o SUS precisou ser ampliado para dar a assistência que a população necessitava, sem ele a pandemia teria inserido caos social e o Estado contabilizaria muito mais vidas perdidas.

O governo quer reduzir o orçamento do SUS em 2021, com a desculpa que estamos no fim da pandemia, houve até a ideia de privatização das UBS, que em um país como o nosso, onde mais de 70% da população utiliza os sistemas públicos de saúde, é uma ideia repulsiva.

***“É preciso valorizar o sus para salvar vidas”
(Senador Ranfolfe Rodrigues)¹***

¹ RODRIGUES, Ranfolfe. É preciso valorizar o SUS para salvar vidas. Poder 360. Brasília, 14 de abr. 2020. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/opiniao/coronavirus/e-preciso-valorizar-o-sus-para-salvar-vidas-escreve-ranfolfe-rodrigues/>>. Acesso em 09/12/2021.

Além disso, o presidente tem um discurso muito contraditório quando se trata do uso das vacinas contra o Covid-19, por ter falado que o vírus é só uma “gripezinha”, que a vacina não é confiável e que ninguém tem a obrigação de tomá-la.

A primeira remessa de vacinas será em São Paulo, priorizando agentes da saúde, quilombolas e indígenas, no mês de janeiro.

Foi um ano difícil para todos, e aguardamos que as pessoas sejam mais conscientes e que o governo não menospreze o que ainda está acontecendo.

Esperamos que os investimentos na área da saúde não baixem e que os leitos feitos esse ano não sejam descartados, e sim modificados e reutilizados, para continuar atendendo as necessidades da população.

E com o final do ano, ao fim da quarentena quando número de casos estava se estabilizando, mesmo com as medidas de prevenção orientadas pela OMS, houve um aumento no número de pessoas infectadas o que declara que não estamos no fim pandemia.

Indicadores de saúde

Pesquisa do IBGE mostra que serviços de saúde os brasileiros procuraram nos últimos 12 meses

Locais de atendimento



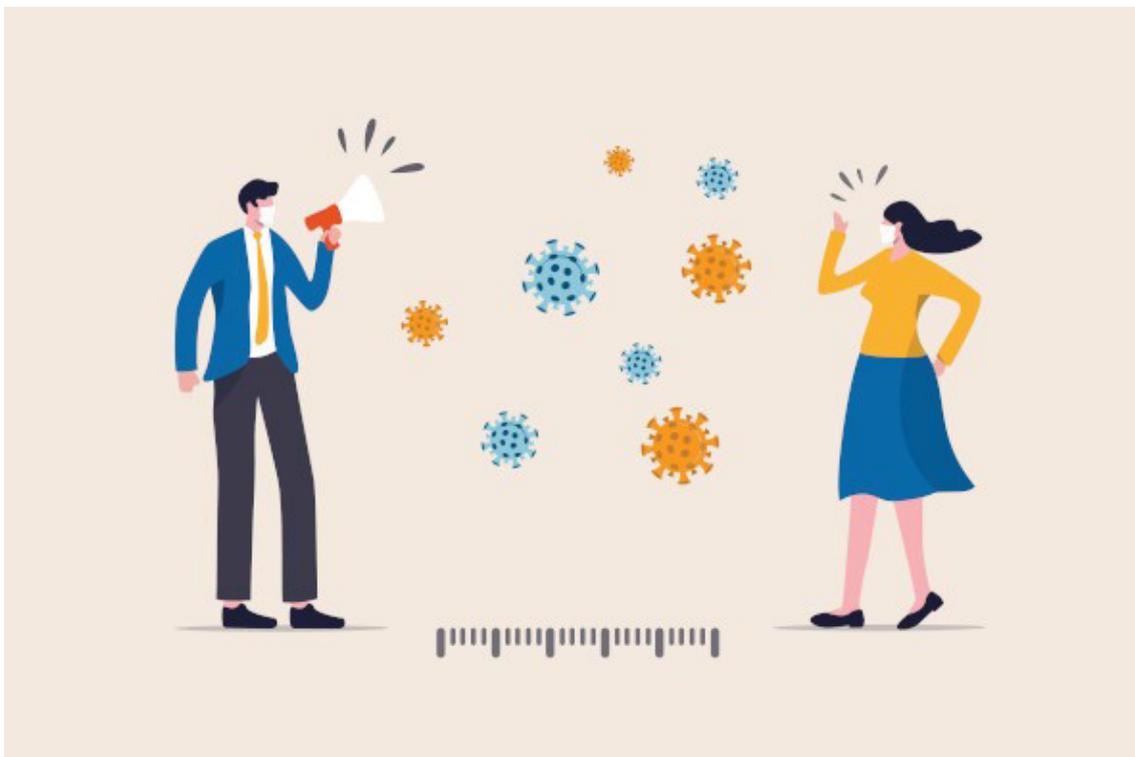
Fonte: <https://summitsaude.estadao.com.br/desafios-no-brasil/acesso-a-saude-150-milhoes-de-brasileiros-dependem-do-sus/>



Exploradoras do tempo

Farias Brito Sobralense (Sobral/CE)
Orientação: Robson Rodrigues Lima
Iany Maria Nascimento Linhares
Jacy Kaylane Magalhães Gomes
Melissa Fernandes Tavares Felipe

Março de 2020 foi o mês que mudou as nossas vidas. De início, parecia uma boa ideia duas semanas sem aula, porém tudo mudou quando começou o isolamento social, e as escolas fecharam.



O isolamento social foi a medida tomada para reduzir os números de contaminações pelo vírus. Fonte: Mundo Educação – UOL. <https://static.mundoeducacao.uol.com.br/mundoeducacao/2020/04/5-distanciamento-social.jpg>

Depois das duas semanas, tivemos um mês de férias, e, logo após, as aulas voltaram on-line. O problema do ensino a distância é que muitos estudantes não têm acesso a aparelhos eletrônicos ou a uma rede, pois, de acordo com um levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), divulgado pelo Correio Braziliense, cerca de seis milhões de alunos brasileiros não têm acesso à internet, sendo aproximadamente 5,8 milhões da educação pública.

Além disso, tínhamos que lidar com o distanciamento dos colegas e familiares, perda de entes queridos, cansaço, porque as aulas virtuais são mais exaustivas que as presenciais, medo de um vírus do qual sabemos pouco a respeito e que continua lá fora, entre outras

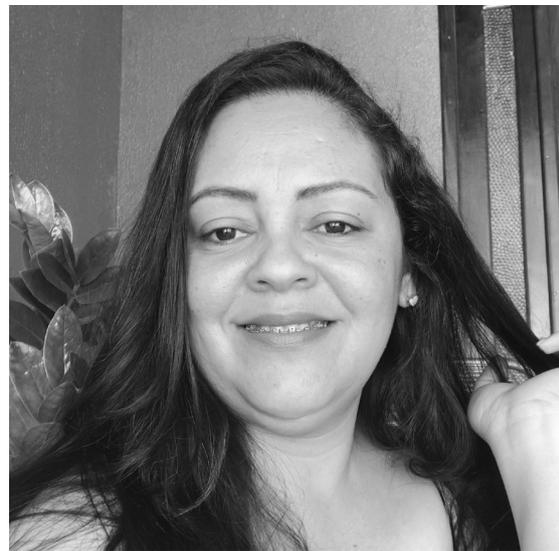
realidades mais específicas. Assim sendo, todos esses fatores tiveram um peso com o qual tivemos que lidar. Nesse momento, todos precisamos nos reinventar para enfrentar a monotonia, o que não foi uma opção, mas, sim, uma necessidade para passar por cada um dos longos dias. Ler livros, assistir a filmes e a séries, fazer ligações, jogar on-line, inventar passatempos, arrumar a casa, cozinhar, plantar uma horta, ouvir música, enfim, usar a criatividade. O que nos fez reinventar? O que nos motivou a seguir em frente, apesar de tantas dificuldades? Diríamos que foi a esperança.

***“Vivemos esperando dias melhores”
(FLAUSINO, 2000).***

A frase “Vivemos esperando dias melhores” - da música “Dias melhores”, de Flausino (2000) - traz algo que foi e está sendo essencial para enfrentar tudo isso: a esperança. Não foi a primeira vez que a humanidade passou por uma pandemia e talvez não seja a última, mas a expectativa de que vamos superar isso juntos nos motiva não só a continuar lutando, mas também a sermos pessoas melhores.

E essa esperança não tem sido em vão. No dia oito de dezembro de 2020, a vacinação começou no Ocidente, lá no Reino Unido. Enquanto não chega aqui no Brasil, para sermos mais específicos no Ceará, continuamos seguindo com coragem e força. Porém, não podemos esquecer os pontos positivos dessa experiência: passamos mais tempo com a família e aprendemos a ser empáticos, o ato de se colocar no lugar do outro, a exemplo do uso de máscara não só em benefício próprio, mas também para a proteção do próximo.

Logo, a pandemia é um momento histórico que ninguém imaginava, mas aconteceu. Tudo o que podemos fazer para amenizar a situação atual é seguir as orientações médicas das quais todos estão cientes e esperar dias melhores.



Fênixx

EEEP Wellington Belém de Figueiredo (Nova Olinda/CE)

Orientação: Edisangela Sales de Araujo

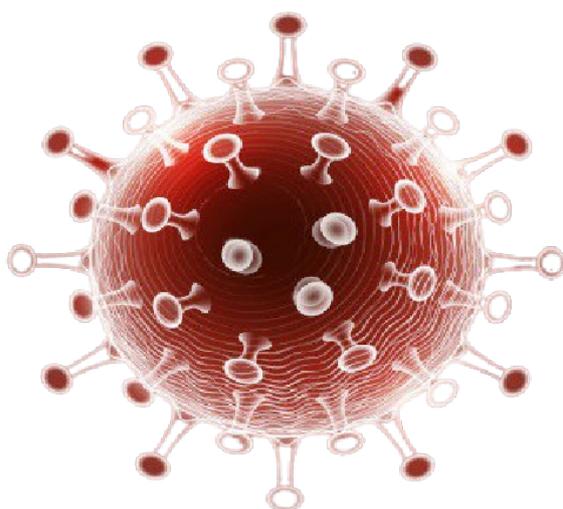
Antonia Vitória Bezerra

Leidiany Aparecida da Silva Cordeiro

Kelislania Alves Moreira

Com o surgimento da pandemia do Covid-19, o famoso coronavírus fez mudança na rotina de muita gente, em todos os meios de comunicação. A doença foi se alastrando cada vez mais rápido tendo como consequências a infecção de milhares de pessoas, resultando na morte de algumas. Milhares de pessoas frustradas por que não puderam enterrar seus parentes, estavam isoladas em casa e só podiam sair em casos de necessidade, as diversões fora de casa foram interrompidas, a liberdade estava comprometida, enfim, um verdadeiro caos.

Figura 1 - Imagem da estrutura do coronavírus



Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/doencas/coronaviruscovid-19.htm>

academias, restaurantes, igrejas e tantos outros ambientes serem interrompidos por conta do coronavírus. Pessoas isoladas em hotéis, praias vazias, isso só aumentava o descontrole e o medo da população.

Medidas preventivas foram tomadas em todas as regiões brasileiras como por exemplo a higienização do transporte público, suspensão de eventos, suspensão de visitas a presídios e abrigos, fechamento de pontos turísticos, aulas suspensas, cancelamento de viagens, entre outras medidas.

“Queremos um amanhã melhor, não só para nós, mas para todo o mundo. ”

Todos nós tivemos que nos reinventar e adaptar-nos às mudanças feitas. Tivemos que unir forças e seguir em frente, mesmo sendo tão difícil. Não foi e não está sendo fácil para ninguém ter que conviver desta forma, mas não podemos desafiar a natureza e sofrer ainda mais no futuro.

Em meio a tanto desespero e caos, vacinas foram desenvolvidas e testadas em vários países para a possível diminuição do Covid-19. No Brasil, o Instituto Butantã fez uma parceria com a empresa Sinovac Biotech para a produção e testes da vacina CoronaVac. Assim, a população brasileira pode ter um certo alívio, pois já tínhamos uma certa esperança.

Infelizmente, muitas pessoas não obedeceram às regras do isolamento social e passaram a frequentar muitos lugares que ainda estavam fechados, é claro, clandestinamente. Essa atitude só fez com que os casos de Covid-19 aumentassem. Baladas, festas em família, reuniões entre amigos, praias lotadas foram alguns dos fatores que contribuíram para o aumento dos casos. Felizmente, quase tudo está voltando a ser como era antes e as pessoas estão podendo voltar aos poucos a fazer aquilo que gostam, mesmo diante de muitas regras e medidas preventivas a serem seguidas.

No Brasil, já foram registradas mais de 6.500.000 de casos de infecção e mais de 170.000 mortes pela Covid-19, infelizmente uma triste situação para todos nós.

Queremos que tudo isso passe logo e que possamos em breve viver livres e sem medo. Queremos um amanhã melhor, não só para nós, mas para todo o mundo.



FGGTRÊS

EEEP Flávio Gomes Granjeiro (Paraipaba/CE)

Orientação: Antônia Natália Lessa de Sousa

Victor Hugo Barbosa Batista

Maria Iasmin B. Nazário

Pandora Ágatha O. Galvão

O ano de 2020 se despontou como atípico e exigiu que nos reinventássemos. O motivo? A pandemia da Covid-19. Foi necessária uma adaptação em nosso planejamento diário e uma série de mudanças em nosso comportamento, jeito de pensar e agir. A partir de então, a sociedade tem se moldado em padrões estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a fim de combater o vírus e desacelerar o contágio. Participar desse momento histórico, expõe inúmeras problemáticas antecedentes ao período. O Brasil, apesar de ser o maior país em extensão territorial, população e riqueza da América Latina, enfrenta constantemente problemas relacionados às desigualdades sociais pertinentes ao mundo contemporâneo, problemas estes, que se agravaram ao longo do ano e tornaram-se ainda mais avassaladores com a pandemia.

A formação de uma nova configuração social foi construída a partir de restrições, confinamento e privações. Hábitos que antes eram simples, como ir à praia ou à escola, hoje se tornou um desafio. A versatili-
dade do ser humano se mostrou necessária, a resiliência nunca esteve tão na moda. A presença da pessoa física foi substituída de forma abrupta pelas conversas virtuais. Os aparatos tecnológicos de comunicação tornaram-se primordiais e, assim, mergulhamos em uma nova rotina.

“As parcelas menos favorecidas da sociedade foram as mais (...) sufocadas com a pandemia.”

Entretanto, as modificações não ocorreram em ritmo uniforme, muito menos com equidade. As parcelas menos favorecidas da sociedade foram as mais prejudi-

cadadas com o acesso defasado às informações. As pessoas em situação de rua, moradores de áreas rurais e residentes de periferias, além de sofrerem com as desigualdades sociais pré-existentes, impulsionadas pelo esquecimento por parte do poder público, foram ainda mais sufocadas com os efeitos da pandemia.

Figura 1 - Trabalhador pobre sem condições de adquirir uma máscara se protege com sacola plástica improvisada.



Fonte: Themba Hadebe/AP Photo. Disponível em: <https://www.causaoperaria.org.br/diarias/imagem-do-dia-34/>

As diferenças no modo como as classes sociais distintas lidam com esse problema reafirmam o cenário de desigualdade que a pandemia escancarou. Segundo o portal de notícias G1, até setembro de 2020 a população desempregada já ultrapassava a marca dos 14 milhões, com queda considerável no Produto Interno Bruto (PIB), além do aumento da inflação que atingiu com mais veracidade as classes mais baixas. Nesse sentido, os contrastes sociais nos permitem refletir: Será mesmo que estamos todos no mesmo barco?

De fato, nem todos estão no mesmo barco. Nem todos enfrentam a pandemia da mesma forma. Enquanto alguns aumentam seus cuidados com a higiene

peçoal e assepsia no combate ao Novo Coronavírus, outros têm preocupações mais imediatas, como saber quando será sua próxima refeição. É preciso atentar-se a guerra contra o vírus, mas sem esquecer de outras guerras sociais que há muitos séculos estão ceifando vidas. Amenizar ou desmerecer os efeitos e as consequências da pandemia também é uma atitude no mínimo irresponsável. Devemos considerar que a doença já ocasionou mais de 180.000 óbitos no país, de acordo com dados levantados pelo Ministério da Saúde, e tomadas de decisões de forma equivocada podem tornar o problema ainda maior. Outra forma de desigualdade social reforçada e explicitada nesse período de pandemia é a defasagem de políticas públicas voltadas para a educação. A falta de uma universalização do ensino compromete o processo de aprendizagem dos estudantes e a carência de nutrientes no fortalecimento de uma democracia educacional promove a desigualdade, visto que nem todos possuem condições de acompanhar as aulas remotas, por diversos motivos, que vão desde a falta de acesso à internet, aparelho móvel ou computador, até a escassez de um ambiente familiar adequado. Em alguns casos, as atividades cotidianas acabam se sobrepondo às obrigações escolares e assim, o que deveria ser prioridade acaba entrando em colapso.

Dessa forma, chegamos à conclusão de que não há possibilidade de vencermos a pandemia sem obtermos prejuízo em alguma esfera da sociedade, porém, podemos minimizar seus efeitos. Mais investimentos públicos e privados, aplicados de forma efetiva nas chamadas áreas essenciais, podem não apenas auxiliar no combate ao coronavírus, mas na luta de problemas sociais que há muito tempo tem sido empecilho para a população mais vulnerável. A pandemia vai passar. A vacina contra a Covid-19 está por vir. Mas enquanto

isso não acontece, devemos enaltecer nossos valores sociais, nossos princípios e, principalmente, nossos valores humanos altruístas, pois as pessoas que amamos em algum momento irão nos deixar e o que nos restará serão apenas as boas lembranças.



FGGQUATRO

EEEP Flávio Gomes Granjeiro (Paraipaba/CE)

Orientação: Antônia Natália Lessa de Sousa

Sabrina Melo Duarte

Felipe Pacheco Rocha

Vinícius Freitas Loiola

Uma nova rotina, novos hábitos, uma nova vida. Por mais que seja inegável o impacto no fluxo comercial de todos os países do globo terrestre, os efeitos sentidos pela pandemia transcendem o âmbito econômico. Nesse sentido, é possível notarmos o seu impacto em uma área ainda mais sensível e substancial para o ser humano: a saúde mental. A pandemia do novo coronavírus chegou de forma avassaladora, tivemos que nos reinventarmos e nos adaptarmos ao “mundo em quarentena”, o medo e as incertezas se tornaram sentimentos comuns a todos nós.

Figura 1 - Somos soldados desarmados enfrentando algo que nem sequer podemos enxergar



Fonte: Muralinath, 2020. Disponível em: <https://www.istockphoto.com/br/foto/retrato-de-jovem-indiano-usando-m%C3%A1scara-protetora-e-lutando-contr-o-coronav%C3%ADrus-gm1222436349-358709002>

A pandemia alterou o modo como aprendemos, nos comunicamos, a maneira como demonstramos afeto e, principalmente, houve uma drástica modificação em nossos planos, tudo que havíamos traçado para o ano de 2020 precisou ser postergado ou, por vezes, cancelado. Para muitas pessoas, a vida diária mudou radicalmente, e os modos de vida “normais” como os conhecemos foram suspensos indefinidamente.

Nossa sanidade mental foi repentinamente posta em prova, dentro de um fenômeno voraz, em que nossos sonhos e expectativas sofreram pela ameaça constante desse inimigo invisível. Esses fatores mexeram com a nossa mente, passamos um longo período com medo, afogados em um mar de incertezas.

O mundo está um pouco embaçado, ou será que são os nossos olhos? Por muito tempo o vírus tornou-se o protagonista de nossa vida, nos fez esquecermos, muitas vezes, de quem nós realmente somos, nos fez questionarmos se as nossas aspirações existentes antes da pandemia ainda seriam relevantes mediante ao cenário catastrófico que presenciamos todos os dias. As mudanças abissais pelas quais fomos submetidos implicam em um diferente olhar sobre nós mesmos, desanimamo-nos, evoluímos e continuamos vivendo à espera de dias melhores em um futuro próximo.

Em meados da quarentena, o sentimento primordial era, certamente, o medo do que estaria por vir, o temor pelo desconhecido e a constante sensação de não conseguir suportar a situação em meio a tantas incertezas. Somadas ao medo de contrair o vírus em uma pandemia como a COVID-19 estão as alterações significativas em nossa vida diária, uma vez que nossos movimentos se tornaram restritos em apoio aos esforços para conter e retardar a propagação do vírus. Cada um de nós foi abalado em diversos aspectos, a experiência de perda foi pela primeira vez experimentada, de uma maneira que jamais poderíamos imaginar, com quem acreditávamos que nunca seria enfraquecido em virtude das complicações do vírus em seu organismo. É realmente inacreditável quando pensamos nas pessoas que perdemos e nas milhões de vidas que foram levadas pelo coronavírus ao redor do mundo.

“Não estamos lutando apenas contra um vírus.”

De fato, não estamos lutando apenas contra um vírus. A crise sanitária do novo coronavírus trouxe consigo um colapso emocional iminente para diversas pessoas. Toda essa conjuntura psicológica foi fortemente influenciada por outras vertentes presentes na sociedade, posto que não estávamos unicamente em combate contra o coronavírus, essas atribulações internas também são motivadas pela consternadora desigualdade social, intolerância, preconceito e injustiça, os quais eram visualizados diariamente neste ano histórico. Esses são fatores que, atrelados à COVID-19, tornam o período pelo qual passamos ainda mais devastador.

Outrossim, outros fatores abalaram a nossa estabilidade emocional durante esse período isolados, a substituição do ensino presencial pela educação online foi a alternativa mais viável, no entanto a adaptação a esse modelo por parte de nós estudantes foi demorada e exaustiva, na qual o tempo foi o nosso principal inimigo, e a conciliação entre afazeres domésticos e acadêmicos nos acarretou cansaço emocional e psicológico. A natureza e a escala sem precedentes da crise do coronavírus fizeram com que as incertezas sobre o futuro viessem à tona durante os dias de isolamento, são tantas as variáveis nesse momento que qualquer previsão poderia ser vigorosamente frustrada.

Diante disso, infere-se que mesmo em meio a tantas perdas, esse momento serviu para evidenciar que é somente através da empatia e solidariedade que podemos traçar um caminho rumo ao progresso não apenas econômico, mas também social. Assim, quando

finalmente vencermos a Covid-19, poderemos persistir em nossos planos e objetivos que, infelizmente, foram adiados pela pandemia. Esta emergência global causou muitos transtornos, mas é importante lembrar que nós, o povo, devemos contribuir para que possamos superar essa turbulência juntos. Numa época em que o medo e a tristeza uniram o mundo moderno como nunca antes, a esperança também pode fazer o mesmo.



Filhas de Frida do Sertão

EEEP Francisca Rocha Silva (Jaguaruana/CE)

Orientação: João Joel de Oliveira Neto

Ainoá Rebouças

Aline Lima

Carol Fonseca

A Pandemia do Covid-19, ao assolar vidas e mudar de forma tão repentina o nosso cotidiano, fez oscilar as bases estruturais e funcionais não só dos sistemas de saúde e econômico, mas também as de caráter socioemocional, expondo perigosos sintomas sociais já presentes em nossa sociedade.

Figura 1 - Mulher grávida de máscara diante da janela.



Disponível em: <https://p.dw.com/p/3etXC>

Tais mudanças nos obrigam a seguir medidas essenciais, contudo, ásperas, como o isolamento. Ao nos distanciarmos de familiares e amigos para mantê-los protegidos, somos cercados por inseguranças. Estas agem diretamente em nosso comportamento, tendo como um de seus produtos o sentimento de impotência.

O cenário traçado por incertezas, nos submeteu a visitar os confins de nossas memórias, nos colocando face a face com os maiores questionamentos de nossa experiência humana. Assim, tal situação provocou, bruscamente, os mais diversos e intensos sentimentos, deixando-nos de certo modo, desamparados.

Evidencia-se, assim, que a esfera educacional foi uma das mais afetadas nesse processo. Não há como negar a desorganização acadêmica com a remodelação do ensino presencial para o remoto por meio das tecnologias, que agrava-se pelo cada vez mais largo e profundo abismo social de nosso país. Tal mudança atingiu em cheio a saúde mental dos estudantes. Na medida em que o baixo rendimento em aprendizagem se intensifica, a percepção de um mau aproveitamento do tempo gera, por conseguinte, exaustão. O excesso de esforço em troca da mínima captação do conhecimento alimenta a incapacidade e o receio de um futuro controverso.

“O excesso da elevação do desempenho leva a um infarto da alma.”¹

Na corrente do que afirma o pensador sul coreano Byung-Chul Han, deve-se ressaltar a frequente sensação de descontentamento e pânico que nos aflige ao observarmos os telejornais, que apresentam dados exorbitantes de mortes que poderiam ter sido evitadas se não existisse a negligência à ciência e suas recomendações por parte da governança, sobretudo do presidente da república, uma vez que, para o mesmo, a importância do desenvolvimento econômico sobrepõe-se ao interesse do bem-estar da sociedade. Logo, é inevitável a reflexão sobre o valor da vida e da banalização da tragédia.

Se o confinamento semeou algum proveito, foi o de autoconhecimento, ainda que turbulento. Quem sabe, em meio a tanto caos, possamos deixar para uma geração futura a herança positiva da essencialidade do cuidado psicossocial.

¹ HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. São Paulo, Editora Vozes, 2015.



Filhas de Quitéria

Farias Brito Central (Fortaleza/CE)

Orientação: André Isaac Santos de Sousa

Ana Lara Sales de Holanda Brasileiro

Maria Eduarda Vasconcelos

Danielle Maria Gurgel Beltrão Diniz Brasileiro

É possível que algo de bom tenha acontecido em 2020? Quem diria que esse questionamento seria repetido tantas vezes por nós esse ano e que ele nos traria um dos piores sentimentos: a impotência. Mais uma vez, o mundo parou e foi ameaçado, mas dessa vez nós somos os protagonistas desse terrível momento histórico em que o inimigo invisível está mais presente do que nunca, a todo momento nos cercando e se aproveitando do ar que respiramos, sendo noticiado nas mídias e mudando totalmente o nosso conceito de vida normal. Quem dera o nome SARSCoV-2 fosse a única parte estranha, mas não; as dúvidas e incertezas vão muito além, pois lidamos com um vírus desconhecido e altamente mutável pertencente à família coronavírus e que veio para destruir muitas famílias.

Os efeitos da Covid-19, como ficou conhecida a doença, estão visíveis no mundo todo, com medidas rigorosas de quarentena, *Lockdown* e as lamentáveis mortes de milhares de indivíduos. Contudo, os impactos para nós brasileiros ultrapassam as barreiras da saúde, que já se encontrava no estado de calamidade, e atingem diversas outras áreas, como economia e política. As famílias brasileiras encontram-se desamparadas diante do fechamento de muitas empresas que eram fonte de emprego e renda, o aumento dos preços dos alimentos, a falta de condições para tomarem os devidos cuidados de higiene, sem falar na dor de ver pessoas queridas ceifadas pelo vírus.

Então é mesmo possível que algo de bom tenha acontecido nesse ano tão caótico? E, por incrível que pareça, a resposta é sim. Para o codificador do espiritismo Allan Kardec, que esclarece em sua obra “O Espiritismo em Sua Expressão Mais Simples” (1862), na página 15, o seguinte: “O egoísmo, o orgulho, a vaidade, a ambição, a cupidez, o ódio, a inveja, o

ciúme, a maledicência são para a alma ervas venenosas das quais é preciso a cada dia arrancar algumas hastes, e que têm como contraveneno: a caridade e a humildade.” E como estamos sentindo o efeito destas duas últimas palavras em nossas vidas, e validando cada vez mais a afirmação de que a nação brasileira deve ser formada por um povo unido. Agora, com um inimigo em comum, e que afeta a todos sem distinção, a caridade e a humildade são práticas necessárias para a tão sonhada superação.

É incrível ver, num momento como esse, nós cearenses e organizações unindo-se para ajudar os mais necessitados, ver artistas usando de seus talentos para arrecadar alimentos e materiais para saúde por meio de lives e ferramentas on-line. Segundo o telejornal “Bom Dia Brasil”, foram mais de 250 mil campanhas criadas em plataformas digitais desde o início do ano, assim como o esforço individual de cada um, sendo na confecção de máscaras ou na doação monetária; por exemplo, a senhora Lourdes Góes, que mora em Fortaleza, começou a confeccionar máscaras para doações. Além disso, a ação solidária de grandes empresas mostra ainda mais esse cuidado com o próximo, pois, mesmo enfrentando crises, esses estabelecimentos prontificaram-se em ajudar, como é o caso da instituição Beach Park, que já fez a doação de 30 toneladas de alimentos para famílias locais e que procura ampliar ainda mais esses números, segundo informações do site “ceara.gov.br”.

Então, sim, apesar de tantos mementos de tristeza, podemos dizer que algo de bom aconteceu, basta imaginarmos quantas vidas foram salvas graças a bondade que nós compartilhamos um com os outros - bondade essa que estava adormecida diante de um mundo ambicioso e automático -, quantas vidas foram

transformadas, quantos corações tocamos e quanto estes se compadeceram com a dor do outro.

Em conclusão, a empatia humana foi algo extraordinário que se expandiu durante esse período difícil. Como já dito pelo psiquiatra Augusto Cury, em sua obra “Os segredos do Pai-nosso” (2006), na página 78, a seguinte afirmação: “A solidariedade e a capacidade de se doar são plantas delicadas que dependem de um refinado trabalho educacional” entender e simpatizar, com a dor alheia, assim mobilizando esse sentimento em boas ações que, algumas vezes, podem ser tão simples e singelas, entretanto que fazem uma diferença enorme aos que necessitam.



Filhas de Zetkin

EEEP Francisca Rocha Silva (Jaguaruana/CE)

Orientação: João Joel de Oliveira Neto

Clara Beatriz Oliveira Moreira

Larissa Lyda Nunes da Silva

Maria Clara Rocha Machado

Angústia. Insegurança. Dúvida. Ansiedade. Depressão. Essas são as palavras que contemplam o conjunto de sensações que mais definem o nosso estado físico, moral e psicológico frente ao isolamento social que presenciamos, o qual, para muitos, é tão árduo e sombrio.

Nós, milhões de estudantes brasileiros, encontramos dificuldades acerca das consequências causadas pelo isolamento social, já que este proporciona o distanciamento de laços afetivos das demais Instituições Sociais existentes (Família, Escola, Igreja, etc.), além de culminar no aprofundamento das desigualdades sociais. Dessa forma, podemos afirmar que a pandemia possibilitou que nós enxergássemos o semblante de um Brasil fragilizado não só pela influência da COVID-19, mas pelas historicamente estruturadas desigualdades sociais que nele habitam motivadas, em sua maioria, pelo menosprezo dos governantes, em sua generalidade, representantes de uma elite escravocrata e de tendências fascistas.

Assim, o setor educacional é a prova de como a crise, na qual o Brasil já vivenciava, está sendo agravada pelo novo Coronavírus. O sistema educacional é uma ferramenta essencial para demonstrar o quanto a educação brasileira ainda é vítima de graves problemas sociais, incluindo a exclusão digital que impossibilita diversos alunos acessarem as plataformas digitais de ensino, o sucateamento das escolas que não dispõem itens de higiene básico para os alunos, a ausência de amparo psicológico para os estudantes, as dificuldades enfrentadas pelos alunos e alunas da rede pública de ensino com baixa renda e, principalmente, os ataques a educação brasileira, seja do ensino secundário e superior, motivada pela retirada de recursos e investimentos no ramo de tecnologia e pesquisa. Com

isso, muitos estudantes afastaram-se de suas rotinas escolares, com o objetivo de auxiliar na renda de seus familiares, tornando-se vulneráveis ao desemprego, fome e miséria.



Fonte: "Abandonadas: assim caminham as escolas com as piores notas do ENEM", Jornal Metr pole.

“Todo amanhã se cria num ontem através de um hoje. De modo que nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos”¹

Assim, de acordo com as palavras do patrono da educação brasileira, Paulo Freire, os próximos passos serão trilhados por um caminho de luta, buscando justiça social e uma nova estrutura para o ensino brasileiro. Nesse cenário, nossas lutas perpassam por novos caminhos, sendo encarados como uma solução

¹ FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. São Paulo, Paz e Terra, 2018.

para essa crise intensificada pelo vírus.

Nesse período de fragilidade, o sistema educacional no Brasil grita por socorro, assim como diversas famílias que gritam pela dor de seus entes queridos. Com isso, concluímos que a defesa do novo FUNDEB é um dos primeiros passos para a reestruturação da educação básica, a qual necessita de investimentos para a reiteração de um novo ambiente escolar acompanhado de estruturas eficazes para o retorno estudantil. Contudo, é preciso ressaltar os ataques vivenciados pelas universidades de ensino superior que lidam com a falta de verbas essenciais para custear gastos, como água, luz, bolsas de auxílio e materiais de pesquisa, este que é, sem dúvidas, fundamental para um momento que carece de conhecimento científico como seu aliado.



Filhos da terra

EEEP Francisca Rocha Silva (Jaguaruana/CE)

Orientação: Francisco Marciano da Silva

Ana Lara Farias Lima

Dácio Marcelo Silva

Laysa Mirella Rodrigues

Sem dúvidas uma das maiores dificuldades em relação a essa pandemia que estamos vivenciando, é o ensino remoto dos alunos da rede pública, pois muitos não têm acesso a aparelhos eletrônicos, como celulares e computadores, além da falta de conexão à internet em casa.

Essa realidade nos mostra a necessidade de muitos estudantes procurarem espaços públicos, como praças, que dispõem de acesso à internet gratuita, para que possam realizar seus estudos e tarefas.

Figura 1 - Aluno de escola pública usando wi-fi de açougue



Fonte: g1.globo (2020)

Isto é visto, como um grande problema no processo de ensino e aprendizagem, pois além de não terem acesso a ferramentas indispensáveis ao ensino remoto, também não dispõem de um ambiente adequado de estudo.

De acordo com Andrade (2020), conforme as estimativas da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime-Ce), as redes públicas municipais tinham menos de 50% dos municípios com escolas mantendo atividades de ensino remoto, devido às dificuldades de acesso à internet.

Esse contexto, contribui ainda mais para o aumento das desigualdades existentes entre o ensino público e o privado. Os estudantes da rede privada são privile-

giados com esses recursos e também são mais familiarizados com essas ferramentas. Assim, a inserção deles nesse novo cenário ocorre de maneira mais suavizada e com menos perdas.

A problemática do ensino remoto, não se limita apenas em relação ao acesso à internet e a falta de aparelhos eletrônicos como computador e celular, mas, relaciona-se também as dificuldades na falta de interação e contato, aluno-aluno, aluno-professor e professor-aluno. Muitos alunos não sabem lidar com a interação online, tem dificuldade com manuseio de plataformas de ensino, como o Google Classroom (Google sala de aula), que é utilizado pela maioria das escolas públicas do Estado do Ceará.

Estas dificuldades, se estendem também aos professores que precisaram assim como os alunos se adaptarem a essa nova realidade, visto que a maioria desses profissionais não estavam preparados para essa nova configuração de ensino, trazida pela pandemia SARS-Covid 19.

Assim, é de suma importância, a implementação de ações que visem mitigar os efeitos da pandemia na educação brasileira, contribuindo para um ensino que contemple a todos e a todas independentemente de classe social.

Referências

ANDRADE, Domitila. *Ensino remoto por conta da pandemia traz muitos desafios à educação no Ceará*. O Povo, 05 dez. 2020. Cidades. Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/jornal/cidades/2020/05/11/ensino-remoto-por-conta-da-pandemia-traz-muitos-desafios->

a-educacao-no-ceara.html. Acesso em: 10 dez. 2020.

G1.GLOBO. *Aluno de escola pública comove a web ao estudar usando wi-fi de açougue, em Goiás.* Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2020/06/10/aluno-de-escola-publica-comove-a-web-ao-estudar-usando-wi-fi-de-acougue-em-goias.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2020.



Filhos do cortiço

EEEP Maria Giselda Coelho (Palmácia/CE)

Orientação: Jorge Luiz Simplício

Arthur Oliveira Lourenço de Freitas

Maria Clara Paiva

Isaías Enéas Maia

“A PANDEMIA CHEGOU, FUJAM PARA AS MONTANHAS!!!”

Esse foi o sentimento que dominou boa parte das pessoas nesse período e que, particularmente, nos dominou também.



Fonte: Arquivo pessoal

Literalmente, se não foi possível refugiar-nos dessa maneira, então acabamos por buscar formas alternativas de nos distanciarmos ao máximo dessa realidade catastrófica. Acabamos por nos deparar com aquilo que sempre esteve debaixo de nossos narizes, mas que nunca demos importância: o convívio familiar. Mesmo que forçadas, essas relações familiares proporcionaram experiências de estreitamento de convívio e acentuação de características antes ignoradas pela correria da rotina e a falta de proximidade.

Já as amizades, essas tomaram um novo patamar, já que praticamente todas as interações se deram por meios virtuais e com a ausência da presença física, mudando assim nossa forma de lidarmos e convivermos com nossos amigos. Descobrimos e conhecemos ótimas pessoas, mas também nos afastamos, mesmo que involuntariamente, daquelas que considerávamos de grande importância. Já não bastando afetar a saúde física, essa pandemia mudou até o significado das nossas métricas de importância. Coisas, que antes eram

consideradas muito importantes, hoje se encontram esquecidas e deram lugar a outras que outrora eram insignificantes.

Esses aspectos corroboram com a ideia de que essa pandemia mudou nossas visões de mundo, nossas expectativas para o futuro e tudo que diz respeito às relações pessoais.

Outro ponto que gerou grande impacto em nossas vidas foi a relação de estudos adaptados à realidade imposta pela situação de isolamento social.

Tivemos que assistir às aulas por videoconferência e acompanhar a fluidez dos horários, muito diferentes do que estávamos habituados no ensino presencial, foi-nos difícil a adaptação com essa realidade tão dura. Além disso, conciliar a vida escolar com as tarefas domésticas fez com que matérias e conteúdos simples transfigurassem-se em verdadeiros problemas complexos, que, de alguma maneira, deveriam ser enfrentados.

“Já que não podemos fugir da nova realidade, que possamos então nos adaptarmos a ela.”

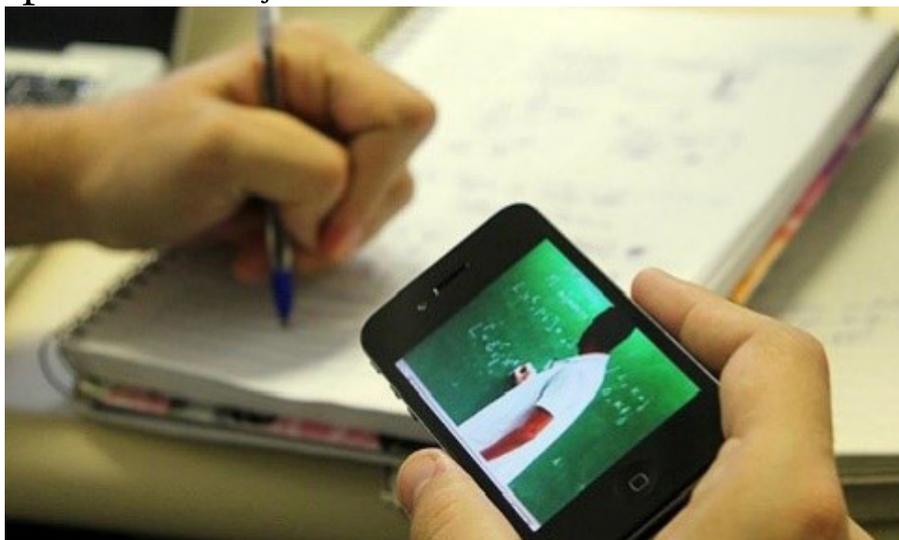
De todos esses desafios e aspectos enfrentados, a antiga realidade já não é mais atingível. Iremos focar em construir uma nova, que incorpore os melhores aprendizados e experiências que tivemos. A pandemia irá acabar, mas as lições deixadas por ela jamais serão esquecidas.



Filhos do Vale

IFCE (Limoeiro do Norte/CE)
Orientação: Jossefrania V. Martins
Letícia Nogueira G. de Oliveira
Glória Maria N. P. dos Santos
Raimundo A. da Costa Júnior

SARS-Covid-19, doença descoberta no final do ano de 2019 e desde então presente em nossa sociedade, logo infectou boa parte dos países e ocasionou uma pandemia. Por conta disso, tivemos que adotar medidas de segurança parecidas com as usadas durante a peste negra como: quarentena e cerimônias fúnebres restritas e com pouca duração.



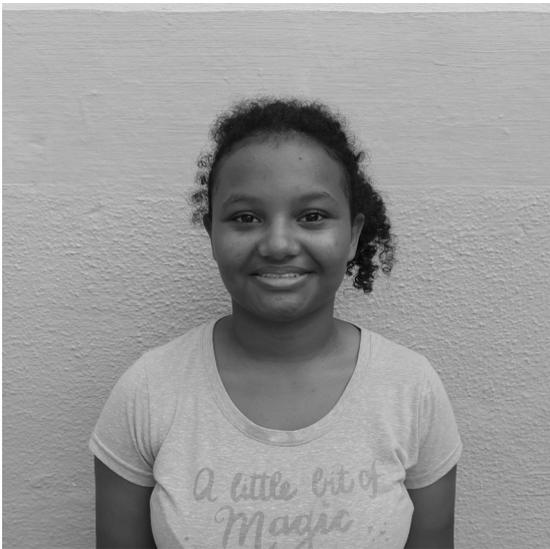
Estudante assiste aula através do celular. Divulgação: MCTIC. Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/04/professores-pais-e-alunos-apontam-dificuldades-e-limitacoes-no-ensino-a-distancia>

Embora os tempos sejam outros, dia a dia enfrentamos desafios como o ensino a distância, tendo como base que poucos alunos têm internet em suas casas ou um ambiente apropriado para estudos. Nos hospitais, a realidade é dramática com as filas em busca de atendimento e tratamento que esbarraram nos leitos insuficientes e na falta de equipamentos de qualidade. Sem contar a situação das famílias mais pobres que, afetadas pelo desemprego em massa, amarguram a falta de renda e a invisibilidade perante o Estado. Apesar de tantas vidas que foram e são prejudicadas pela pandemia, ela nos deixa muitos aprendizados, tais como: aproveitar cada momento, ser mais solidário e também que a internet pode ser tanto uma aliada quanto uma inimiga. Isso porque o isolamento social nos fez perceber que estávamos afastados das pessoas mais próximas por conta da internet, (sobre) vivendo

na “bolha” do mundo virtual.

Há pelo menos 10 meses a rotina de todas as pessoas do mundo mudou, e, por ora, a vida já não é como antes. Na medida em que a pandemia de Covid-19 foi se alastrando, as pessoas tiveram de adaptar seus hábitos. Várias estão passando dificuldades financeiras e cerca de 10 milhões estão passando fome. Tivemos que repensar nossas ações, nos reprogramar, olhar e buscar a garantia de conquistas fundamentais, encontrar novos significados, redefinir metas e aprender novas formas de convivência.

São tempos difíceis e é de extrema importância que permaneçamos de pé, firmes e fortes na luta contra o que estamos vivendo para que encontremos um modo de sair disso tudo com o menor dano possível. Cada um de nós sente de forma diferente os efeitos causados pela pandemia, de modo que não podemos esperar que todos lidemos com isso de uma maneira única. Somos sujeitos desse tempo e testemunhas do que está acontecendo e como jovens estudantes sabemos que não está sendo fácil adaptar-nos ao ensino remoto, à súbita interrupção de nossa adolescência, entre tantas coisas mais e está tudo bem nisso, o que é realmente exigido de nós é a consciência, empatia e cuidado. É normal sentir medo. Não há nada de errado em demorar para aprender um conteúdo porque ainda não conseguiu se acostumar com o novo método de ensino. A única coisa que não deve nem passar pela nossa cabeça é desistir. Esta não é a primeira vez que isso acontece com a humanidade, mas cada experiência traz consigo aprendizados únicos para o diálogo entre as gerações.



Filhotes de Bauman

EMTI Professor Álvaro Costa (Fortaleza/CE)

Orientação: Emanuelton Antony Noberto de Queiroz

Matheus Sousa de Carvalho

Geovanna Pereira da Silva

Vitória Costa de Sousa

Há nove meses, estamos passando por uma pandemia que mudou completamente nossos hábitos, costumes e o jeito que vivemos. De início, imaginávamos que essa situação seria passageira, mas, quando ficamos um mês longe da escola, percebemos que esse vírus é muito nocivo à saúde das pessoas.



Fonte: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/educalab/de-cada-3-alunos-um-nao-teve-acesso-a-aulas-remotas-em-julho-diz-pesquisa-do-ibge-1.2979849>

Novos costumes começaram a fazer parte do “novo normal”, seja em nossas casas ou fora delas: o uso de máscara, a permanência da distância de dois metros entre as pessoas, a higiene frequente das mãos e o uso do álcool em gel.

“Dessa forma, como os cientistas que passam dia e noite pesquisando uma vacina, também consideramos nossos professores heróis por sempre tentarem ao máximo, nesse período de aulas virtuais, incentivar-nos a não abandonar os estudos.”

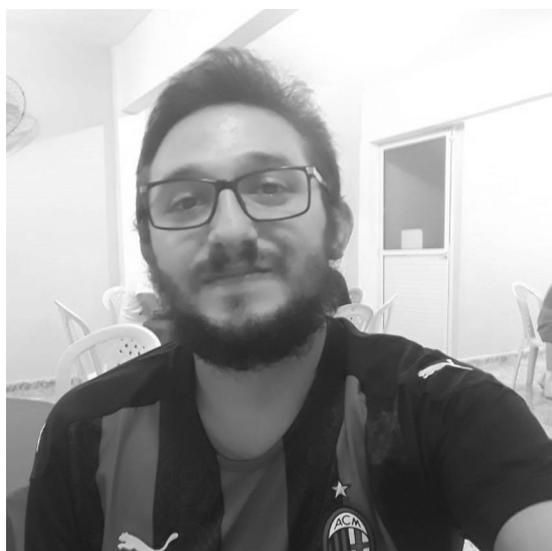
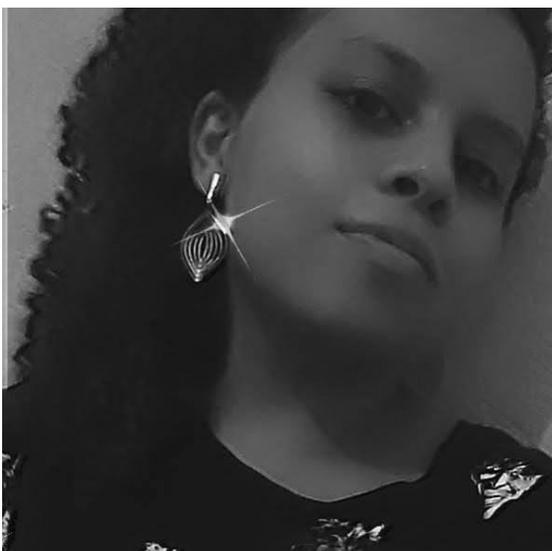
Esta “nova forma de viver” também chegou em nossas aulas, que agora não são mais como antes. Os professores, juntamente com a diretoria da nossa escola, começaram a pensar em uma forma de ter aulas sem o contato físico. Assim, atividades domiciliares e aulas on-line começaram a fazer parte do nosso dia a dia, porém conseguimos perceber que alguns colegas da escola não tinham um aparelho de celular

ou computador apropriado com acesso à internet para participar dessas aulas oferecidas.

Algumas outras dificuldades foram encontradas nesse método virtual de ensino, como um ambiente pouco adequado para facilitar a aprendizagem dessas aulas remotas, a falta de disciplina dos alunos de organizar os horários de estudo e o abalo emocional de todos.

Apesar de todas essas dificuldades que estamos vivenciando, nossa escola ofertou, para quem não tinha celular, computador ou internet disponível, as atividades impressas e insistiu em motivar aqueles alunos que, por diversos motivos, perderam o interesse nos estudos nesse momento tão difícil. Esforços em estimular a continuidade do ensino escolar por parte da equipe de professores e núcleo gestor tem sido muito importante nesse período de distanciamento social. Dessa forma, como os cientistas que passam dia e noite pesquisando uma vacina, também consideramos nossos professores heróis por sempre tentarem ao máximo, nesse período de aulas virtuais, incentivar-nos a não abandonar os estudos.

Motivados por nossos heróis professores, nós sonhamos com a vacinação de todos os habitantes do mundo e, conseqüentemente, com a notícia tão esperada do fim da pandemia. Torcemos para que se possa globalizar, em todos os meios de comunicação, uma mensagem de esperança e superação de todo esse pesadelo que estamos vivenciando, assim poderemos novamente sorrir e nos abraçar sem medo e risco de nos contaminar ou contaminar os outros



Flores do Sertão

EEEP Darcy Ribeiro (Fortaleza/CE)

Orientação: Littbarski de Castro

Grasiele Freitas

Dayane Sampaio

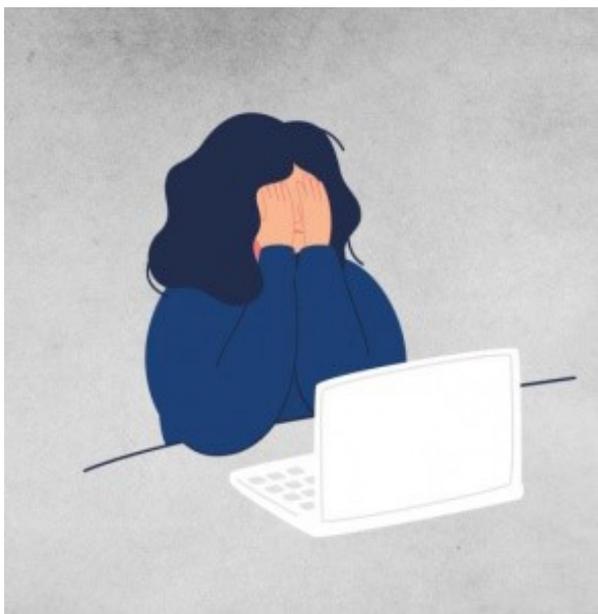
Janaina Oliveira

Os acontecimentos do ano de 2020, infelizmente, aparentam ser de uma distopia da ficção científica, com um desenvolvimento cheio de eventos trágicos no Brasil e no resto do mundo.

Diante dessa pandemia, a área da Educação foi uma das afetadas. Conforme a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e como apontado pelas pesquisadoras Dias e Pinto (2020, p. 545) “a crise causada pela Covid-19 resultou no encerramento das aulas em escolas e universidades, afetando mais de 90% dos estudantes do mundo”¹. A escola é um local de aprendizagem, as experiências adquiridas são importantes para construção do caráter do jovem.

Apesar de todos esses conhecimentos que adquirimos na escola, ela também é um lugar onde muitas vezes temos que lidar com a pressão, o que pode gerar complicações no aprendizado e fragilizar a saúde mental de muitos estudantes.

Figura 1 - Excessiva auto cobrança durante período de estudos na quarentena²



Deve-se também observar outro problema acarretado pelo isolamento social. Jovens periféricos que antes passavam um turno na escola e tinham a possibilidade de fazer cursos complementares no contraturno ou praticar

1 Link disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v28n108/1809-4465-ensaio-28-108-0545.pdf>.

2 Fonte da imagem: https://www.ovale.com.br/_conteudo/viver/2020/06/107741-tempo-de-incerteza--pandemia-aumenta-niveis-de-ansiedade--especialista-ajuda-a-minimizar.html.

atividades físicas em polos de lazer, agora ficam mais expostos às violências, pois apesar de haver o ensino remoto, o mesmo não consegue alcançar todos. Alguns entram na vida do tráfico para ajudar a família, se sentirem pertencentes de um grupo ou mesmo pelo ócio, nesse ínterim, vários perdem a vida devido à guerra de facções.

A escola, que antes era uma aliada, tem deixado lacunas que o modelo de ensino à distância não tem conseguido preencher.

Segundo o jornal O Povo, em localidades como Vicente Pinzón, em Fortaleza, o desejo de ajudar esses jovens foi aflorado. Jairo do Morro, líder comunitário e diretor local de juventude da Federação de Entidades de Bairros e Favelas de Fortaleza (FBFF), organizou o engajamento em atividades, seja com ações de voluntariado como a entrega de cestas básicas, seja na produção de materiais de higiene como sabão e máscaras. Em meio ao aumento de índices de violência, Jairo trabalhou para que esse momento fosse usado de forma que os jovens pudessem se reinventar e permanecer bem emocionalmente. Jairo lembra dos relatos que escutou de jovens extremamente tristes e afetados pelo isolamento e a suspensão, não só das atividades escolares, mas de práticas artísticas e esportivas. Usando a rua como válvula de escape para a pressão, mesmo que desrespeitando as medidas de isolamento (O POVO, 17/07/2020)³.

O investimento em novas tecnologias para ajudar a escola pública brasileira a atender as necessidades dos alunos durante a pandemia era insuficiente, devido a isso as escolas tiveram dificuldade para adaptar-se a

3 Link disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2020/07/17/numero-de-novos-jovens-no-sistema-socioeducativo-diminui-durante-pandemia--atividades-presenciais-suspensas-preocupam.html>.

um novo sistema de ensino. Em casa, muitos alunos não possuem o ambiente adequado para estudar. Os professores também passam por dificuldades nessa adaptação, tendo em vista que muitos nunca tinham trabalhado com o ensino a distância. Assim como os alunos, alguns não possuem acesso a uma boa internet ou não possuem um ambiente adequado.

Diante deste cenário, percebemos que foi um ano cheio de adaptações e aprendizados. É inegável que tivemos perdas em diversas áreas, desde a familiar até a acadêmica. Tendo em vista que muitos alunos de regiões em que as tecnologias digitais são escassas tiveram dificuldade de ter acesso às aulas, é preciso reconhecer o privilégio de ter acesso às aulas remotas, porém o resultado desta adaptação forçada foi um processo desgastante, para alunos, professores e familiares. Todos tiveram que se reinventar, inovar e se capacitar para que o conhecimento da grade curricular e as boas relações oriundas do ambiente escolar fossem as melhores possíveis no ambiente virtual.



Fortim do Conjunto

Colégio Cora Coralina (Fortaleza/CE)
Orientação: Simone Teixeira de Amorim
Maria Eduarda Colares Oliveira
Jeslyane Castelo Guimarães
Isac Bruno Colaço Bonfim Braz

Durante o período da quarentena vários trabalhadores foram dispensados por seus empregos não serem “essenciais” no momento, mais outros seguiram sua rotina de trabalho, com as devidas precauções em relação a doença.



Fonte: Mello, D. Home office foi adotado por 46% das empresas durante a pandemia. Agência Brasil. ebc.com.br. Disponível em : <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-07/home-office-foi-adotado-por-46-das-empresas-durante-pandemia#>> Acessado em: 12/12/2020.

A imagem retrata o novo cenário, o novo ambiente de trabalho, onde as pessoas tiveram que adquirir métodos de prevenção ao novo Covid-19.

Mesmo com todos os cuidados dos trabalhadores, alguns foram afetados pela doença.

Como o relato de um dos integrantes do time fortim do conjunto, demonstra a situação de seu pai.

Um homem, morador do Genibaú, trabalha no ramo da eletrotécnica, não parou de trabalhar, A rota em que esse trabalhador faz todos dias em seu trabalho passa pela Aldeota, bairro que estava como uma das maiores incidências de corona vírus, durante esse período é acabou adquirindo a doença e repassando para a sua mulher, eles procuraram o posto de saúde para fazer o teste e confirmar, mas o posto não estava disponibilizando os testes, o casal

seguiu com o tratamento em casa e com o distanciamento devido, boa alimentação até a recuperação de ambos.

“Para não passar nensesidade temos que enfrentar tudo até mesmo uma pandemia”

O restante dos trabalhadores da empresa não tiveram como fazer os testes do Covid , e ficaram sem saber se estavam ou não com o vírus, podendo assim infectar toda a família.

Segue o relato de outra integrante da mesma equipe: Um homem que mora no Conjunto Ceará, trabalha consertando e verificando torres que emitem sinais de internet, não tinha como fazer o teste para o vírus, o trabalho que ele executa é em Fortaleza como também em outros municípios do Estado, ele ficou desesperado pois não tinha como fazer o teste, é como praticamente toda a sua família era grupo de risco isso lhe preocupou ainda mais.

Agora um outro depoimento de um integrante da equipe que tem os pais trabalhando na área de saúde: durante essa pandemia, meus pais não pararam de trabalhar, meu pai trabalhava em dias alternados, minha mãe ficou procurando um emprego como enfermeira para ajudar na luta contra a COVID, e ao mesmo tempo trabalhava em um posto de saúde. Infelizmente, muitos dos trabalhos requisitavam experiência, algo que ela não tinha. Até hoje ela procura um trabalho.

Com isso vemos que vários trabalhadores de bairros com menos infraestrutura não tiveram acesso a todos os padrões de prevenção contra o Covid-19, várias pessoas não tiveram acesso ao teste, assim preocupando

os seus familiares, tento que fazer o tratamento sem nenhuma guia e acompanhamento médico.

A preocupação com esses tipos de casos é urgente, principalmente para as pessoas que não tem nem uma rede de saúde perto de suas casas.

Além de não possuir os tratamentos devidos, para a situação atual, às pessoas se auto medicam em busca de melhora.

Por isso todo cuidado é pouco, tanto para as pessoas que estão trabalhando para garantir que sua família tenha tudo que precisa nessa época de crise que estamos vivendo, tanto para os familiares que ficam em casa



Furacão II Mil

EM Odilon Gonzaga Braveza (Fortaleza/CE)

Orientação: Sullivan Pereira Dantas

Kauã de Oliveira Freitas

Cinthia Tiffani de Sousa Avelino

Rérison Silva Costa

Ao bater zero horas do primeiro dia de 2020 começou o ano que, com o surto de um vírus, surpreendeu e ainda surpreende toda a população mundial. Esse ano mostra que “é preciso saber tirar proveito de uma desgraça, e não se deixar vencer por ela.” – *Os Intocáveis*.

O vírus é o Sars-Cov-2, pertencente à família dos Coronavírus, que causa a doença conhecida como Covid-19. Esta foi identificada pela primeira vez em Wuhan, cidade da província de Hubei na China e depois foi assolando outros territórios. Os indivíduos que o contraem podem desenvolver a doença de forma assintomática, já outros desenvolvem sintomas que provocam complicações muito fortes no sistema respiratório, podendo contagiar outras pessoas através do contato próximo, físico ou, até mesmo, através de objetos (com algum tipo de secreção/gotículas) de pessoas infectadas, que poderá levar a óbito. Com efeito, o país de onde o surto surgiu, e todas as outras nações, também contaminadas, começaram a adotar o estado de quarentena e isolamento social, medida que tentava amenizar a disseminação do vírus.

Com estas regras tivemos de ficar guardados em casa, pois assim estaríamos ajudando a nós próprios e aos outros. Isto não foi problema para uns, mas para outros foi um grande desafio. Vale ressaltar que, no Brasil, a violência doméstica – durante o isolamento social – foi algo que muita gente vivenciou, de acordo com o site Jus Brasil. Para muitas das vítimas, a horrível situação foi silenciada, pois foi um período em que o socorro estava restrito, já que os agressores passavam mais tempo em casa, então era fácil evitar que a ajuda chegasse.

Assim fica claro de entender que o território nacional enfrentou além da pandemia da Covid-19, dentre outras problemáticas, as Fakes News. Esta poderia ter sido evitada caso as informações verdadeiras publicadas pelas autoridades competentes de cada país fosse a precursora.

Este não foi o caso da China, pois algo que esta sociedade considerou foi a clareza nas informações como palco principal. Exemplificamos a rapidez da mídia para alertar a sua população, começando no início do ano para que pudessem encarar as medidas de prevenção da doença mais facilmente. Diferente deste país, a mídia dos outros países, como no Brasil, demorou a falar com seriedade sobre o caso do Novo Coronavírus, contribuindo para que a pouca informação resultasse na vinculação de falsas notícias. Relatamos a experiência de um dos autores desta coluna, Cinthia Avelino, cuja mãe não via necessidades do uso da máscara, porque ela acreditava que o vírus era uma mentira. Por pouco não houve casos de infecção em sua família. Somente quando estava alto o crescimento de conteúdos mentirosos que então as autoridades competentes começaram a apresentar os fatos por meio de sites e propagandas. Assim, as notícias falsas foram perdendo os lugares de locutoras, mas não deixaram de existir.

A tecnologia da informação foi de extrema importância durante esse período, pois foi ela quem nos fez saber do que estava acontecendo verdadeiramente no ano de 2020. Através dela que as medidas sanitárias nos aconselharam a não sair de casa sem necessidade, pois caso isso ocorra podemos infectar uma pessoa, sem saber que estamos com o vírus ou mesmo nos infectar. Foi por meio dessas tecnologias da informação que tivemos acesso a imagens de locais públicos e privados

sem a presença de humanos no período pandêmico, como a foto do Centro de Fortaleza – Ceará, registrada pelo fotógrafo Paulo Alberto/SVM. Este local que antes era extremamente movimentado, vimos vazio neste período de confinamento.

Figura 1 – Praça do Ferreira



Fonte: Paulo Alberto/SVM, 2020¹

Portanto, com todas estas regras de isolamento, aprendemos a inovar nossas relações com o mundo. O virtual se tornou algo ainda mais presente na maioria da população, por exemplo, ao invés de nós, estudantes, irmos frequentar a instituição de ensino com o próprio corpo, uma tela de computador ou celular está sendo suporte mediador disso através de aplicativos de comunicação.

No entanto, as dificuldades de poder aprender os conteúdos escolares, virtualmente, são enormes, pois muitos estão lidando com o luto devido ao vírus estar matando familiares e pessoas próximas, prejudicando assim, a saúde mental. Logo, tornou-se complicado

¹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/03/23/fortaleza-tem-segunda-feira-de-ruas-vazias-com-pandemia-de-coronavirus-fotos.ghtml>> Acesso em: 09 dez. de 2020.

entender o ensino e a aprendizagem nessa situação. Ademais, com o passar dos meses, tivemos que nos adaptar a este momento difícil sem nos focar somente nas tragédias e assim nos transtornar, por mais complicado que fosse, como disse o Imperador e filósofo Marco Aurélio:

“Você tem poder sobre sua mente – não sobre eventos externos. Perceba isso e você encontrará a sua força.” (AURÉLIO)

Uma das maneiras mais acessadas de adaptação para o nosso entretenimento foram as lives brasileiras e internacionais, pois os estabelecimentos que proporcionavam esse lazer estavam fechados, voltando a abrir de forma gradual quando o contágio pelo vírus diminuiu. Dessa forma, pudemos começar a sair de nossas casas, entretanto com as medidas sanitárias em primeiro lugar, porque nenhum método de extermínio da doença, até aquele momento, havia sido encontrado. Infelizmente, não são todos que cumpriram as regras, devido a isso estamos enfrentando uma segunda onda de Covid-19, ou seja, o sofrimento não está perto do fim.

É por isso que continuamos falando que está sendo um ano extremamente difícil, principalmente no período em que as mortes não paravam de subir. Vivenciamos perdas de pessoas que não imaginávamos partir de uma maneira tão trágica. Muitas vezes ficamos sem acreditar em tudo o que estava acontecendo. Tivemos medo de adoecer, morrer e deixar as pessoas que amamos. Medo de um tempo ruim que não pudesse ter fim. Porém, não nos sentimos derrotados, erguemos nossas cabeças perante essas dificuldades, por mais difícil que fossem. E dizemos que ainda se tem muito para aprender com o ano mais desafiador dos últimos tempos, pois ele ainda não acabou.



Fusca atirador

Colégio Santa Teresa de Jesus (Crato/CE)

Orientação: Adjalmo Pereira

Jaime Francelino

Volker Alencar

Antonio Luiz

A humanidade já foi surpreendida por diversos momentos de catástrofes e pandemias ao longo de sua história, no século XX por exemplo, entre 1918 e 1920, a gripe espanhola contaminou aproximadamente um quarto da população mundial e levou a milhões de mortes. Nesse contexto, cerca de 100 anos após esse surto, já no século XXI, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou em 11 de março de 2020 um novo mal a ser enfrentado, a pandemia da Covid-19, doença causada pelo novo Coronavírus (Sars-CoV-2) e que teve uma grande e rápida disseminação geográfica. Com isso, o mundo passou a olhar mais criteriosamente a situação vivenciada e os países aceleraram o desenvolvimento de medidas para conter sua expansão bem como os estudos sobre vacinas e remédios que podem ser eficazes.

Figura 1 - Como se proteger contra Fake News



Fonte: Ms Tech / Envato, 2020

Assim, nesse cenário de aflição mundial, de grande número de perdas humanas e contaminados, de distanciamento e isolamento social e de grande uso da internet para transmissão de informações, uma velha inimiga ressurgiu e se aproveitou desse momento de adversidade, as Fake News, que propagam informações falsas sobre a saúde e o combate ao Coronavírus, propondo procedimentos de cura que não têm eficácia comprovada e nem mesmo uma simples base de apoio, o que leva as pessoas a desprezarem os estudos científicos e desse modo desenvolverem pensamentos negacionistas.

“A (Des)informação tornou-se comum na realidade de milhões de pessoas”

É fato que essa situação de incerteza e de busca por alguma segurança leva os indivíduos a acreditarem nessas falsas notícias, no entanto elas podem estimular atitudes prejudiciais à saúde. Assim as Fake News são um desafio que deve ser superado por meio do desenvolvimento de um senso crítico mais apurado por parte da população, por isso é necessário que Estado estimule a criticidade e divulgue arduamente medidas comprovadas por estudos.

Thomas Hobbes por meio do conceito de Estado de Natureza explica a importância de um governo forte para a manutenção da ordem social, já que em situações de dificuldades cabe ao Estado orientar e guiar a sociedade. No entanto, quando se observa o cenário político mundial, percebe-se que em muitos países, a exemplo do Brasil, não há um consenso político no que se refere a iniciativas de combate ao Coronavírus, havendo discordâncias, conflitos e corrupção no interior do governo.

Diante das informações supracitadas é sabido por todos que o governo é o principal responsável por moldar e guiar nosso comportamento, assim cabe a ele entrar em um consenso e deste modo conduzir a sociedade para um melhor caminho através da razão em direção ao combate do Coronavírus, visando sempre o bem-estar e a segurança, enquanto a população deve melhorar e desenvolver sua Educação Midiática através da checagem de fontes e leitura completa da matéria, a fim de que o tecido social não seja manipulado por indivíduos ou empresas e assim não viva na realidade das sombras.



Gakusei no namae

EEEP Dep. José Walfrido Monteiro (Icó/CE)

Orientação: Francisca Claudiana do Nascimento Vieira

Maria Eduarda Bravo M dos Santos

Magno Guilherme Araújo Santos

Francisco Manuel Máximo Lopes

“Milhares de óbitos todos os dias, famílias desamparadas, escolas fechadas, o medo constante junto ao desemprego de tantos habitantes... Um simples gesto de afeto pode ser um meio transmissor da destruição de grande parte da população mundial”.

Figura 1 - Isolamento social



Fonte: <https://pebmed.com.br/o-isolamento-social-durante-a-pandemia-de-covid-19-e-seu-impacto-em-outras-infecoes-em-pediatria/amp/>

Esse cenário caótico, como tantos outros que a humanidade já enfrentou ao longo de sua história, vem trazendo grande terror, mas também uma série de inovações em diversas áreas, tendo a tecnologia como maior beneficiada, empenhando-se para contornar a crise econômica que está afetando inúmeros países nesse momento.

Quando falamos em 2020, é inevitável não relatar sobre todas as novidades ocorridas neste ano tão atípico. Com o retorno das aulas de forma remota, depois do período de 15 dias previsto para o fim do que consequentemente tornou-se uma pandemia global. Como resultado a tecnologia se faz presente na formação acadêmica dos estudantes anexado a utilização dos Apps: Meet, Zoom, Google Classroom, além dos desenvolvidos pelas próprias instituições, como é o caso de uma escola profissional no interior do Ceará, a EEEP DJWM com o app #AgoraVai.

“Não espere por uma crise para saber o que é importante para você”. (Platão)

O qual proporcionou aos estudantes uma excelente desenvoltura, sendo uma ferramenta essencial na aprendizagem ao decorrer do ano letivo. Em meio a tantas adversidades encontradas durante essa fase, é visível perceber a esperança nos rostos dos cidadãos que esperam ansiosamente por uma cura para que possam retornar as suas rotinas.

Tendo como reflexão que somente com a solidariedade e a consciência de nós, seres humanos, será possível deixar a pandemia da Covid-19 unicamente como um acontecimento histórico, em que milhares de vidas perdidas para o vírus, trouxeram, de alguma forma, grande aprendizagem para todos, utilizando da compaixão e da empatia nas relações, assim como diz uma famosa frase do filósofo grego Platão: “Não espere por uma crise para saber o que é importante para você”.

Apesar de todos os contratempos que tivemos que superar, fica um legado: que precisamos estar mais próximo de quem amamos e aproveitar cada momento como se fosse único. Não podemos dizer que foi um ano perdido, foi perdido para quem perdeu a vida, pois todos tivemos que nos reinventar.

De tudo isso devemos tirar ensinamentos para a vida. Viver o hoje e fazermos tudo que desejamos, para depois não nos arrependermos pelo que não fizemos, e que venha a vacina para retomarmos nossa vida sem medo!



Garapa

EEEP Joaquim Antônio Albano (Fortaleza/CE)

Orientação: Francisco Alexandre Coelho

Gabriele Duarte de Lima

Félix de Sousa Pereira

Emily Gomes da Cruz

“Os aprendizados do isolamento social”.

Ao longo da História da humanidade, percebemos como situações caóticas tem um grande poder de ensinar valores importantes para a sobrevivência humana – como a Peste Bubônica, em meados do século XV, evidenciou a importância da educação para a sociedade-, desse modo, podemos compreender que 2020, apesar de ser um ano desafiador e extremamente doloroso, age como propulsor de valiosíssimos debates. Essa opinião é exemplificada na expressão “Varrendo a sujeira para debaixo do tapete”. Sabe quando limpamos a sala e a sujeira é discretamente colocada debaixo do tapete, até que alguém acaba tropeçando no tecido e trás a tona o lixo debaixo? Creio que é exatamente isso que a Covid-19 fez. O coronavírus é a “pessoa que cai no tapete” e faz todos verem a sujeira – os problemas sociais - presente em nosso país.

Um exemplo de sujeira escondida – ou seja, um empecilho enraizado - é o sucateamento educacional, tendo o período pandêmico evidenciado às dificuldades enfrentadas pelos educadores e pelos estudantes.

No momento que foi declarado a pandemia do SARS-CoV-2 – popularmente conhecido como coronavírus-, estudantes e professores do mundo inteiro tiveram que parar suas rotinas e reinventar o modo de aprender e de dar aulas, respectivamente.

A escola é vista por muitos como a principal garantia de um bom futuro, no entanto, a mudança de ambiente – presencial para as telas de aparelhos eletrônicos – foi prejudicial na manutenção desse posicionamento na vida de tantos estudantes.

O início das aulas remotas não contou com a devida preparação dos professores e nem com a capacidade de acesso à internet entre inúmeros alunos. “Quem quer dá um jeito”, essas foram algumas opiniões que dividiram a sociedade quando questionadas sobre a efetividade do ensino remoto, mas dizer para um aluno que mora em um local de difícil acesso e marcado pelas desigualdades sociais “dá um jeito”? Como dizer a um professor “dá um jeito” de dar aulas, sem que ele tivesse treinamento no meio tecnológico?

Infelizmente, o sucateamento educacional impactou acentuadamente a vida de diversos alunos de baixas condições sociais, moradores do interior e de extremidades do país – como ribeirinhos.

Sob esse viés, gostaríamos de lembrar que a educação é um direito de todos e dever do Estado, contudo, em 2020 a ineficácia legislativa foi tanta que vimos uma professora se deslocar 70 km para dar aulas nos meios digitais.

Assim, podemos dizer que essas complicações são provenientes da má gestão de ideias e de dinheiro. Tenho lá minhas dúvidas, se os políticos se preocupem tanto com aluno de origem mais humilde do que seu educador, este que tenta ao máximo instruí-lo na busca de uma vida digna. Essa mesma figura tão importante na vida de seus pupilos, se reinventou para que a educação no estilo remoto continuasse a ser levada para todos os educandos brasileiros. Cabem a eles, nossos mais sinceros agradecimentos.

Nesse contexto, as falhas nos sinais de internet, a quebra de computadores, a divisão de aparelho eletrônico entre vários indivíduos e até mesmo a total exclusão do mundo virtual foram complicações

advindas do isolamento social que demonstram a importância do amparo estatal no desenvolvimento da educação. Dessa forma, o isolamento social ensinou ao cidadão brasileiro que a luta por uma educação pública, gratuita e de qualidade, em todos os períodos sociais, é o modo mais eficiente para encontrar a solução dos problemas nacionais e realizar o progresso da nação. Portanto, a Educação é o ponto de partida, não de chegada.



Girassol vol. seis

Farias Brito Colégio de Aplicação (Fortaleza/CE)

Orientação: Adriano Rodrigues Bezerra

Júlia Parente Freitas

Alícia Arruda Rocha

Pedro de Castro Cunha Claudino

Com o atual panorama pandêmico da COVID-19, parece impossível falar sobre um “nós”, já que a maior parte da população está trancada em suas casas. Em isolamento, passamos muito tempo lamentando os milhares de mortos e os crescentes números de infectados pelo coronavírus e tentando adaptar nossa rotina a um cenário tão assustador. É quase irônico pensar em um “nós” no sentido aristotélico da palavra, o qual entende a natureza humana como inerentemente social, quando uma doença altamente contagiosa impede que nós sequer saíamos de nossos lares. Em prol da saúde coletiva, abdicamos de reuniões com amigos e família, nas quais exercíamos a socialização – uma das atividades que nos torna humanos. Como falar em um “nós” quando estamos, cada dia mais, perdendo-nos em nós mesmos?

“É muito difícil para nós, como animais sociais. Acredito que, quando a crise acabar, as pessoas sentirão ainda mais a necessidade de estabelecer vínculos sociais. Não creio que possa haver uma mudança fundamental na natureza humana.” - Yuval Harari

Talvez o comum a quase todos seja a incerteza e a angústia que acompanham o mergulho que é tentar descobrir como conviver com o tal do “novo normal”. É como se fôssemos vítimas de um “tsunami” invisível, que nos mata um pouco todos os dias e destrói figurativamente as nossas cidades, seja no Ceará seja no mundo. Muito mais que apenas nossa integridade física, a convivência com a constante ameaça do vírus, aliada ao isolamento, deteriora nossa saúde mental. Essa crise sanitária psicológica é ainda piorada quando a individualidade causada pela falta de contato humano

sobrepõe-se ao sentimento de coletividade – o “eu” é posto acima do “nós”. Tal desarmonia fere diretamente o funcionamento da sociedade, a qual, como afirma o sociólogo Richard Sennett, é construída em cima do equilíbrio entre os dois fatores. Assim, a maior valorização da esfera pessoal dificulta a atuação dos indivíduos para um objetivo comum. Nem os nossos espaços públicos, cujas estruturas de concreto sem vida impedem de serem acometidos de alguma doença, são poupados. Para que serve um parque que não recebe crianças ou casais de velhinhos todas as tardes? Dessa forma, o sonho de Milton Santos de construir uma cidade mais direcionada ao homem mostra-se cada vez mais distante durante a pandemia. São as nossas praças, parques e bairros as ferramentas mais eficazes de união de uma comunidade para o bem geral. Não por acaso, a democracia ocidental nasce justamente na região famosa por suas ágoras, praças públicas onde o debate e a reunião dos cidadãos eram estimulados. Contudo, fomos temporariamente privados do acesso a esses espaços de efetivação da sociabilidade e de criação de uma identidade coletiva.

Figura 1 - Fotografia de uma senhora em isolamento social.



No entanto, como ocorre em qualquer período histórico de calamidade, nós fomos capazes de reinventar nossos laços sociais.

Fonte: tinyurl.com/y92znkuz

Fazendo referência à famosa citação de Theodor Adorno, hoje poderíamos nos perguntar: será possível a poesia depois do coronavírus? E a resposta é sim, afinal, sempre conseguimos nos renovar. É por meio da arte, aliada à tecnologia, que encontramos formas de nos unir e de nos ajudar nesses tempos difíceis. Com a arte e a criatividade, resgatamos as memórias e a cultura que nos dão o sentimento de coletividade. Com a tecnologia, recriamos, em nossas casas, os espaços de sociabilidade e identidade que nos foram tirados. Mesmo com todos os impasses, físicos e mentais, relacionados à pandemia, não podemos esquecer que o “nós” permanece e que deve permanecer sempre vívido.



Golden trio

Colégio Paraíso (Juazeiro do Norte/CE)

Orientação: Isabel Brasil de Brito

Maria Luiza Farias Nunes

Ana Liz Gonçalves Machado

Maria Evilânia Souza Cajú

A SARS-Covid 19 produziu um período que marcou e marca a vida de diversos cidadãos, tanto no estado do Ceará, quanto em todo mundo. O vírus nos fez vivenciar uma pandemia, e há uma variedade gigantesca de maneiras de como essa situação afetou a vida das pessoas. Mas a principal dela gira em torno da vida: as vítimas, as vidas perdidas.

A partir do momento em que nossas vidas são expostas, nos sentimos vulneráveis. Cada derrota, cada mudança obrigatória aparenta ter mais impacto, cada notícia ruim passa a abalar mais do que o usual. Tivemos que sair da nossa zona de conforto para enfrentarmos um problema coletivo, para o qual estávamos despreparados. A exemplo da Gripe Espanhola (1918-1919), responsável pela morte de milhares de brasileiros, e por todo o mundo.

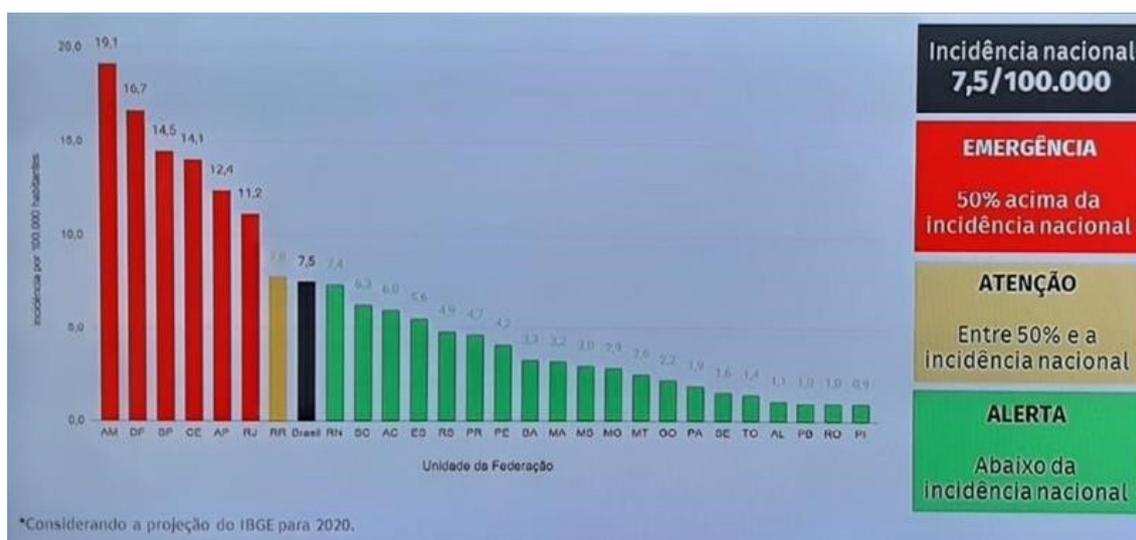
Sendo a ação rápida dos agentes governamentais um dos principais meios para combater a expansão do contágio, diversas medidas foram implantadas, como o lockdown. Medidas que alteraram o cotidiano da população, a economia e os serviços em geral.

Na Educação passou-se a adotar uso de meios tecnológicos para acontecimentos que normalmente ocorreriam de maneira presencial, como foi o caso das conhecidas aulas online em momento síncrono ou assíncrono, estas que por vezes são consideradas como o maior impacto do SARS-Covid 19 no meio infanto-juvenil.

No Ceará é possível encontrar relatos, tanto de alunos quanto de professores, que contam sobre o que passaram e sentiram nesse novo modelo de aulas. Foi um choque quando o Ceará passou a ser um dos estados com maior número de casos da doença, o

que ocorreu ainda no começo da pandemia, segundo dados da UOL. Tivemos medo de sair, de pôr nosso(s) próximo(s) em risco.

Figura 1 - Ceará é 4º estado com maior incidência de Covid-19 por 100 mil habitantes, diz Ministério da Saúde



Fonte: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020>.

As Fakes News, contribuíram e ainda contribuem para a disseminação de pânico e desinformação, criando muitas vítimas ao longo de seu percurso.

Tudo isso contribuiu para uma onda de pessimismo não só no meio escolar, mas em todo país. No nosso meio escolar, era visível o quanto os alunos se esforçavam para não se deixar abalar, lutando por um futuro que parecia incerto e /ou improvável.

Sabemos que isso não aconteceu apenas no estado do Ceará. A SARS-Covid 19 é um fenômeno global, o mundo todo encontrou um inimigo em comum. Os impactos foram vivenciados por todos os lugares. Passamos por muito desânimo, sofremos várias derrotas. Mas é a partir de situações assim que imaginamos e corremos atrás de um futuro melhor.

“A raça humana pode não ser eterna, e muito menos perfeita, mas, movida à curiosidade e esperança, ela soube se adaptar às mais diversas situações. E é a partir delas que nos reinventamos.”¹

Por todos os lugares, cada pessoa buscou sua própria maneira de resistir, de lutar, de não se entregar as dificuldades. Cada ser humano é único e apresenta suas próprias formas de sobreviver. Meu sofrimento, seu sofrimento, não anula o sofrimento alheio, e vice-versa. Por isso, temos a esperança de olhar essa situação no futuro como um obstáculo que não só nós, como muitas pessoas, atravessaram. Um momento histórico a ser superado e não esquecido. Pois lembrar é resistir.

Referências

Ceará é 4º estado com maior incidência de Covid-19 por 100 mil habitantes, diz Ministério da Saúde. UOL, 2020. Fonte: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020>. Acesso em 05 de dezembro de 2020.

¹ Fonte: frase autoral da aluna Ana Liz Gonçalves Machado



Gudarna i Olympus

EEEP Aderson Borges de Carvalho (Juazeiro do Norte/CE)

Orientação: Leônilda Fernandes da França

Cicera Jamily Pinheiro

Raissa de Souza Vieira

Rubem Benicio da Silva

Boccaccio, em “Decameron”, faz uma descrição de Florença, no período em que a Peste Negra aterrorizava a Europa. Esta doença, que assolou a humanidade por volta do século XIV, foi uma das primeiras pandemias já existentes, deixou milhões de mortos e uma Europa destruída. Atualmente, vivemos um momento bastante análogo ao presenciado pelos europeus no século XIV, com a disseminação do vírus Sars-CoV-2. Este, que vem se alastrando por todo o mundo e deixando milhões de vítimas, tem coagido as pessoas a adotarem o isolamento social, como forma de prevenção à doença. Tais circunstâncias têm contribuído para a centralização das atividades cotidianas, como ir à escola e ir ao trabalho, no cenário virtual, acarretando mudanças nos exercícios contemporâneos.

Em decorrência da pandemia, meios alternativos de educação foram aplicados, como o ensino à distância via internet. A estratégia adotada encara problemas como: acesso limitado à internet, sobrecarga de trabalho docente e até mesmo baixa escolaridade dos familiares. Tais problemas acometem não só alunos, mas professores também, que se encontram frente ao seguinte dilema: “Como educar no contexto tecnológico?”

Figura 1 - O ead e o desgaste mental



Fonte: SOUZA, Raissa (2020). Arquivo pessoal.

Em nossa perspectiva de educandos, a estratégia adotada está sendo uma experiência deveras desafiadora; muitos de nós, não possui acesso à internet, acabando por perder grande parte das atividades on-line.

Não ter esse contato com os amigos e nem com os professores é bem difícil, com o tempo eu já não estava mais conseguindo focar nas aulas e nem entender os conteúdos (BARBOSA, Shara, 2020. Entrevista).

Ademais, alguns estudantes acabam desenvolvendo traumas e transtornos psicológicos devido à sobrecarga causada pela enorme quantidade de atividades

escolares. De acordo com Shara Barbosa (2020), aluna da E.E.E.P. Aderson Borges de Carvalho, “Quando as primeiras provas começaram, eu comecei a ter ansiedade, crise de pânico e até deixei de acreditar na minha capacidade de estudos” (Informação verbal). Todos esses desafios acabam por interferir na forma como os alunos se interessam pelo EAD, ocasionando desinteresse e indiferença.

Logo, torna-se evidente, que o atual período vivenciado pela humanidade se mostra repleto de obstáculos e desafios, o que exige que nós, estudantes e professores, nos reinventemos, buscando superar as dificuldades e extrair o máximo de aprendizagem, lições morais e conhecimento. Como elucidou Paulo Freire: “O homem, como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz seu saber”.



Guerreiros de Alencar

EEFM Doutor Gentil Barreira (Fortaleza/CE)

Orientação: Marisnanda Mota Araújo

Amanda Sena Nunes

Camilli Naráyena Nascimento Pinheiro

Ingridh Nohana Carvalho Melo

2020. Dezembro. Chegamos ao último mês de um ano que entristeceu famílias, separou casais e fez o Brasil assistir preocupado a um número crescente das estatísticas que indicavam um povo sofrendo à espera de leitos e respiradores ou de notícias de quem foi ao hospital, sem a possibilidade de se despedir. Como chegamos até o final de um ano tão devastador? Certamente, com a ansiedade pelos dias que virão, o luto por tantas vidas perdidas, o choro pelo trabalhador que precisa sustentar sua família mas perdeu o seu emprego. Sofremos com a paralisação de atividades econômicas, em um cenário pandêmico, e o desamparo do aluno do ensino médio de escola pública, sem conectividade, distante dos amigos, professores e de todo o suporte educacional das aulas presenciais.

Figura 1 - Vidas ceifadas pela Covid-19



Fonte: Folha Pernambuco (2020)

Nesse sentido, como acontece em períodos históricos de crise, o historiador Leandro Karnal, em uma entrevista para a CNN Brasil, afirmou que as classes média e alta enfrentaram

diferentemente a pandemia: enquanto os mais ricos debatiam sobre como lidar com o tédio e a indisciplina das crianças em casa, assistindo a “lives” para readaptar a rotina, os mais humildes lutavam pela sobrevivência, para colocar comida em casa ou comprar o remédio caro de tratamento da Covid-19 e ainda enfrentar o

risco de perder o emprego.

Nesse ínterim, uma das memórias coletivas mais angustiantes foi a das filas nas agências da Caixa Econômica Federal, repletas aglomerações em busca de um auxílio governamental, marcando a imagem de um país muito distante de um desenvolvimento pleno.

Como chegamos até o final de um ano tão devastador?

Para Bauman, que formulou a concepção de “modernidade líquida”, as relações humanas se tornaram cada vez mais frágeis. No agravamento dos picos da pandemia, o descaso com a vida humana, mediante a falta de prevenção do Sars-CoV-2, foi observado nas aglomerações em praias, bares, casas de shows, levando a sociedade a um conflito ético: até que ponto a necessidade do lazer individual implicaria a vida do outro?

Como se não bastassem esses cenários, ainda tivemos os flagrantes de dadãos sem máscara, inclusive autoridades e funcionários públicos, que se intitulavam “cidadãos de bem”. Enquanto isso, as UTIs, seguiam com falta de insumos hospitalares, leitos e respiradores. Se a pandemia nos mostrou muitas debilidades na estrutura a saúde pública, também revelou a face de uma sociedade em crise. Até quando nossa cidadania será obscena?

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

O Mundo Pós-Pandemia com Leandro Karnal - Relações Pessoais. CNN Brasil, 18 abr. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pDMAfc1ya1M>. Acesso em: 01 mar. 2021.

SILVA, Wellington. *A dor da falta de despedida em tempos de isolamento social*. Folha de Pernambuco, 11 abr. 2020. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/a-dor-da-falta-de-despedida-em-tempos-de-isolamento-social/136817/>. Acesso em: 01 mar. 2021.



Gurus do Ceará

EEMTI Liceu Vila Velha (Fortaleza/CE)

Orientação: Walter Braga

Michael Vasconcelos

Sabrina Oliveira

Vitor dos Santos

A pandemia do novo Coronavírus iniciada no território asiático alastrou-se pelo mundo, e logo chegou ao Brasil, onde bateu recordes de casos confirmados tendo milhares de vidas sendo ceifadas.



Fonte: <https://pt.org.br/aglomeracoes-levarao-a-explosao-de-casos-de-covid-19-alertam-especialistas/>

Incertezas, doenças devastadoras, isolamento social total sem a oportunidade de um último adeus, problemas pessoais e mundiais surgem por todo lado. Isso poderia ser um roteiro de uma distopia ou um filme, típico dos que passam na Sessão da Tarde, todavia o cenário citado está de fato acontecendo no ano de 2020.

Esse momento tão singular em que nos encontramos, nos faz refletir acerca de quantas lições e ensinamentos são obtidos nesse período e coisas, antes desconhecidas e distantes da nossa realidade, tornam-se o “novo normal”. De fato, já havia universidades que prestavam o serviço de Educação à Distância, mas esse “serviço” agora está presente na realidade da maioria dos estudantes brasileiros. Agora as aulas, antes cheias de contato, conversas paralelas nos corredores, deram lugar a aula através de aplicativos de vídeo. No geral as aulas mais excluem do que incluem, tendo em conta o quão desigual encontra-se o nosso país.

No quesito higiene, é óbvio que novas atitudes foram tomadas por todo o mundo, dessa vez, os erros acontecidos em 1918, na Gripe Espanhola, serviram como base para não cometermos o mesmo descuido. Nos deparamos com pessoas usando álcool em gel e usando suas máscaras em espaços públicos, sendo isso coisa de herói e mostrando a solidariedade que todos deveriam ter.

Mas a pergunta que sempre volta às nossas cabeças, será que todos estão se prevenindo? Não, existe gente consciente no mundo, mas também existe gente desprovida dela.

Uma frase que pode ser escutada diversas vezes é: “Se não morri até agora, não é uma gripezinha que vai me matar, afinal nem sou do grupo de risco”.

“Negação do vírus, movimentos antivacinas, incertezas e inseguranças marcam a pandemia ocorrida em 2020.”

Infelizmente, pessoas com esse discurso são desinformadas ou ignoram a gravidade acerca da doença, ou não são empáticas, nem pensam no coletivo. Indivíduos que desconhecem o conceito de solidariedade orgânica do sociólogo Émile Durkheim.

Quando é falado sobre desinformação, o cenário político brasileiro em 2020 também deixará lições para o futuro. A ascensão de movimentos negacionistas e a enxurrada de Fake News sobre o vírus são duas das amplas discussões no campo político desse ano. A ciência, antes tão valorizada, foi perseguida por movimentos antivacina, notícias falsas e negacionismo vindo de políticos e da população.

Se formos analisar o que aconteceu com o Brasil nessa pandemia, fica nítido que estamos regredindo. Mais e mais vezes curas milagrosas são vendidas pelas próprias pessoas que deviam ajudar os brasileiros, como a venda de remédios sem sua eficácia comprovada contra o COVID-19, sendo a Cloroquina um exemplo. Claro que com o surgimento de novos chás e medicamentos que prometiam acabar com o vírus, surgiram também os famosos movimentos de negação da ciência.

Enquanto a busca interminável dos cientistas para produzir uma vacina que acabe com o Coronavírus continua, indivíduos já negam sua utilização e preferem os meios milagrosos de “cura”. Também podemos perceber que parte desse preconceito de não aceitar a vacina é o xenofobismo, quando nos é dito que não podemos aceitar nada da China e dos chineses, pois o vírus espalhou-se ao redor do mundo por conta deles, além de combatermos a pandemia ainda precisamos nos preocupar com pessoas xenofóbicas em pleno século XXI.

Percebemos que tempos de pandemia são marcados por ignorância, mas também pela solidariedade para com os outros. Os movimentos negacionistas ganham espaço, mas a ciência torna-se a opção mais segura para gerar a cura para a doença. É certo que nesse momento as dúvidas, o medo e a incerteza afloram na população. As adversidades, as vidas ceifadas, certamente deixarão marcada uma geração, mas nós não nos deixaremos abalar com esse momento traumatizante de pandemia, levaremos como aprendizado, e vamos passar os conhecimentos adquiridos esse ano para gerações futuras.



Harpia

EEMTI Irmão Urbano González Rodríguez (Fortaleza/CE)

Orientação: Ozilane Queiroz

Antônio Araújo

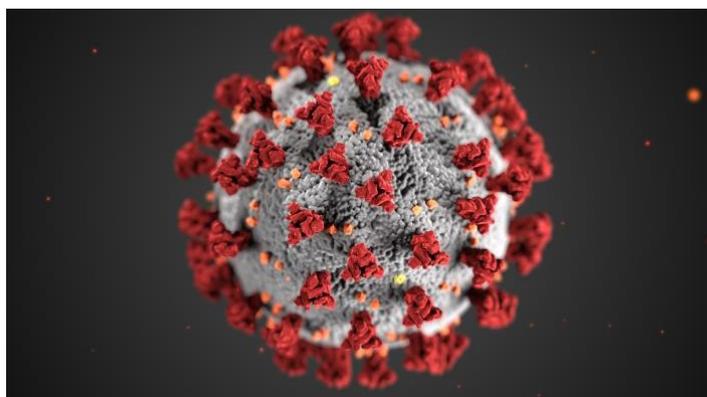
Diogo Cambé

Maria Lucivânia

Em 1918, a humanidade enfrentou um inimigo invisível, tão letal quanto uma arma de fogo: o vírus da Gripe Espanhola. Essa doença surgiu durante a Primeira Guerra Mundial e se espalhou rapidamente com o retorno dos combatentes aos seus lugares de origem. Éramos 1,9 bilhão de pessoas, e os sistemas de saúde entraram em colapso por não conseguirem atender a todos os casos. Médicos e cientistas procuravam maneiras de tratar a doença, mas viram-se diante das limitações tecnológicas daquela época, pois nem antibióticos existiam. Quando o vírus foi derrotado, contabilizamos cerca de 17 milhões de mortes em todo o mundo. Essa pandemia fez a humanidade perceber toda a sua fragilidade.

No século XXI, diferentemente das primeiras décadas do século XX, convivemos com a alta tecnologia. Contudo, o surgimento de um novo vírus letal nos traria muitos prejuízos, pois encontraria maiores possibilidades de propagação por causa dos grandes fluxos de pessoas e mercadorias. Entre 2017 e 2019, cientistas e organizações de saúde previram que uma nova ameaça viral surgiria em algum lugar na Ásia. No dia 17 de Novembro de 2019, foi confirmado o primeiro caso de Covid 19 na província de Hubei, China - uma doença transmitida pelo Sars-Cov-2.

Figura 1 - Morfologia ultraestrutural exibida pelos coronavírus



No dia 11 de Março de 2020, a OMS (Organização Mundial da Saúde) declarou estado de pandemia. Já foram perdidas cerca de 1,5 milhão de

vidas, e 69 milhões de casos foram confirmados até o momento. Mesmo diante das evidências e das experiências do passado, não estávamos preparados para essa crise sanitária que nos atingiu profundamente. Segundo a historiadora e antropóloga brasileira Lilia Schwarcz, um dos nossos maiores inimigos é o negacionismo. Líderes de grandes nações, como o Brasil e Estados Unidos, negaram a gravidade do vírus, optaram por colocar a economia acima da vida das suas populações, dividiram suas sociedades e ajudaram a propagar fake news.

Mesmo com a recomendação dos especialistas pelo isolamento social, a necessidade da retomada às atividades econômicas fez o vírus se espalhar rapidamente em Fortaleza (CE), onde a maior parte da população depende do uso de transporte coletivo, e os ônibus ficam superlotados nos horários de pico. Além da pandemia, tivemos que enfrentar a volta ao mapa da fome e o aumento das desigualdades. Famílias de baixa renda tiveram que sobreviver com o auxílio emergencial, e pequenos empresários fecharam as portas. Mas, como somos um povo solidário e trabalhador, várias ONG's estão atuando na periferia da cidade, e os empreendedores estão adaptando os seus negócios às redes sociais, usando os aplicativos de entregas. O Sr. Valmir de 71 anos, morador do Conj. Esperança, é um bom exemplo da nossa resiliência. Ele voltou a ser marceneiro para ajudar na renda familiar e criou um “porta celular”, provando que sempre é tempo de recomeçar e empreender.

***“Toda crise é capaz de abrir uma fresta,
pequena que seja, de esperança” - Lilia
Schwarcz***



Humanas LG

EEFM Luiz Girão (Maranguape/CE)
Orientação: Carlos Eduardo Oyama
João Guilherme Araújo da Silva
Taynara Siqueira de Oliveira
Francisco Douglas Bandeira Amorim

Eram por volta das 11:20 da manhã do dia 18 de março de 2020, quando recebemos aquela fatídica notícia, fatídica dizemos hoje, por que no dia comemoramos com sorrisos, abraços e um alívio pois ficaríamos alguns dias sem ir para a aula. Sabíamos que existia uma doença, que já estava no Brasil e que acabava de chegar aqui no Ceará, mas o que não tínhamos ideia era de que logo seríamos personagens de uma longa e triste história que viria pela frente e muito menos não tínhamos noção da falta que a escola faria em nossas vidas.



Fonte: arquivo pessoal

Sim, a escola é muito mais importante do que imaginávamos, não apenas as aulas, a aprendizagem, mas durante essa pandemia estivemos pensando em tudo que perdemos e da grande lista destacamos, amigos, colegas, paqueras...

Mas como assim? você caro leitor deve estar pensando, e a internet que aproxima todos? Bem, seria ótimo, mas vamos contar um pouco de nossa realidade. A nossa escola fica em um distrito no município de Maranguape e atende a jovens das mais diversas localidades que compõem a zona rural de nosso município, a maioria dessas localidades, acreditem, não recebe sinal de internet, então como entrar em contato com nossos amigos que estão há quilômetros de distância?

“Sim, a escola é muito mais importante do que imaginávamos”

O distanciamento geográfico e o distanciamento social nos levaram ao isolamento necessário nesse tempo pandemia, mas que tem deixado marcas em nossos corações que nunca vamos esquecer. Como será que está aquela menina linda que trocávamos olhares no recreio? Ah! que saudade de desabafar no ombro do meu professor amigo, ouvir seus conselhos, rir das piadas em sala ou viajar nos fatos narrados pelo professor de História.

Nós entendemos que todas essas perdas não se comparam a todas as vidas que se foram e por mais doloroso que seja estar longe, hoje sabemos que esse distanciamento é necessário, então logo assim que a vacina chegue em nossos distritos, nos reuniremos mais uma vez lá na escola ,para novamente olhar nos olhos da bela garota, chorar desabafando no ombro de minha querida professora e ouvir seus sábios conselhos, rir das piadas contadas em sala e viajar em mais uma aula de História.



Humanitas

Colégio Paraíso (Juazeiro do Norte/CE)

Orientação: André Carvalho Barreto

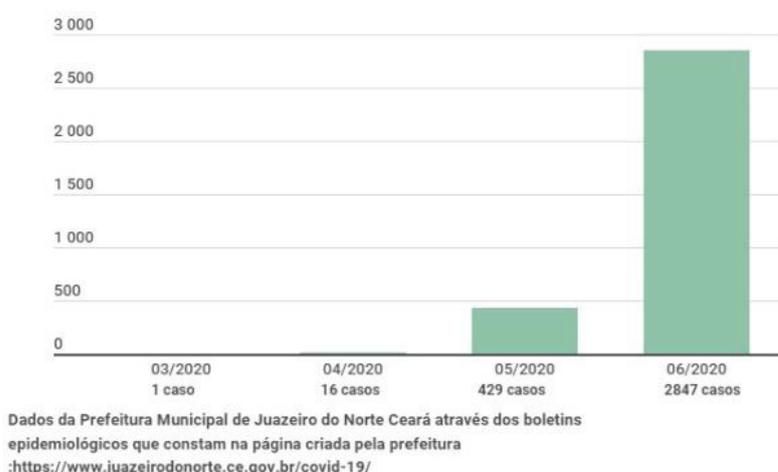
Lídia Diniz

Priscyla Éllen Vieira Barreto

Bárbara Costa Leão

Descoberto com os primeiros casos na China, mais especificamente em Wuhan, o vírus (SARS-CoV-2) causou a COVID-19 e resultou em uma pandemia que alteraria toda uma sociedade, e através do gráfico abaixo é possível perceber o aumento repentino no número de casos em Juazeiro do Norte em 4 meses.

Casos de Covid-19 confirmados em Juazeiro do Norte- CE entre março e junho de 2020



Os sintomas, por mais que sejam comparados a de uma gripe, podem variar de sintomas de resfriados até aos de uma Síndrome Gripal-SG, que se caracteriza por um grau

mais avançado da doença. Os sintomas mais comuns são: Tosse, febre, coriza, dor de garganta, dificuldade para respirar, perda de olfato, alteração do paladar, distúrbios gastrintestinais, cansaço, diminuição do apetite, falta de ar e em caso permaneça deve ser buscada a ajuda médica nos locais indicados de cada localidade. A maneira mais eficaz de prevenção é o isolamento social, visto que essa doença é transmitida através do ar, entretanto, caso haja necessidade de sair de onde esteja fazendo o isolamento é necessário o uso de máscara, evitar colocar a mão no rosto, fazer o uso de álcool e evitar a aproximação com outras pessoas.

Por conta desse isolamento social os jovens ficaram impossibilitados de comparecer à escola, entretanto, visando diminuir o impacto na educação, foi utilizado

o método EAD, ensino a distância, porém graças ao mal preparo dos alunos e dos professores vários conteúdos foram aplicados de maneira insatisfatória prejudicando, assim, o aprendizado, e esse é um dos principais desafios que as escolas terão de enfrentar no período pós-pandemia, justo como questões envolvendo o lado psicoemocional e físico das pessoas que são envolvidas com o processo de aprendizado e ensino.

A pandemia do novo corona virus afeta a todos de forma inimaginável!

Inicialmente classificada como histeria coletiva por alguns governos, a pandemia do coronavírus infelizmente não criou apenas um afastamento temporário, mas também um permanente. Incontáveis mortes, incontáveis famílias seguem sua quarentena com cicatrizes de noites mal dormidas e com uma despedida que nunca pôde ser feita. As diversas baixas que constantemente aumentaram no Brasil, principal nas suas cidades mais ativas, deixaram, ironicamente, um rastro de individualismo, onde, mesmo com tantas vidas perdidas, o país, bem como o Ceará, não parece se comover e seguir com as devidas restrições, pois são “apenas” números. Essa situação, mais uma vez, serviu para mostrar os privilégios da sociedade, onde mesmo durante um massacre nunca antes visto, acabar com sistema público de saúde parece adequado, como se todos tivessem condições suficientes para manter a si, a família e a própria saúde a salvo mesmo em meio a uma onda de desemprego.

Antes víamos as pessoas na rua andando com seus rostos à mostra, hoje vemos apenas faces mascaradas, e quem diria que um dia um acessório tão inutilizado

tornou-se essencial para a sobrevivência. Países que antes estavam em conflitos entre si uniram recursos para criar uma forma de combater o vírus. A tecnologia avançou ligeiramente, em prol de acelerar o processo de surgimento de uma vacina que ajudasse a população mundial. Hoje, os trabalhadores não vão mais aos seus antigos locais de trabalho, e nem os jovens vão à escola. Quartos, salas, cozinhas viraram ambientes de trabalho e estudo, até o banheiro pode ser um desses se for necessário. As crianças não brincam mais “de jogar bola” na rua com os amigos, agora brincam na frente de uma tela. O mundo mudou drasticamente e muito rapidamente. Em resumo, recoloca-se um importante ponto de vista, o ensino. Durante toda essa pandemia e todo o caos da sociedade, instituições como a Escola devem ver o lado dos seus alunos e dos seus funcionários, de forma que a educação seja o vínculo de equilíbrio necessário entre o indivíduo sufocado em casa e a humanização das estatísticas. Tendo em vista a situação atual do mundo, é possível perceber o quanto houve mudanças, sejam boas ou ruins. Agora temos de ter cuidado, cuidado com a saúde, percebemos que o tempo passa rápido e de um momento para outro tudo pode acontecer. Percebemos que não se pode perder tempo, não se pode esperar para dizer “Eu te amo”, não se pode esperar para dar aquele abraço em quem queremos, não se pode esperar para fazer aquilo que você deseja. A vida é curta, e a qualquer momento ela pode ser totalmente modificada. Desse modo, é possível notar a importância da preparação da sociedade para eventos diversos, como catástrofes naturais, guerras e até outras pandemias. Um exemplo de uma sociedade que busca a prevenção de perdas e a minimização de danos é a japonesa, depois de séculos sofrendo com terremotos os engenheiros do Japão passaram a desenvolver uma técnica para prevenir maiores danos durante esses eventos. Então por quê

não haver o mesmo tipo de pensamento mas com uma visão ainda mais ampla na sociedade brasileira? Um exemplo importante é a necessidade da modernização das escolas para deixar os alunos com um maior preparo social, ensinando por exemplo a necessidade de confiar em órgãos de saúde pública quando relatarem a necessidade de um novo hábito, como por exemplo o uso de máscaras. Além disso, esse preparo deve envolver várias áreas da sociedade como esclarecer e preparar trabalhadores de fábricas e de comércios a o que deve ser feito caso haja um desastre natural, ameaça de guerra, pandemia ou qualquer ameaça à sua integridade física, de modo que a economia também seja protegida de possíveis ameaças.



IUGI para sempre

EEMTI Irmão Urbano Gonzalez Rodriguez (Fortaleza/CE)

Orientação: Evilasio Alves

Gabriel Neres Rodrigues

Gabriel Menezes Monteiro

Kayque Taylor Uchoa da Mota

O ano de 2020 foi marcado por uma pandemia mundial, que alterou as relações cotidianas do Grande Bom Jardim, território, formado por vários bairros na cidade de Fortaleza.

Nosso normal - a disputa pelo tráfico de drogas; o amigo negro que morre na esquina; a mulher ou a criança que gritam por socorro; gritos que ressoam cotidianamente pelas vítimas de roubo; a falta de saneamento básico; a criança que chora com fome; o posto de saúde que tem, “mas tá faltando”; o dinheiro que falta para pagar uma condução; a comida que falta; o familiar que morre por falta de atendimento médico; a dengue, e pneumonias diversas; o olhar de preconceito que vira companheiro fiel, desde o nascimento, essa rotina permeada de “chicotes” ancestrais, agora tem um ingrediente a mais, o “novo normal”.



Fonte: Diário do Nordeste; “Grande Bom Jardim”. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/nas-periferias-tratar-a-depressao-requer-superar-estigmas-e-garantir-acesso-a-atendimentos-1.3008580>

Com relação ao isolamento social, condição principal desse novo normal, Leticia da Silva Pereira - estudante de 15 anos, moradora do bairro Granja Portugal, território Grande Bom Jardim, na periferia de Fortaleza - revela:

“o pessoal aqui do bairro, eles falam que esse vírus não os atinge e nem se preocupam muito. Dizem que é só uma gripe forte e que eles estão sobre a proteção de Deus”.

Outro comentário foi feito por um comerciante da rua Oscar Araripe, no Bom Jardim: “Nos primeiros dois dias, eu até fechei meu comércio, mas quando vi que nenhum comércio estava fechando, abri as portas.” E digo mais, durante a pandemia nunca teve comércio fechado aqui na rua”. O que vimos no Grande Bom Jardim foi uma realidade específica, em que as pessoas continuavam saindo de casa, comércios e feiras continuaram funcionando, marcando o descaso de boa parte da população aos protocolos de saúde. Não compreendemos até que ponto o comportamento da população reflete um negacionismo ou resistência social, pois se, para eles, o isolamento social foi visto como mais uma forma de violência contra a liberdade de seus corpos, então, temos resistência, que se construiu a partir de suas próprias vivências diante da pandemia. O mais assombroso, porém, era vermos como líderes políticos se comportavam, pouco se importando com a população, colocando em prática de forma escancarada a necropolítica, esta sim, velha conhecida do Grande Bom Jardim.

Virginia Fontes, coloca em um vídeo do canal boitempo no Youtube, intitulado Crise do Coronavírus ou crise do Capitalismo?, “A pandemia, causada pelo vírus Sars-coV2, representa uma crise econômica do sistema capitalista”, que eclode por um disparador sanitário e como em todas as outras crises, visa garantir que o capital continue obtendo lucros. Nós, moradores do Grande Bom Jardim, pagamos o injusto preço,

com sangue e sofrimento, não só pelas vidas ceifadas pela Covid-19, como pela condição de vulnerabilidade em que vivemos. Morrer por falta de atendimento médico ou por falta de UTI em hospital público faz parte da nossa realidade há muito tempo. A pandemia escancarou nossas vulnerabilidades e nos fez ter um sentimento maior de pertencimento ao local, refletido na resistência cotidiana.



Jericoacoara

Espaço Educacional Monteiro Lobato (Fortaleza/CE)

Orientação: Evanes Brasil

Maria Clara

Clarisse Costa

Ana Cecília

A pandemia da SARS-Covid-19 tem gerado incertezas, dor e sofrimento. É assustador pensar que, em pouco tempo, uma doença desconhecida causou problemas graves, afetando a saúde pública, a economia, mudando costumes e distanciando pessoas.

Diversos meios de comunicação e especialistas em saúde alertam, sobretudo através da imprensa, a respeito da ampla capacidade de contaminação do vírus. No entanto, enquanto pessoas morrem por essa doença, outras promovem eventos, causando aglomerações, descumprindo medidas de segurança adequadas.

O chamado “lockdown”, em português, bloqueio total ou confinamento, é a versão mais rígida do isolamento social. A medida surgiu por conta do aumento de casos do vírus, preocupando autoridades brasileiras que se questionavam: Saúde ou economia?

Porém, a pandemia não pode ser analisada apenas em termos biológicos. A crise é resultado de condições históricas e sociais do capitalismo do século XXI. Pessoas sem condições de sustentar materialmente a sua existência por conta do desemprego, habitações precárias que impedem o isolamento social, a lotação dos transportes coletivos e as fragilidades do sistema de saúde são condições históricas do capitalismo.

“Pronuncio-me enviando esta reflexão às amigas e aos amigos companheiros, numa hora decisiva das contradições do capitalismo e de nossa sociabilidade. Palavras de ciência, esperança e luta a quem é de luta.”¹

¹ MASCARO, Alysson Leandro. *Crise e Pandemia*. São Paulo: Boitempo, 2020

Figura 1 - Corona é um vírus. Capitalismo é uma pandemia.



Disponível em: <<https://www.mujeresdelsur-afm.org/capital-pandemia-feminismo-coronavirus-covid19-capitalismo/>> Acesso em 16 dez.2020, às 10h35min.

A pandemia também nos revelou outro problema inerente ao capitalismo e que nos afeta diretamente: a ansiedade. Pessoas preocupadas e tensas, incertezas quanto à economia, à saúde, ao futuro. O capitalismo sustenta ideologicamente que a humanidade chegou ao progresso, através do uso de tecnologias, inovações no campo da medicina e desenvolvimento econômico. A pergunta é: Progresso para quem?

A tecnologia a serviço da educação não foi garantida como um direito, mas como um privilégio. Crianças em escolas da periferia de grandes centros urbanos do Brasil não tiveram acesso ao ensino através dos meios digitais. Outras que se encontram em áreas rurais também não foram incluídas no chamado ensino remoto. O que dizer do ensino híbrido? Diversas escolas não possuem infraestrutura para a sua implementação.

Porém, por mais desesperador que este momento histórico possa parecer, não podemos desistir. A resistência continua. O primeiro passo é desnaturalizar o capitalismo e ter a esperança em um modelo de sociedade alternativa, inclusiva, democrática e com

respeito à natureza. A construção deste modelo de sociedade cabe a cada um de nós. O primeiro passo é ter esperança. O segundo passo é lutar. O terceiro passo é construir coletivamente este projeto.



Juá

Colégio da Polícia Militar Cel. Hermano Macedo Júnior (Juazeiro do Norte/CE)

Orientação: Gresciliane de Araújo Soares

Deivid Bezerra de Lira

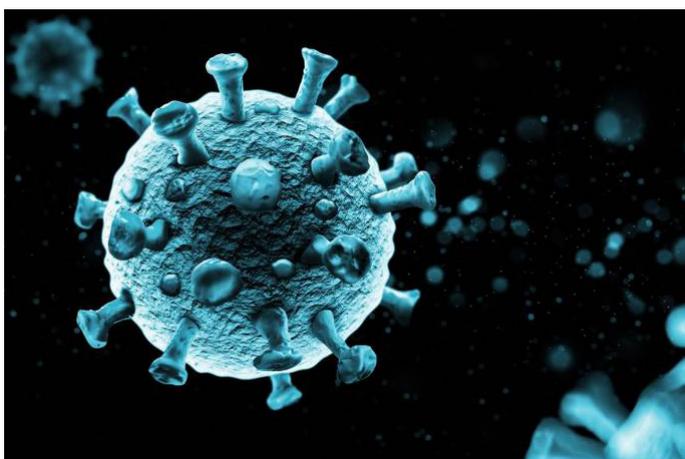
Guilherme Soares Santos

Marane Pereira Sales

O vírus SARS-CoV-2 (Figura 1), causador da doença Covid-19, foi a principal marca do ano de 2020 para o mundo todo, e não apenas para os brasileiros. Começando a se espalhar pela China, a doença se expandiu rapidamente por todo o planeta, com destaque na Europa e no continente americano.

Com as informações de sua propagação na Europa, deveríamos tomar maior cuidado, o que infelizmente não ocorreu no Brasil. Como consequências, ocorreram (e ainda ocorrem) inúmeras mortes. As medidas adotadas à época do surgimento no país, não impediram que a pandemia provocasse tamanha quantidade de mortos.

Figura 1 – Imagem do Coronavírus¹



Fonte: Revista Exame (2020)

para pouco número de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) apropriada para acolher os doentes, afetando a rede de saúde pública e privada. Neste momento de pandemia, cuja principal medida é o distanciamento social, a tecnologia tem favorecido a aproximação das pessoas, além de possibilitar a realização de trabalhos (home office) e aulas remotas.

A rotina de muitos mudou completamente. E, mesmo com os avanços tecnológicos, muitos não foram beneficiados com uso de respiradores. Isso porque a quantidade de doentes era imensa

Vale ressaltar, no entanto, que em 2020, não houve apenas perdas, mas evoluções também, e todos tiveram

¹ Disponível em: <https://exame.com/ciencia/novo-tratamento-para-coronavirus-melhora-sobrevivencia-de-pacientes/>

que se adaptar à essa nova realidade, “novo normal”. Há, entretanto, malefícios em virtude do uso excessivo de dispositivos eletrônicos, como celulares, computadores, tablets, e outros, cujas telas podem causar problemas visuais. O brilho muito alto, a grande quantidade de tempo exposto à tela e o aumento no sedentarismo são fatores prejudiciais resultantes do isolamento e do ensino remoto. Com essa forma de ensino, a tendência é que a concentração dos estudantes diminuam.

Apesar das medidas adotadas à época do surgimento no país não impediram que a pandemia provocasse tamanha quantidade de mortos.

As cidades do Nordeste foram fortemente impactadas com a doença, principalmente a cidade de Fortaleza, ficando entre as 10 com mais infectados do Brasil, durante algum tempo.

As escolas foram forçadas à realização do ensino remoto. Para que essa modalidade de ensino ocorresse, houve a intervenção dos governantes, com fornecimento de estrutura para isso – chips, celulares, tablets e até notebooks e disponibilidade de internet – para os alunos que não tinham condições financeiras. Além disso, o calendário escolar foi afetado, bem como foram adiados vários eventos programados para 2020.

Ante esta nova situação, as pessoas passaram a valorizar as coisas simples do dia a dia, que antes sequer notavam. Porém, a economia teve uma grande queda, com empresas falindo, aumento de desempregados, ampliação da vulnerabilidade social. Poucos estão

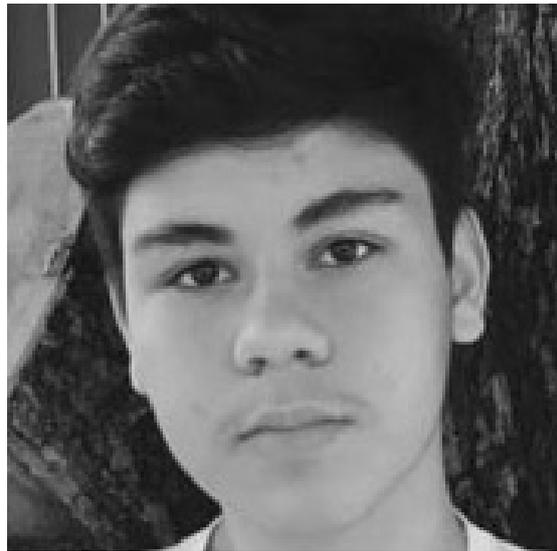
conseguindo sobressair de modo satisfatório da crise ocasionada pelo Novo Coronavírus.

O fato de ficar mais próximo à família e em casa foi essencial, pois muitos já estavam cansados e clamando por isso. As pessoas também começaram a ter tempo para novas coisas, que raramente ou nunca tinham feito, como ler um livro, aprender sobre outros assuntos, investir na sua carreira, organizar ideias e horários, entre outras atividades.

Como algo comum numa situação difícil, houve várias discussões devido a posicionamentos divergentes. Uma delas foi o fato de que uns quiserem ficar isolados, para não aumentar a propagação do vírus, e outros precisarem sair para trabalhar ou algo importante. No final do ano de 2020, foram divulgadas as tão esperadas vacinas. O primeiro país a adotá-las foi a Inglaterra. Várias pessoas começaram até a discutir sobre a efetividade das vacinas. Houve também furtos de ideias para o desenvolvimento do imunizante.

Também, para muitos houve dúvidas de onde realmente o vírus se originou. Deveras, 2020 foi um ano bem peculiar!

Todavia, algo que nunca nos abandonou neste ano foi a esperança e fé numa possível cura.



Kariris

2º Colégio da Polícia Militar do Ceará Cel Hervano Macêdo Júnior
(Juazeiro do Norte/CE)

Orientação: Simone Machado Leite

Maria Fernanda Izaias Novais

Rudáh Bento Matos

Bryan Smith Ferreira Moraes

A pandemia do novo coronavírus se mostrou um terreno fértil para o surgimento de diferentes ideias e pensamentos sobre os mais variados temas e, principalmente, sobre a própria pandemia. Há quem apoie a ciência, quem duvide e quem discorde. Existem aqueles que obedecem às recomendações das autoridades e há quem nem conheça tais conselhos.

“No meu entender, está superdimensionado o poder destruidor desse vírus”.¹

Discursos negacionistas da ciência, que duvidavam da veracidade da doença e que convocavam os ouvintes a desobedecer às normas de saúde difundiram-se pelas redes sociais. Tais atos acabaram unindo uma legião de adeptos em variadas esferas da sociedade, até alguns líderes nacionais, como o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e o presidente do Brasil, Jair Bolsonaro.

Figura 1 - O presidente Jair Bolsonaro se atrapalha para colocar máscara cirúrgica durante entrevista coletiva



Fonte: Adriano Machado/Reuters. Disponível em: <https://f1.uol.com.br/fotografia/2020/03/18/15845630825e72838af26ea_1584563082_3x2_lg.jpg>

Com pensamentos alinhados, os dois líderes citados utilizaram de sua influência e poder para difundir tais ideias a respeito da situação sanitária global. Através das redes sociais, divulgaram vídeos

¹ Bolsonaro diz que 'poder destruidor' do coronavírus 'está sendo superdimensionado', G1, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/09/bolsonaro-diz-que-poder-destruidor-do-coronavirus-esta-sendo-superdimensionado.ghtml>>. Acesso em: 6 de mar. de 2021.

e falas, que questionavam se o vírus era realmente perigoso, como os especialistas da saúde diziam.

Inspirados no Presidente do Brasil, alguns de seus apoiadores foram às ruas, em Brasília, no Distrito Federal, para boicotar e intimidar profissionais da saúde que pediam por ações efetivas no enfrentamento à pandemia, desencadeando um ato de violência contra os trabalhadores. Além disso, muitas pessoas se sentiram confortáveis para sair às ruas sem obedecer às orientações de cientistas e autoridades.

Entretanto, a consequência do negacionismo científico que mais assusta é a quantidade de mortes que não teria ocorrido caso as medidas sanitárias tivessem sido adotadas. No Brasil, estima-se que cerca de oito mil vidas fossem poupadas por mês desde o começo da pandemia, o que reduziria quase pela metade a quantidade de vítimas da covid-19 até agora.

Diante disso, podemos afirmar que o negacionismo científico é tão perigoso quanto o próprio vírus, fazendo com que a ciência perca credibilidade e a população fique dividida em um momento que deveria ser de união. Cabe aos governantes guiar a sociedade para o melhor caminho de saída dessa crise na qual nos encontramos, buscar maneiras para reunir a população e, se necessário, abrir mão de seus ideais em prol do bem comum. Parafraseando o ex-presidente dos Estados Unidos, Abraham Lincoln, o governo deve ser do povo, pelo povo e para o povo.



Legião de Iracema

Colégio Dáulia Bringel (Fortaleza/CE)

Orientação: George Motta

Letícia Colares Carvalho

Yasmin Lounise Rodrigues

Vitória Lima Albuquerque

Quando essa pandemia começou, uma das primeiras coisas pensadas socialmente foi nas diferentes formas em que ela iria atingir a todos. Lembro-me muito bem de uma conversa que tive com uma certa senhora, típica “dondoca” moderninha, moradora do Aldeota, classe média bem média, mas do tipo que gostava de manter a velha ilusão de riqueza da “Belle Époque” cearense; Ela disseminava a ideia de que essa pandemia veio para provar que todos nós somos iguais, pois, afinal, a doença atingiria a todos independentemente de classe, cor ou gênero. Saí dessa conversa refletindo sobre como essa galera que vai da classe média à alta tende a ser meio alienada em relação a nossa cruel desigualdade social e em como essa realidade se comportaria em meio à pandemia da Sars-Covid-19.

Figura 1 - Charge de Duke e a ilustração da mulher com Iphone é do ilustrador Leandro Assis¹



Fonte: Arquivo- pessoal/Montagem – Fonte das ilustrações individuais: Site Politize (<https://www.politize.com.br/desigualdade-economica-5-causas/>)

Depois de 9 meses de “isolamento social”, é muito claro que a pandemia não veio para provar que no fim das contas, somos todos iguais, mas sim para evidenciar

¹ Disponível em: https://www.instagram.com/leandro_assis_ilustra/?hl=pt-br

a diferença com que somos tratados. Ontem mesmo, recebi a notícia da morte de uma tia muito querida, ela tinha 48 anos, ainda era uma mulher jovem, que se foi sem sequer vê um médico, se foi e deixou 4 filhos em casa, doentes e órfãos de mãe. Na última vez que a vi, ela reclamava da falta de água que o bairro dela, Vicente Pinzón, enfrentava já fazia 2 dias, tipo de problema que a tal dondoca do Aldeota jamais se preocuparia em ter, mas é aquela coisa, né? A narrativa é velha, mas sempre se repete: Os pobres mal pagos continuam representando a maior taxa de mortalidade pelo vírus, enquanto os ricos, que vivem em suas casas muito bem estruturadas, com fácil acesso à alimentação, ao saneamento básico e a boas condições de higiene, veem o tédio como o maior problema do isolamento.

“Espero que assim como na Idade Média, o fim da crise seja marcado pelo renascimento.”
(Frase tirada do texto)

Claro, de certa forma, todos sofremos com a chegada da pandemia, mas é necessário ter a sensibilidade de perceber que alguns sofrem mais do que outros, e, em momentos como esse, ter consciência dos próprios privilégios é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa. Talvez o mais triste disso tudo seja o estado de falta de esperança em que nos encontramos atualmente, a promessa de uma vacina que nunca sai, políticos perdidos, despreparados e até bem mal-intencionados se aproveitando das brechas do decreto de Estado de Calamidade Pública para encher o próprio bolso, ou tentando se aproveitar do momento de vulnerabilidade social para fazer propaganda política e enaltecer o próprio ego, dando pouca importância

para as vidas que foram perdidas desde março até o momento. No fim das contas, todas essas tragédias não passam de números na capa do Diário do Nordeste. Ainda por cima, temos que lidar com as constantes incoerências e hipocrisias dos discursos que pregam o isolamento social. É de conhecimento público que esse isolamento só existe no papel. E as causas desse comportamento são diversas, há pessoas que não ficam em casa porque não têm medo ou empatia, outras não ficam em casa porque precisam se expor a fim de trazer sustento para a família, tem quem se recuse a ficar em casa apenas para se “rebelar” contra político X ou Y, e ainda tem aqueles que não ficam em casa porque simplesmente não têm casa.

Logo, no fim das contas, espero que tudo passe, mas não para voltar ao que era antes. Pois, se há uma lição que essa pandemia deixou foi sobre como estávamos fazendo tudo errado. Como estávamos falhando com a natureza e com as pessoas que vivem ao nosso redor. Ela mostrou o quanto a desigualdade social é violenta neste país e como a indiferença com que os mais privilegiados lidam com ela, consegue ser ainda mais cruel. Falamos tanto do “novo normal”, mas esquecemos que o “antigo normal” nos trouxe ao que vivemos agora, não devemos desejar a volta da velha mesmice. Espero que assim como na Idade Média, o fim da crise seja marcado pelo renascimento.

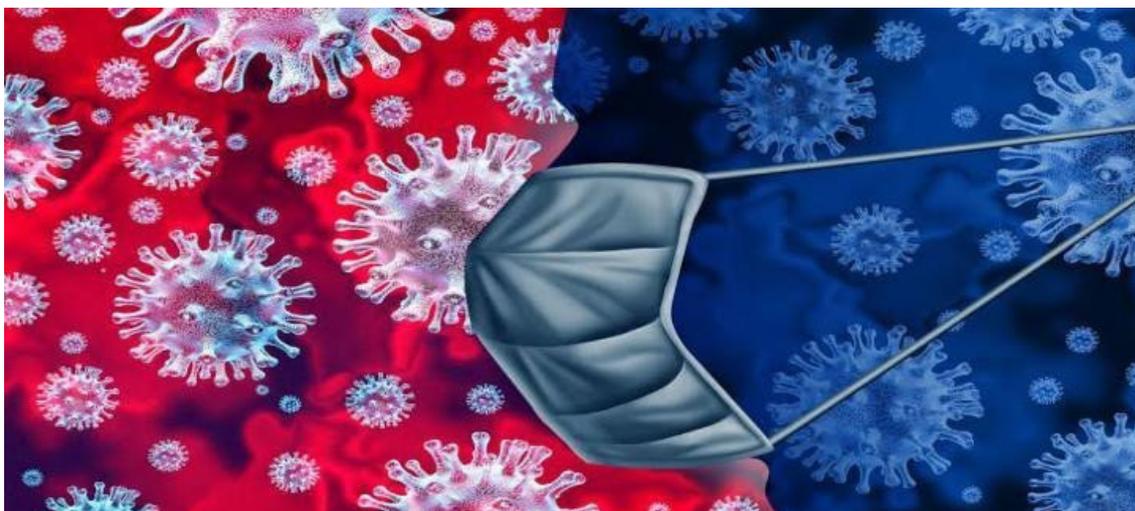


Lírius

EEMTI Prudêncio de Pinho (Poranga/CE)
Orientação: Maria José Gomes Bezerra Oliveira
Julianna Mourão Pinho
Iara Maria Pereira Marinho
Antonia Eduarda Matos Almeida

Qualquer tipo de reforma, se oriunda do organismo social, endossa a insalubridade de um povo e cativa o avanço de outro. O que denota emergente descrédito social é, no entanto, que nenhuma reforma foi proposta, tampouco discutida. Um projeto formatado tempestivamente, sem análise prévia, foi exposto às sociedades - da mais moderna a mais carente -, uma revolução da ociosidade humana contra sua própria vulnerabilidade: a abrupta mecanização comportamental e a acidentada temperança social de um mundo pandêmico.

Figura 1 - “O mundo contra a COVID-19”



Fonte: <https://cutt.ly/rhDneiM>

O imoderado declínio de todos os hábitos, em extensão mundial, foi a mais didática e palpável variação oriunda do estopim da pandemia do SARS-Covid 19, vírus com alto potencial infectológico, que, clandestinamente, deu evasão ao singular momento histórico vivido.

É natural da humanidade que seus níveis de espanto e temor calibrem-se dia após dia, conforme se abstrai a imprevisão quanto à continuidade da vida. Contudo, quando *o caos cresce em progressão geométrica, quando o inimigo não veste farda ou empenha armas visíveis, e*

quando sua força dizima milhões em todo o mundo, aí está a verdadeira suspensão da normalidade.

Aqui, frente à transição entre o velho e o novo mundo, guarda-se, com saudade, as lembranças do amigo que já não habita a casa vizinha, do tio que não estará presente na ceia de natal e, sobretudo, do destemor, que só um tempo de acentuada normalidade pode conferir a um indivíduo que vem sobrevivendo à névoa dos novos dias, e que, mesmo sem resposta, navega à deriva, buscando terra firme.

Neste momento, por unanimidade de compreensão, a mais expressa carnificina de valores se manifesta pela desvirtuação do sistema de saúde e, sem dúvidas, pela decomposta atuação governamental, que inviabiliza a efetiva contenção dos flagelados pelo vírus.

É entendimento genérico que, em tal circunstância, a ciência, a medicina e - o mais altruísta dos sentimentos humanos - a solidariedade, fomentam a arcada de enfrentamento dos efeitos do vírus SARSCovid 19, visto que ambos dialogarão unilateralmente com a tecnologia, com o mundo digital e, principalmente, com o famigerado humano.

O mundo fechou. Trancaram, no mesmo ambiente, o mais abastado e o mais escasso, o insurgente e o cômodo. Foi nesse contexto que os isolados enxergaram sua própria pobreza e, sobretudo, foi em um estado de contínua indecência humana, que emergiu as mais aclamadas virtudes: o autoconhecimento, o acolhimento, a solicitude e o mais amplo manifesto de solidariedade. Assim, em comoção demasiada às vidas perdidas, cita-se uma frase de autoria da grande Cecília Meireles: “Não sorria tranquilo, porque é feio ficar despreocupado com o semelhante só porque ele não é

nosso conhecido ou amigo. Cada estranho é um irmão de destino, que ainda não nos foi apresentado, apenas.”



Losers Club

Centro de Educação Básica e Profissional Professor Luciano Feijão
(Sobral/CE)

Orientação: George Oliveira Mota

Gabriela Ximenes Paiva

Sofia Maria Cunha de Carvalho

Sara Jayane Abreu de Souza

Pode-se dizer que a pandemia teve vários altos e baixos, como, por exemplo, a família acabar se reconectando, filhos, mesmo usando mais ainda o celular, falavam mais com os pais por serem as únicas pessoas com quem poderiam ter contato. Mas, com o excesso de tecnologia que foi usada - tabletes, televisões, celulares e computadores - esse ano, pode-se até dizer que foi a maior taxa, e não só por causa do “home office”, mas atrelado a ele tudo teve que passar a ser online e digital. Na realidade, algo bem presente foram aulas online, as famosas aulas remotas, amadas por uns e odiadas por outros. Claro que há motivos para isso, pois tornou-se mais fácil tirar dúvidas, até mesmo para aqueles alunos mais tímidos. Porém, os professores tiveram muito mais trabalho, por precisarem escolher questões, receber trabalhos, slides para as aulas e, como não previsto, a presença dos alunos não aumentou, para muitos só diminuiu e, com isso, a participação deles também.

Não foi algo planejado quando o vírus, o famoso Covid19, foi espalhando-se pelo mundo e as pessoas tiveram que fechar suas portas e janelas. Em cada país que chegava, tomava conta das ruas, dos medos e das inseguranças.

Para mim e para toda a humanidade, este é um momento de virada. Para mim, porque você chega e vai mudar tudo o que há. Para a humanidade, porque a pandemia escancarou que é impossível seguirmos existindo no mundo da mesma forma” - de Talíria Petrone (editora Boitempo).



Fonte: arquivo pessoal

Ao chegar ao Brasil, na nossa realidade, tudo aquilo parou de ser programa de jornal e virou diário. Pessoas estocavam álcool em gel e máscaras. Crianças e adolescentes afastados das escolas. Moradores de rua se perguntando “onde está todo mundo?”. No entanto, seria romantizar demais se disséssemos que, durante a pandemia, para os alunos limitou-se só a ficar em casa e assistir às aulas remotas.

Durante meses, profissionais de saúde foram para o combate a esse vírus: muitas famílias com enfermeiros, médicos ou farmacêuticos em casa sentiam o medo diariamente: “meu pai vai poder voltar pra casa hoje?” “Minha irmã vai poder ficar no mesmo quarto que eu?”, “Minha filha vai poder me visitar?”

Além disso, durante toda essa quarentena, muitos tiveram que se “reinventar”, por exemplo, continuar seus trabalhos por meio do “Home Office”, ou os alunos continuarem seus estudos com aulas on-line. Mas essa foi realmente a realidade do Brasil?

Nesse país, 1 em cada 4 brasileiros não têm acesso à internet. Mesmo tendo esse direito universal desde 2011. Porém, no país de hoje, o que significa algo ser direito humano? Afinal, mesmo com uma Pandemia, ou seja, um problema global, houve diversas pessoas de classe baixa morrendo e tendo que se reinventar com o que tinham na frente para sobreviver, pois algo ser “direito humano” não significa nada para

elas. O Covid foi apenas uma doença nova na lista das várias que eles têm que tentar se proteger, mesmo não tendo o saneamento básico adequado. Do que adiantou o “Home Office” quando seu emprego é catar lixo na rua? Do que adiantou se muitos empregados domésticos foram obrigados a continuarem com senhores que tinham dinheiro para se tratarem em hospitais enquanto eles ficavam com medo de voltarem pra casa e contaminarem sua família?

E a aula on-line? Com várias brechas na educação brasileira, como que durante um ano um aluno vai aprender com aula remota se nem celular ele teria em casa? Não teria um local para estudar, não teria silêncio, não teria ar-condicionado, não teria livros. Volto a perguntar: do que adianta algo ser direito humano? Se tivermos um pingote de humanidade que resta, saberemos que de significativo não tem nada.



Lourdes e os Vinicius

Master Sul (Fortaleza/CE)

Orientação: Francisco Magela Martins

Vinicius Aguiar Melo

Arthur Vinicius Caetano de Oliveira

Lourdes Maria de Moraes Sousa Firmiano Teixeira

9 de janeiro de 2020, é feito o anúncio dos primeiros casos de infectados pelo vírus Covid-19. Tendo início na China, a doença se espalhou rapidamente por entre os cidadãos, iniciando uma contaminação em massa. Diante disso, conforme os estudos sobre o vírus avançavam, a situação parecia piorar, e não demorou muito para que o mundo fosse feito de refém e forçado a tomar drásticas medidas para combater a doença que chegou a um nível pandêmico.

Sendo assim, nos vimos diante de uma situação desconhecida, estávamos perdidos diante da confusão que era o cenário mundial, que só parecia piorar em consequência das tensões políticas e sociais, as quais desencadearam desconfiança entre os países, junto à disseminação de diversos rumores, que responsabilizavam a população chinesa pela doença e, de certa forma, agravavam a xenofobia já existente contra os asiáticos

Diante de comportamentos como o xenofóbico, percebemos que o covid-19 não é nosso único problema nessa pandemia, mas a falta de empatia, de humanidade, que tem se destacado, principalmente, no período de quarentena, no qual a população necessita pensar não só individualmente, mas também coletivamente, ao ver que uma situação tão crítica não irá se resolver, a não ser que todos tomem contramedidas contra a contaminação.

Dessa forma, tivemos, desde o início, que nos adaptar para ajudar o próximo, por meio do uso de máscara, da caridade, do isolamento social, todos processos cuja cooperação é necessária para seu sucesso, e mesmo que, com uma probabilidade incerta, são a forma mais acessível e eficiente de se combater o vírus.



Fonte: Disponível em: <https://querobolsa.com.br/revista/solidariedade-na-pandemia-universidades-promovem-campanhas-de-doacao-no-combate-ao-coronavirus>

Todavia, a falta de união foi um empecilho que dificultou o combate à covid-19, muitas pessoas se recusaram a obedecer às contramedidas recomendadas, alegando ser uma forma de controle governamental ou um jogo de mentiras disseminadas pela mídia. Para piorar uma situação já caótica, esses argumentos eram reforçados por informações falsas disseminadas em redes sociais, ou sites de fonte duvidosa.

Dessa maneira, nos deparamos com uma realidade absurda: a própria humanidade se sabota, mesmo diante de uma situação como essa, de vida ou morte, pois há pessoas que se recusam a cooperar, visando somente a seus interesses pessoais, esquecendo do que consiste uma sociedade – seres humanos.

“A sociedade é a união dos homens, e não os próprios homens” - Montesquieu¹

Foi então, devido à falta de união que testemunhamos diversas pessoas perderem a vida, o que nos levou a pensar, pensar no quão corrompida está a imagem da sociedade, e o quanto o egoísmo está enraizado em nosso meio de convivência. O mundo passou pela naturalização do egoísmo, afetando as relações sociais que são tão importantes ao ser humano, e a pandemia abriu muitos olhos para a gravidade desse problema, e o quão próxima nossa sociedade está de colapsar pela

¹ <https://kdfrases.com/frase/140127>

falta de valores como solidariedade, empatia e ética. A humanidade precisa acordar e perceber que além de pretos e brancos, ricos e pobres, somos todos humanos.



Magote de matuto

Centro de Educação Básica e Profissional Professor Luciano Feijão
(Sobral/CE)

Orientação: Luis Carlos de Souza Lima

Isa Maria Fonteles Cavalcante

Tereza Vitória Monte Cordeiro Aguiar

Emanuel Pontes Araújo Damasceno

A pandemia de COVID-19 já é, sem dúvida, o fato mais marcante do século XXI. É uma imensa tragédia pensar no número de vítimas perdidas e na quantidade de famílias desoladas que não puderam nem ao menos se despedir do ente querido por conta dos riscos. Porém, o fator mais triste e desumano que esse contexto trouxe foi o escancaramento das desigualdades existentes na sociedade brasileira.

Quando se analisa a fundo, é notório que a questão não possua origens recentes, e sim históricos longos e complexos.

A desigualdade vista hoje veio em conjunto com os navios negreiros, instalou-se no país e fixou raízes tão profundas que persistem e foram o alicerce para a construção do Brasil.

Na atualidade, perceba que a desigualdade afeta em todas as esferas da comunidade, como no início do contágio do vírus. A circulação da doença no país teve começo de acordo com um dos pilares da globalização, o fluxo de pessoas, ou seja, viajantes, em maioria, vindos de outros países, trouxeram a COVID-19, mas como tudo chega primeiro à casa grande e só depois à senzala, a praga difundiu-se em regiões mais vulneráveis, trazendo caos e morte a essas regiões tão desassistidas.

Caro leitor, devemos concordar que o distanciamento social, uma das medidas preventivas contra a transmissão da doença, faz-se necessário, mesmo sendo uma das consequências mais severas trazidas pelo cenário vigente. No entanto, não deixe passar despercebido que tal distanciamento já está presente na sociedade brasileira há séculos, haja vista que as classes

menos abastadas sempre estiveram isoladas socialmente seja pela falta de representatividade, seja pela ausência de oportunidades.

A essa altura você já está compreendendo que a acentuação dessa adversidade se deu na passagem da concentração de casos de COVID-19 das regiões mais ricas para as mais esquecidas, nas quais a saúde pública não funciona ou, simplesmente, não chega. O Boletim Epidemiológico do dia 11/12/2020, divulgado pela prefeitura de Fortaleza, alerta para uma maior taxa de mortalidade do vírus em bairros com IDH baixo, como Pirambú e Barra do Ceará. Esses dados confirmam que o acesso desigual à saúde perpassa por uma rede de relações violentas que priorizam o lado econômico em detrimento à vida.

Sob mesma perspectiva, você pode ver que a segregação racial não é segredo e nem novidade. A ambígua obra de Gilberto Freyre, “Casa grande & senzala”, contribui na edificação do mito de democracia racial que não se sustenta na contemporaneidade e é facilmente desnuda à luz da pandemia. Sendo assim, com tamanha injustiça e descaso pertinente por parte dos dominantes criminosos no poder, há, desde o período colonial, o esquecimento e a falta de empatia desses para com a população mais carente, principalmente quando inseridas em um contexto pandêmico, fazendo com que essas vítimas enfrentem tal calamidade sem auxílio, ou seja, somente “nós e a pandemia”.

Observe, então, que o trabalhador, o mendigo, a mãe solteira e as inúmeras famílias que vivem sem saneamento básico são obrigados a se apertarem nos coletivos para continuar trabalhando, enquanto a parte privilegiada da população descumpra as medidas preventivas como o não uso de máscaras e o desrespeito

ao distanciamento. Afinal, de quem é a culpa? Do trabalhador que, mesmo com uma doença impiedosa, põe sua vida em risco para que continuem se alimentando ou do rico que descumpre regras básicas para a não transmissão do vírus?

Figura 1 - Navio negreiro moderno.



Fonte: <<https://cutt.ly/fhDgWt6>>

Precisamos acordar para a realidade e perceber que não estamos no mesmo barco. Apesar de ser uma pandemia, ela não é sentida da mesma forma entre os filhos de lusitanos e os descendentes de africanos.

Referências

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. 34.^a edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 1988.

PREFEITURA DE FORALEZA. *Boletim Epidemiológico Fortaleza*, 2020. Disponível em <https://coronavirus.fortaleza.ce.gov.br/boletim-epidemiologico.html> Acesso em: 14 de dez. de 2020.



Malala

Farias Brito Sobralense (Sobral/CE)
Orientação: José Geraldo de Oliveira Filho
Geovana Rodrigues da Páscoa Souza
Ana Alice Alves de Sousa
Letícia Viana Vasconcelos

Com o período pandêmico enfrentado pela sociedade, a mediocridade do não pensar é um fator que afeta a todos . A falta de empatia com o outro chega a níveis tão alarmantes que a banalização do mal se faz presente no meio. Será que diante de tantas vidas ceifadas, o ser humano se encontra, fadado e fora da realidade, a ponto de não prevenir a si mesmo, bem como ao próximo?

Figura 1 - Representa o mundo assolado pela Covid 19



Fonte: La pandemia del COVID-19 “continúa acelerándose”, advierte la OMS (expreso.ec)

Nesse sentido, a escritora Marina Colasanti (1995), em uma de suas crônicas cujo nome é *Eu sei, mas não devia* traz justamente o ponto a qual devemos chegar, a acomodação a uma rotina repetitiva, e, assim, a falta de visão ao redor. Qual o momento em que deixamos de nos importar com os números exageradamente crescentes de mortos a cada dia? E o porquê da relutância em usar uma simples máscara, que previne não apenas a si mesmo, mas os que se encontram ao seu redor?

Nessa perspectiva, no livro *Eichmann em Jerusalém* (2000), a filósofa Hannah Arendt traz a pauta sobre a banalização do mal, no qual a autora judia aponta que o mal não tem raízes, não tem profundidade, ele é como um fungo, não tem raiz, nem semente, mas espalha-se sobre uma superfície específica (KOHN, 2001, P. 14). Sob esse viés, vê-se que a realidade atual comprova exatamente isso, uma vez que pessoas se mostram incapazes de pensar e de enxergar a gravidade dos acontecimentos ocorridos até então. Com isso, elas não refletem nem se põem no lugar de outras pessoas, a exemplo do início da pandemia, realizaram a estocagem de alimentos e deixaram outros sem absolutamente nada.

“O mal é como um fungo, não tem raiz, nem semente, mas espalha-se sobre uma superfície específica”

Portanto, o conflito gerado põe em xeque vidas e causa dor e sofrimento em parentes e amigos, pois o ato de agir sem pensar e sem medir as consequências é algo que contribui bastante para a proliferação do vírus, e, uma hora ou outra, o prejuízo chegará até nós, na verdade, já chegou.



Maria Rapadura

Colégio Dom Felipe (Fortaleza/CE)

Orientação: Germano Mesquita

Alicia Rodrigues

Josiel Castro

Marisa Letícia Rocha

No final do ano de 2019 ocorreu o primeiro caso de COVID-19 em humanos, na cidade de Wuhan na China, ocasionado pelo vírus SARS-CoV-2, propagado pelo contato com seus esporos, podendo ter uma manifestação ou não (o que é chamado de sintomático ou assintomático), podendo causar na maioria dos casos problemas respiratórios.

Devido ao efeito da globalização, o vírus se disseminou rapidamente, fazendo com que diversos países sofressem os efeitos de uma pandemia, que afetou tanto o nosso físico e quanto o nosso psicológico, que nesse momento anormal, nos obriga a nos adaptarmos e nos isolarmos.

Contudo, o que é mais evidenciado com a pandemia é a dificuldade de sobrevivência para a população mais precária. A falta de saneamento básico, o aumento no índice de desemprego e a falta de recursos tecnológicos influenciam na facilidade da contaminação do vírus e na dificuldade de adaptação nesse momento do surto. É como prova disso, tem-se os dados da distribuição dos casos na cidade de Fortaleza, revelando que os mais pobres têm as maiores incidência de caso e mortes.

Isso é consequência das proximidades e do tamanho das casas, que sendo menores trazem maior dificuldade de distanciamento. Isso reflete na dificuldade de manter um terreno maior por condições financeiras, podendo favorecer a propagação do vírus.

Figura 1 - Mapa dos bairros de Fortaleza com os maiores números de casos de COVID-19.



Fonte: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/11/19/fortaleza-tem-10-bairros-no-topo-de-casos-de-covid-19-desde-junho.ghtml>

“A nossa grande preocupação são essas comunidades, pelas dificuldades com saneamento, com acesso a água potável, a dificuldade de evitar aglomerações” diz ex-secretário-executivo do Ministério da Saúde, João Gabbardo dos Reis.¹

Outro fator decisivo é a distribuição de água. A falta de saneamento contribui diretamente para a propagação do vírus. Por consequência dessa escassez, a população precisar sair de suas casas à procura de água e serviços básicos, facilitando também o aumento de casos.

Contudo, no nosso estado, os profissionais da saúde junto com o Governo Federal e o Governo do Estado estão agindo diariamente para diminuir o impacto da

¹ Coronavírus: Sem plano do governo para favelas, moradores e organizações se juntam para controlar contágio. BBC News Brasil. São Paulo, 29 de mar. 2020. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52032709#:~:text=Coronav%C3%ADrus%3A%20Sem%20plano%20do%20governo,controlar%20cont%C3%A1gio%20%2D%20BBC%20News%20Brasil>>. Acesso em 10/12/2020.

pandemia e melhorar a adaptação nas comunidades periféricas, por meio de distribuição e isenção da conta de água e abertura de abrigos emergenciais para aqueles que estão em condições precárias, facilitando o distanciamento social e, conseqüentemente favorecendo o decréscimo dos números de casos da COVID-19.

Porém, para a ação do Governo ter 100% de funcionalidade, é preciso a colaboração da população. Nisso, mesmo com meses passando por uma pandemia, ainda é visto cidadãos circulando pela cidade sem o uso de máscaras e aglomerando, trazendo riscos para si próprio e para o outro, ainda que o Governo esteja punindo aqueles que insistem em desobedecer a ordem de isolamento e distanciamento.



Marmininos

Colégio da Polícia Militar do Ceará (Fortaleza/CE)

Orientação: Antônio Wilson de Figueiredo

Samuel Damasceno Sousa

Yasmin Oliveira de Lima

Maria Irismar Rocha Queiroz

As vítimas da covid-19 superam em número as vidas ceifadas por outros surtos patológicos como a gripe suína e o ebola. O vírus que surgiu em Wuhan (China) se espalhou por todo o Globo e afetou diversos segmentos da vida humana, como por exemplo: a educação, a economia, a sanidade mental da sociedade entre outros.

Figura 1 - Milésima curada no Hospital Leonardo Da Vinci



<https://www.blogdolauriberto.com/2020/07/hospital-leonardo-davinci-cura.html>

Nosso mundo padece e o amanhã é incerto. Quem vencerá essa grande guerra afinal?

O Ceará registrou quase 10.000 mortos, uma superlotação do sistema de saúde, o aumento das desigualdades socioeconômica, os efeitos das Fake News, o aumento do desemprego e da evasão escolar. A humanidade está enfrentando desafios sem precedentes (a busca pela cura, os riscos na economia mundial, os impactos no futuro etc.), tendo que aprender a lidar com o desconhecido, combater o medo e entender questões complexas.

Paralelamente a isso acompanhamos o fortalecimento de relacionamentos, o aumento da solidariedade e empatia, uma evolução pessoal que muitos tiveram a oportunidade de ter. Com tanto tempo disponível muitos realizaram desejos que num passado próximo

pareciam impossíveis. Apesar da sombra da tristeza e do luto sempre presente, nós tentamos voltar à normalidade, nos adaptando a novas situações e aprendendo a viver novamente.

Nós e vários jovens de diferentes locais vivemos pela primeira vez uma catástrofe dessas proporções, tivemos que aprender e nos adaptar a este novo cenário, uma nova forma de estudar, de passar o tempo, de trabalhar (para alguns) e de conviver com os outros ao nosso redor. Ao final de tudo isso devemos absorver algo e não repetir os mesmos erros no futuro.

Estamos juntos e separados simultaneamente, e devemos usar isso a nosso favor. É obvio que apenas a coletividade pode nos dar forças para continuar, apenas com o outro podemos solucionar esse problema.

“Não temos outro remédio senão esperar, calma e serenamente, o fim de tanta infelicidade. Esperam os judeus, esperam os cristãos. Esperam os povos de todo o mundo... mas muitos esperam pela morte.” (Anne Frank)

Em meio ao caos, também é possível notar demonstrações de afeto e generosidade. O mundo voltará ao seu eixo normal, mesmo que seja um mundo diferente ainda será o nosso mundo.



Máximus Fidalgo

EEEP Antônio Rodrigues de Oliveira (Pedra Branca/CE)

Orientação: Maria Amélia da Silva Pedrosa

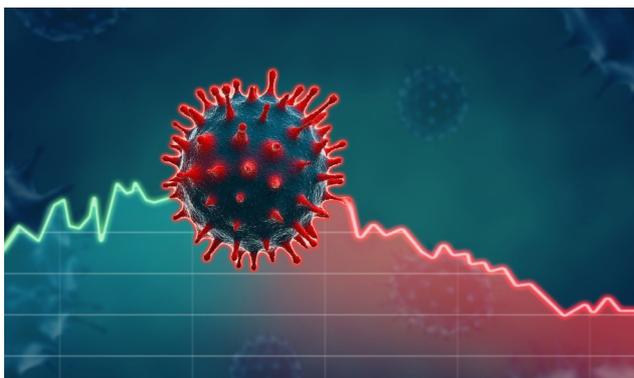
Felipe Oliveira Nogueira

Antônio Neuclimar Gabriel Azevedo Júnior

João Gabriel Duarte Costa

A COVID-19 trouxe problemas dos mais variados tipos. Nunca foi tão necessário ter uma renda invariável e grande como em um momento assim. Por isso, podemos afirmar que ainda bem que no nosso país não há desigualdade social, não é? Nosso amigo, o Karl Marx, quando salienta a trágica luta de classes em suas obras, a exemplo “O Manifesto Comunista”, demonstrando que não importa o momento histórico (de paz ou de guerra): sempre haverá alguém sendo oprimido. Ao olharmos para a crise econômica devido ao Novo Corona vírus não podemos esquecer de Marx e da luta dos trabalhadores em prol de uma vida melhor.

Figura 1 - Coronavírus e a Economia - Negatividade e impactos



Fonte: G1.globo.com

O mito de Sísifo, muito conhecido graças a Albert Camus, fala sobre um rei que após enganar a morte e até o próprio Zeus é condenado à Hades, o qual teria que rolar uma pedra enorme até o alto de uma montanha e, ao findar da noite, ela rolaria o caminho todo de volta. De maneira análoga, apesar de sentirmos dó de nosso herói pelo seu fim trágico, vivíamos (e vivemos) da mesma forma que ele, em fábricas monótonas, em péssimas condições de trabalho e sem a menor crença na mudança de vida.

A COVID-19 trouxe uma mudança drástica na vida, se antes estávamos acostumados com a vida chata em sociedade, agora, estamos enfadados pelo isolamento social. No entanto, lembra que eu falei para não se esquecer do Marx? Pois então, a vida do trabalhador autônomo, que trabalha em aplicativos, com salário

que depende de suas remunerações nunca foi tão prejudicado como agora. Nesse momento, a mais-valia dos empresários nunca foi tão explícita, pois, pelo medo de diminuir o lucro que entra em seus bolsos, eles começaram uma dispersão de funcionários jamais vista. Pensar na quarentena é entender que ela não trouxe disparidades econômicas, mas que explicitou as já existentes e aumentou essa diferença social.

Vale ainda ressaltar que, em meio à pandemia, alguns temas que já vinham tendo um grande engajamento na sociedade, vieram à tona de vez, em especial, os dilemas relacionados à violência de gênero. Com a quarentena, a maneira mais segura de nos protegermos é ficando em casa, fazendo assim, com que o número de agressões contra as mulheres crescesse nos últimos meses, demonstrando outro problema gravíssimo enfrentado pela sociedade.

Portanto, pode-se inferir que não estamos vivenciando apenas a pandemia gerada pelo Covid-19, mas outros problemas com o mesmo peso ou até maior, que vem desde a negligência social, desigualdade e discriminações, que foram ficando cada vez mais expostas, retratando a agonia econômica e social da atualidade.

“Todos os males sociais sempre foram gravíssimos, foi necessário apenas um momento que demonstrasse isso para eles virem à tona.” Felipe Oliveira (membro).

Podemos ter certeza que durante esse ano, os papéis mais importantes foram o da ciência e o da saúde, que mesmo com gigantescas devastações e transformações no mundo, continuam lutando sem parar em busca da

cura para a doença.

Diversos males foram postos sobre a mesa, mas será que a pandemia só trouxe negatividade? Podemos ter quase certeza que não, pois além dos grandes problemas enfrentados, podemos perceber a importância da família, como são boas estas relações e como podemos evoluir mentalmente estando em “confinamento”.

É hora de darmos valor a atos que achávamos pequenos, mas que agora descobrimos o sentido, desde um abraço, até uma coisa mais forte, como um: eu te amo! Estar com alguém importante nunca foi tão crucial, dar valor ao que temos foi e é o ponto marco.



MEMCLA

Colégio Paraíso (Juazeiro do Norte/CE)

Orientação: Isabel Brasil de Brito

Anna Liz Gonçalves Rocha

Maria Clara Cruz

Maria Eduarda Felicio Maia

O novo coronavírus assombra o mundo desde dezembro de 2019, quando foi identificado pela primeira vez na cidade de Wuhan, na China. Em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou o surto da doença como uma pandemia e, desde então, tivemos que reaprender a conviver em sociedade. Na educação, por exemplo, a crise do coronavírus trouxe impactos irreversíveis: professores e alunos tiveram de lidar com a imprevisibilidade e o desafio do “novo normal” através do ensino remoto.

Como prova disso, entre o período de 13 de abril e 14 de maio de 2020, o Instituto Península, localizado na cidade de São Paulo, realizou uma pesquisa com 7.734 mil professores de todo o país; 83% deles, em média, diziam se sentir pouco, ou nada, preparados para o ensino remoto. Os reflexos dessa crise não desestabilizaram somente os educadores, mas também o crescimento intelectual, físico e mental dos estudantes, uma vez que o fechamento de escolas e universidades se tornou uma das principais medidas de segurança para conter a disseminação da doença.

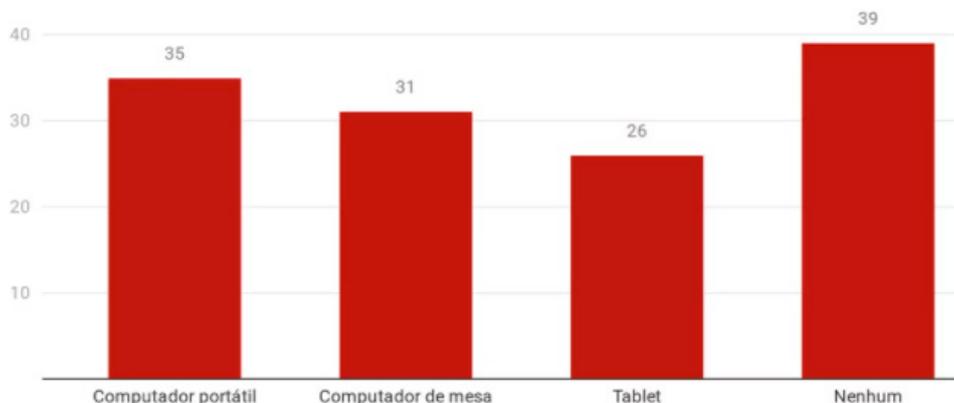
Com a pandemia, o mundo todo teve que passar por mudanças. Na Educação boa parte das instituições passaram a aderir ao ensino remoto síncrono, como uma forma para dar continuidade ao ano letivo.

Porém, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Covid (Pnad Covid-19) afirma que sete milhões de crianças, adolescentes e jovens do país não tiveram acesso a quaisquer atividades do ensino remoto. Tal fator remete a uma desigualdade evidente entre os sistemas públicos e privados da educação básica: somente sete em cada dez estudantes tiveram alguma aula remota. O ensino à distância, para evitar o atraso no calendário de aprendizado, tem sido um

desafio, principalmente para as redes públicas.

Disponibilidade de computador no domicílio, em %

Respostas dadas por alunos de escolas públicas urbanas à pesquisa TIC Educação



Fonte: TIC Educação 2019

Fonte: TIC Educação 2019, Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/06/09/quase-40percent-dos-alunos-de-escolas-publicas-nao-tem-computador-ou-tablet-em-casa-aponta-estudo.ghtml>

Os dados expostos reforçam que, enquanto alunos de escolas particulares aprendem por meio de diversos recursos e estratégias combinadas, muitos estudantes das escolas públicas sequer têm acesso à internet ou aos aparelhos para acessar a aula. Essa pesquisa corrobora com os dados apresentados pela Unicef: cerca de 463 milhões de crianças em todo o mundo não possuem acesso ao ensino remoto, fato que retrata a pobreza e a desigualdade social que existe no mundo.

Percebemos assim, que todos foram surpreendidos com o ensino remoto. Em maior ou menor grau, toda a comunidade escolar teve que se adequar. O processo de adaptação foi bastante difícil para alunos, professores, pais, todos tiveram a sua rotina totalmente modificada. É evidente que, essa nova forma de ensino trouxe consigo vários desafios.

“Todo processo de crise traz consigo alguns ensinamentos e experiências que transformam.” (Marcos Biaggio, 2020)

O fato é que ninguém esperava a chegada dessa pandemia, e muito menos a forma como ela afetou e afeta todo o mundo, de repente, nos vimos obrigados a mudar totalmente nossa vida, para assim conseguirmos sobreviver. Isso representa o quanto o ser humano aprende com as dificuldades, conseguindo assim adaptar-se a diversas situações. Esse pensamento remete a uma fala de Augusto Cury, psiquiatra, professor, autor de muitos livros famosos, “Começo a perceber que o ser humano se adapta a tudo, inclusive ao caos”.

Referências

Em quarentena: 83% dos professores ainda se sentem despreparados para ensino virtual. Instituto Península, 2020. Disponível em: <URL><https://www.instituto-peninsula.org.br/em-quarentena-83-dos-professores-ainda-se-sentem-despreparados-para-ensino-virtual-2/> Acesso em: 05, dezembro de 2020.

OLIVEIRA, Élidea. *Quase 40% dos alunos de escolas públicas não têm computador ou tablet em casa, aponta estudo.* G1, 2020. Disponível em: <URL> <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/06/09/quase-40percent-dos-alunos-de-escolas-publicas-nao-tem-computador-ou-tablet-em-casa-aponta-estudo.ghtml>. Acesso em: 05, dezembro de 2020.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD COVID19. IBGE, 2020. Disponível em: <URL>..<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/27946-divulgacao-semanal-pnad-covid1.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 02, dezembro de 2020.



Menina Benigna

EEEP Governador Waldemar Alcântara (Ubajara/CE)

Orientação: Raimundo Nonato Lima Freire

Yasmin Gomes Pereira

Rafael Roseno Martins

Heloísa Aragão Mendes Pereira

A gripe espanhola — maior pandemia do século XX — provocada pelo vírus Influenza A, causou uma violenta pandemia que atingiu o mundo em 1918-1919. Atualmente, com algumas semelhanças, como o fato de também ser uma pandemia social, um novo vírus, nomeado como SARS-COV-2 ou Coronavírus, vem sendo propagado aceleradamente, assustando a nós e a toda a população mundial, sendo ainda, o isolamento social a melhor estratégia para combatê-lo, já que estamos à espera da imunização.

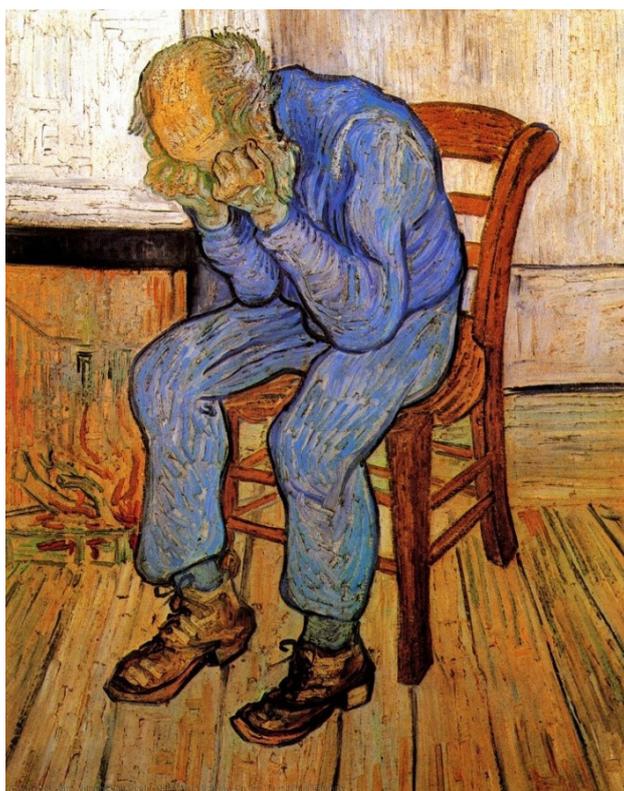
Sob esse prisma, a literatura da vida real apresenta uma situação grave e de extrema urgência, sendo necessário analisar questões de saúde psicológica, principalmente, em tempos de isolamento social. A exemplo, no jogo eletrônico “Gris”, há uma garota que passa por diversas aflições, dentre elas, a dor da perda, realidade esta enfrentada por nós, desde o início do contágio e propagação desse vírus.

Nos últimos meses, nos deparamos com uma mistura de sentimentos que assombra a saúde psicológica de todos, o medo da perda, a exposição às contaminações, a preocupação com a higiene e com os familiares. Todas essas emoções são referências associativas que a jovem passa ao longo do jogo, tornando a personagem cada vez mais forte. Levando-nos a questionar se este ano veio para refletirmos sobre nossas ações ou experiências para fortalecermos nossos vínculos com o próximo e/ou com o meio natural.

Na obra “Homem Velho na Tristeza”, 1890, do pintor Vincent Van Gogh (Figura 1), é refletido não apenas o transtorno depressivo do autor, mas também seu senso de que toda a humanidade vivia com a incerteza. Assim como na pintura artística e ansiedade, solidão, são termos que refletem a realidade vivenciada por nós

e por muitas famílias, no filme, vivemos com o temor constante do vírus. Aflições, ansiedade, solidão, são termos que refletem a realidade vivenciada por nós e por muitas famílias, principalmente aquelas de maior vulnerabilidade social.

Figura 1 - Homem Velho na Tristeza (No limiar da eternidade).
Vincent Van Gogh, 1890.



Fonte: (Disponível em: [https://pt.artsdot.com/@/8XZ573-Vincent-Van-Gogh-homem-velho-na-tristeza-\(-no-limiar-da-eternidade-\)](https://pt.artsdot.com/@/8XZ573-Vincent-Van-Gogh-homem-velho-na-tristeza-(-no-limiar-da-eternidade-).)). Acesso em: 15 de dezembro de 2020)

Assim, as pessoas precisam aprender a pensar coletivamente, a serem humanitárias, e se colocarem no lugar do outro, pois vivemos em um período de muitas dificuldades, onde uns perdem entes queridos e outros espalham o vírus através de aglomerações, tais atitudes impensáveis trazem consequências irreparáveis. São situações e sentimentos perpassados por nós, desde a paralisação das aulas, em meados de março deste ano.

“Que tempos são estes, em que temos que defender o óbvio?” — Bertolt Brecht, (1898 – 1956).¹

¹ Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTM0NTU4OA/>. Acesso em: 15 de dezembro de 2020



Meninas Mandacaru

Colégio Perpétuo Elpídio Ferreira (Quixeramobim/CE)

Orientação: Janyelle Dayse Silva

Anna Liz V. Mendes

Ana Clara Andrade Alves

Ana Clara Lemos Batista

Colocamos todas as expectativas positivas para recebermos o ano de 2020, no entanto esse foi o ano que virou nossas vidas de ponta-cabeça, em todos os âmbitos, uma verdadeira seleção natural. Vimos que ao mesmo tempo em que pessoas cresceram nos negócios e realizaram sonhos, outras perderam entes queridos ou se afogaram em uma verdadeira prisão mental, sozinhas e carentes de afeto.

Inicialmente, foram 15 dias em casa, em isolamento social, para evitarmos o contágio de um vírus do qual não sabíamos muita informação, apenas que, segundo os noticiários estava causando a morte de milhares de pessoas. Nesse primeiro momento de isolamento pensávamos que tudo se resolveria rapidamente, mas não foi bem assim. O coronavírus se espalhou tão rápido, que quando percebemos os casos já estavam chegando até nas pequenas cidades. Toda essa situação aterrorizou as famílias, que passavam álcool em gel constantemente e dificilmente saíam de casa. Contato com familiares? Apenas por ligação ou mensagem.

Muitas vezes batia uma angústia com a nova realidade e surgia um misto de dúvidas, pois ao mesmo tempo em que víamos os números de mortes, famílias em desespero, um caos se instalando, também começaram a aparecer pessoas sorrindo, viajando, apreciando praias lotadas. Então vemos que é sim necessário relaxar, desacelerar, tentar não se amargurar com tanta tristeza, mas lógico que isso não deve ser feito de forma irresponsável.

Vale também ressaltar as dificuldades enfrentadas no método de EaD, o uso excessivo do celular além de causar ardência nos olhos, muitas vezes causam dores de cabeça. O acesso às plataformas educacionais mostrou de forma nítida as desigualdades sociais, pois

muitos estudantes não dispunham nem de alimentos, muito menos de celulares, computadores e acesso à internet.

A pandemia fez mudanças em muitas coisas, inclusive nas pessoas, cada um de nós mudou um pouco; opiniões, novos conhecimentos, gostos e estilos.

Passar mais tempo em casa possibilitou que aproveitássemos para escutar música, conversar com amigos, assistir filmes, relaxar, desenvolver hobbies, conhecer melhor as nossas individualidades e cuidar mais da saúde, mas sabemos que nem todos puderam aproveitar o tempo desta forma.



Charge de Jean Galvão, 24 de maio de 2020. Publicada no site da Folha de São Paulo. <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1665451251642050-charges-maio-2020#foto-1665994324314294>

Com isso também analisamos: o que realmente é necessário? Enquanto vários países já saíram do estado emergencial, outros assim como no nosso país, a situação se agrava. Encontro com os amigos, festas, bares, academias, aos poucos a situação foi se tornando o que chamamos de “novo normal”.

Sim, é possível, difícil, mas isso é se adaptar. Não é porque deixamos de sair de casa preocupados com o

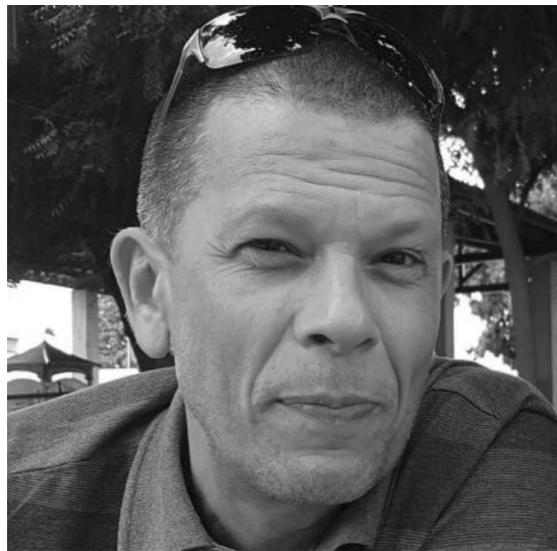
todo, que deixamos de nos preocupar conosco, muito pelo contrário, é quando você passa a se amar e valorizar, que você pode amar ao próximo.

É preciso pensar no todo, para que o mundo melhore. Amor e empatia, duas atitudes que estão em falta, e são mais do que necessárias para que sobrevivamos. Sempre, em todos os tempos, elas foram necessárias, e agora principalmente, quando nosso planeta mais uma vez clama por socorro, para que abramos nossos olhos e despertemos, para mudar, e finalmente, fazer as coisas da maneira certa.

“É preciso pensar no todo para que o mundo melhore”.

A história é marcada pela ocorrência de pandemias. Elas sempre estiveram e sempre estarão presentes, cabendo a humanidade encontrar soluções para superá-las e se preparar para enfrentá-las. Apesar de termos na Presidência da República alguém que em diversas ocasiões minimizou os impactos do coronavírus precisamos resistir a essa onda de indiferença e fazer a nossa parte.

Esse pode parecer um ano que foi em vão, onde não conseguimos realizar boa parte de nossos sonhos, tivemos que mudar nossa forma de viver, mas foi um tempo de aprendizado para todos, e espero que as pessoas reavaliem suas atitudes, pois tantas mortes não podem ter sido em vão, não foram apenas números. Que a crise gere pessoas melhores, mais conscientes e menos egoístas.



Nirvana

Colégio Paraíso (Juazeiro do Norte/CE)

Orientação: Horácio Pirro

Andrezza de Lima Neves

Suélida Vitória Lopes Bezerra

Larissa Sampaio de Sá Ribeiro

A pandemia de Covid-19, causada pelo Novo Coronavírus repercutiu não apenas em ordem epidemiológica em escala global, mas também desencadeou impactos socioeconômicos, políticos e culturais. Enfrentamos mudanças que até então nunca haviam sido sequer cogitadas de tão atípicas. Com a pandemia, foi possível olhar para nosso país com lentes mais empáticas e claras que evidenciam a grande disparidade socioeconômica vivida por grande parte da população. Logo que o vírus se alastrou pelo território brasileiro, medidas foram tomadas para frear o avanço do tão temido Coronavírus; dentre elas, a medida de proteção de maior repercussão foi o isolamento social, este se tornou um divisor de águas na sociedade, tomando rumos ideológicos e políticos. É notório que as diferenças sociais têm um grande impacto e desempenham papel decisivo no cumprimento das normas de segurança, fato que fica explícito, por exemplo, ao entendermos que cumprir a quarentena em uma casa luxuosa torna-se muito mais confortável e conveniente do que em uma casa desvalida da periferia. Mais do que uma medida preventiva, o ato de ficar recluso gerou uma série de discussões, como o embate entre os trabalhadores informais, que não possuem uma renda fixa e dependem do trabalho diário para se manter, e aqueles indivíduos, (em sua maioria jovens) que desrespeitam a quarentena apenas para satisfazer seus interesses, mesmo estando cientes do risco de contaminar os servidores públicos e autônomos.

Esses e outros fatores são determinantes até mesmo para nortear os índices de contaminação, partindo da noção de que as pessoas com menor poder aquisitivo se concentram nas áreas mais marginalizadas do país. Outrossim, o ano de 2020 com certeza nos cobrou bastante resiliência para lidarmos e nos adaptarmos aos ocorridos. Um âmbito de peso está no isolamento

e distanciamento social, passamos por eventos traumáticos sem poder contar com o afeto e contato próximo daqueles que nos importamos. Como bem expressado no trecho do filme ‘A cinco passos de você’:

“Nós precisamos ser tocados por quem amamos quase tanto quanto precisamos do ar que respiramos”.

Somos seres sociais, vivemos em comunidade e contamos com o carinho e amor das amizades que adquirimos como porto seguro para grande parte dos problemas; mas a pandemia acabou interrompendo essa interação usualmente tão íntima e necessária, afetando não apenas encontros casuais, mas também alterando totalmente a maneira como lidamos com o luto e a perda de amigos e familiares. A necessidade do isolamento corroborou para que houvesse a quebra de uma das tradições mais antigas realizadas pelo ser humano, a de enterrar os entes queridos. Tal fato gerou uma comoção coletiva e contribuiu para obtenção de perturbações e distúrbios psicoemocionais em grande parcela da sociedade. Entretanto, mesmo em meio à situação de calamidade que estamos enfrentando, ainda foi possível observar que as pessoas continuam incorporando questões sociais em seu cotidiano em movimentos e protestos como o “Black Lives Matter”, que ganhou muita repercussão nos últimos meses após o caso de George Floyd, um jogador negro norte americano que foi brutalmente assassinado em um crime de racismo policial. Diante disso, achamos importante apontar que mesmo com o cenário caótico que estamos vivenciando, muitos ainda buscam se conectar uns com os outros e fazer o possível para se manterem estáveis e com os laços afetivos fortes, afinal, todos esses acontecimentos, apesar de grandes desafios,

estão nos fortalecendo enquanto indivíduos.



Fonte: Arquivo Pessoal



Nordestinas raízes

EEM Menezes Pimentel (Pacoti/CE)
Orientação: Larissa Karen A. Barbosa
Camille Victória
Daniele Conrado
Melissa Ewellen

O ano de 2020 será lembrado por todos pelo ocorrido que causou caos no mundo todo, a grande pandemia do Covid-19. Em alguns anos, o marco dessa pandemia que se alastrou mundialmente, estará escrita nos livros didáticos.

“A nossa mãe, a Terra, nos dá de graça o oxigênio, nos põe para dormir, nos desperta de manhã com o sol, deixa os pássaros cantarem, as correntezas e as brisas se moverem, cria esse mundo maravilhoso para compartilhar, e o que a gente faz com ele?”, trecho publicado pelo líder indígena Ailton Krenak, ambientalista e escritor do livro gratuito “O amanhã não está à venda”, no ano de 2020.

A mãe natureza nos dá de graça e a única coisa que pede em troca é o nosso cuidado, o nosso zelo. Com tantas ambições e desastres na natureza provocados por nós foi preciso um vírus para percebermos e começarmos a pensar sobre o que é realmente importante na vida. O mundo está agora em constantes transformações. Não sabemos se vamos sair dessa experiência da mesma maneira que entramos.

***“Se voltarmos à normalidade é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas”
(KRENAK, p. 09, 2020).***

Não podemos negar que existem e continuarão existindo inúmeras dificuldades e em meio a tantas mortes, surge o maior desafio da vida estudantil de alunos e professores, de se reinventarem e encontrarem uma nova forma de levar o aprendizado.

A pandemia para nós estudantes de ensino médio do último ano foi uma constante surpresa, separados e tendo aulas remotas, um grande desafio e um momento educativo que fez com que a escola entrasse em nossa casa. A oportunidade de quem vai continuar é a maior possível em estudar, para que em 2021 possam transitar para um modelo de projetos, avaliações formativas e trabalhos colaborativos.

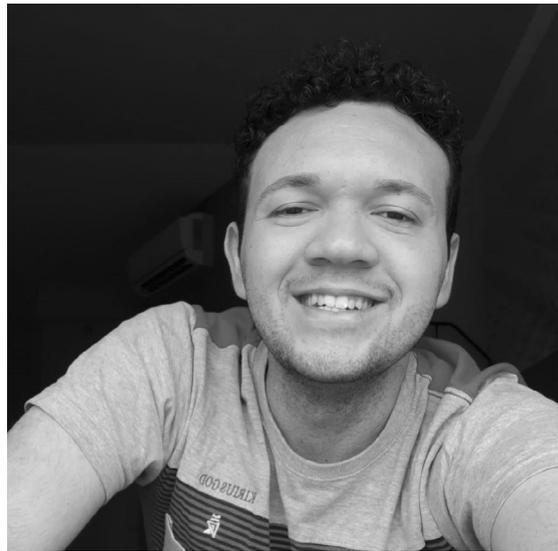
Acredito que o período de adaptação a esse “novo normal”, foi aos poucos se tornando a nossa rotina. As famílias intensificaram o tempo de convivência no lar e surgiram as dificuldades nos relacionamentos entre pais e filhos. O maior tempo de convivência ao mesmo tempo pode ser positivo, mas requer desafios a serem superados.

Figura 1 - Família ficar juntos em casa durante a pandemia de covid-19



Fonte: Freepik – Vetores.

Muitas famílias puderam se reconectar, jantar juntos e partilhar um pouco do seu dia. Essa pandemia trouxe a possibilidade de que estes ajuntamentos familiares tivessem momentos reunidos que não aconteciam por muito tempo, então nem tudo foi perdido nessa batalha contra o corona vírus.



O Rebate

Colégio Módulo (Juazeiro do Norte/CE)
Orientação: Débora de Moraes Esmeraldo
João Matheus Balduino Soares
Bárbara Milene Moraes de Souza
Lívia Maria Gualberto Clemente

A nova pandemia do covid-19 não só modificou as eleições de 2020 como também sofreu interferência da gestão pública a nível federal, estadual e municipal.

Apesar das medidas de segurança recomendadas pelo Ministério da Saúde, as aglomerações devido às campanhas eleitorais continuaram a constituir um risco para a saúde da população, sendo esperado um aumento no número de pessoas contaminadas.

Figura 1 - Ministério Público de Juazeiro vai punir campanhas por aglomerações e aumentar fiscalização.



Disponível em: <<https://www.f5cariri.com.br/2020/10/ministerio-publicode-juazeiro-vai.html?m=1>>. Acesso em: 12 de dez .de 2020.

Nesse viés, a estabilidade da taxa de contaminados pelo Sarscov-2 nos municípios de Crato, Juazeiro e Barbalha desde o início do período eleitoral em 27/09/2020 até duas semanas após a última data de votação leva a um questionamento quanto à veracidade dos dados epidemiológicos e à competência dos gestores públicos em controlar a crise pandêmica.

Como agravador deste contexto, o vírus afeta mais gravemente os pobres e marginalizados, duplamente abandonados pelo serviço público.

Nesse sentido, nós nos questionamos sobre o porquê de os números dos boletins epidemiológicos semanais não estarem aumentando em face das aglomerações de desmascarados as quais víamos. Segundo uma matéria do Brasil61, em que o Secretário de Saúde da Bahia fala sobre o Covid e as eleições, competência dos gestores públicos em controlar a crise pandêmica.

Como agravador deste contexto, o vírus afeta mais gravemente os pobres e marginalizados, duplamente abandonados pelo serviço público.

Nesse sentido, nós nos questionamos sobre o porquê de os números dos boletins epidemiológicos semanais não estarem aumentando em face das aglomerações de desmascarados as quais víamos. Segundo uma matéria do Brasil61, em que o Secretário de Saúde da Bahia fala sobre o Covid e as eleições,

“Alguns municípios estão se recusando a testar a população com medo de que isso possa ter um impacto nas eleições desse ano”.

Dessa forma, como a curva de casos e morte não aumentou nem em nível nacional, nem estadual, nem municipal, acreditamos que poderia haver uma relação de semelhança entre o que ocorria nos municípios baianos e o Crajubar cearense: a subnotificação e a testagem insuficiente da população.

Tendo isso em vista, observamos a ironia que eram essas ações de campanha: os prefeitos e vereadores, que

supostamente devem executar e elaborar ações em prol do bem comum, realizando as aglomerações de fins políticos que resultariam na sobrecarga do serviço de saúde.

Será que a política de nossas cidades estava a proteger a integridade física e emocional dos eleitores?

Essa realidade vai de encontro ao conceito de biopoder elaborado por Foucault, uma vez que em vez de gerir a vida e seus inúmeros aspectos, as ações políticas de aglomerações em 2020 privilegiaram o interesse individual dos candidatos cordiais em detrimento da manutenção da vida dos indivíduos que compõem o corpo social.

Toda essa conjuntura é agravada pelo analfabetismo político da população juazeirense, cratense e barbalhense. Tal conceito cunhado por Bertolt Brecht disserta sobre as consequências práticas da falta de entendimento político de um indivíduo.

Destarte, essa repulsa à política ideal abre espaço para as negociações e favores oferecidos pelos candidatos aos seus apoiadores, resquícios do clientelismo. Aos assalariados das gestões atuais, restou participar das passeatas na esperança de manter seus empregos. Por outro lado, aos apoiadores da oposição, restou participar das aglomerações a fim de conseguir trabalho em caso de vitória de seu candidato.

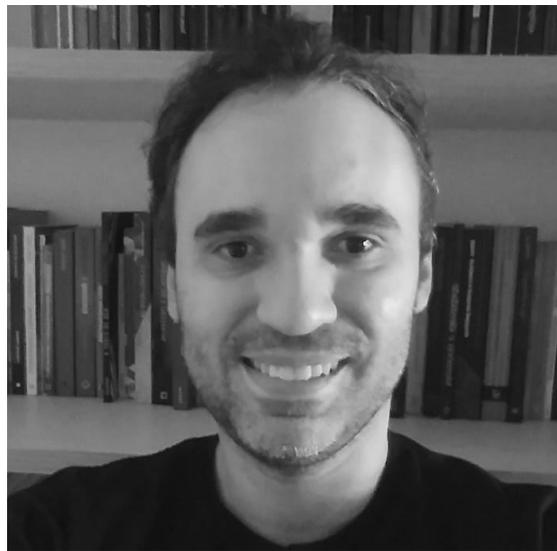
Em suma, vale reforçar a importância de participar e entender o contexto político, visto que ressoa na realidade coletiva e que está diretamente conectado com nossa integridade física e psicológica enquanto indivíduos, conforme vislumbrado durante esse período pandêmico.

Referências

CEARÁ. Governo do Estado. Secretaria Executiva de Vigilância e Regulação em Saúde (SERVIR). *Boletim Epidemiológico Covid-19 nº 55*. Fortaleza. Dez. 2020. Disponível em: <<https://www.saude.ce.gov.br/download/covid-19/>>. Acesso em: 10 de dez. de 2020.

Mortes e casos de coronavírus nos estados. *G1*, São Paulo, 26 de fev. de 2021. *Bem estar*, Coronavírus. Disponível em: <<https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movel/?ga=2.27532021.899946390.1614454428-f4828ec0-956d-dd0a-0400-c396b864c511>> Acesso em: 27 de fev. de 2021.

“Municípios estão se recusando a testar população contra a Covid-19 com medo do impacto eleitoral”, diz secretário de Saúde da Bahia. *Brasil61*. Brasília. 21 de out. de 2020. Disponível em: <<https://brasil61.com/noticias/municipios-estao-se-recusando-a-testar-a-populacao-contra-a-covid-19-com-medo-do-impacto-eleitoral-diz-secretario-de-saude-da-bahia-bras202293>>. Acesso em: 12 de dez. de 2020.



Ochenti

EEEP Paulo VI (Fortaleza/CE)

Orientação: Paulo Giovanni

Sthephanny Beatriz

Luan Augusto

Janielly Rodrigues

“Os profissionais da linha de frente, em alguns momentos, receberam homenagens, mas a realidade é que eles incluíram em suas rotinas preocupações...”

A presença dos profissionais de áreas essenciais foi de extrema importância para a população, especialmente na pandemia. Enquanto o recomendado era ficar em casa eles se arriscaram, colocando a sua vida e a de seus familiares em risco para que a população pudesse estar a salvo em suas residências, evidenciando os profissionais de saúde, que trabalham em áreas com um grande índice de contágio.

No Ceará, um dos estados mais afetados pela COVID-19, foram confirmados 319.306 casos do novo coronavírus de acordo com a última atualização publicada pelo IntegraSUS no dia 15 de dezembro. Do número total de casos, 18.178 infectados foram trabalhadores da área de saúde, o que representa 5,7% das ocorrências acometidas pela doença. É um dado assustador e de extrema relevância.



Fonte: <https://images.app.goo.gl/Qm6rT8JzVvHyre9r5>

outro ponto alarmante entre os profissionais da área. A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda

A imagem ao lado mostra um paciente curado da COVID-19 homenageando os profissionais de saúde.

O aumento das taxas de ansiedade e depressão é

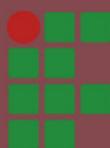
identificar grupos de pessoas com tendência a desenvolver problemas emocionais, dentre eles estão os profissionais de saúde, pois com o aumento de sua jornada de trabalho, a necessidade e falta de Equipamento de Proteção Individual (EPI), o medo da contaminação e transmissão para a família podem desencadear uma série de estados disfóricos, como estresse, irritabilidade, desespero, fadiga física e mental que podem levar à solidão e ao desânimo. Os efeitos do descaso da população com o vírus despertou uma tensão muito grande no cotidiano desses profissionais durante sua rotina de trabalho.

Além do descaso da população, que por meio de suas ações mostrou sua desvalorização com aqueles que ali estavam em situação de vulnerabilidade, o Governo Federal também não agiu de forma coerente quanto à saúde pública. Os profissionais da linha de frente, em alguns momentos, receberam homenagens, mas a realidade é que eles incluíram em suas rotinas preocupações financeiras, pois as autoridades começaram a não bonificar os trabalhadores com a remuneração adequada, como no Rio de Janeiro onde 1,8 mil profissionais foram afetados.

Tendo em vista toda a crise sanitária na qual estamos vivendo, são evidentes as consequências irreversíveis deste período submetidas aos profissionais. O papel do cidadão se faz fundamental nesta batalha, por isso é indeclinável seguir todas as recomendações da OMS como o distanciamento social, cuidados com a higiene pessoal e o uso de máscara. Sem a compreensão e colaboração da população e do Governo, se torna inviável obtermos avanços na diminuição do número dos casos, prejudicando assim, não só a vida dos que estão na linha de frente mas a de todos.

Nós e a Pandemia

VOLUME II



INSTITUTO FEDERAL
Ceará



alias